Ataques do bilionário Elon Musk contra o ministro Alexandre de Moraes reforçam a necessidade de regulação das redes sociais pelas autoridades brasileiras

INÊS 249

GUEST SPEAKERS

MICHEL TEMER
PRESIDENTE DO BRASIL (2016-2018)
PRESIDENTE DA CÂMARA FEDERAL
(1997-2001) (2009-2010)

RODRIGO PACHECO
SENADOR (PSD-MG)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL

ARTHUR LIRA
DEPUTADO FEDERAL (PP-AL)
PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

DAVI ALCOLUMBRE
SENADOR (UNIÃO-AP)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
E DO CONGRESSO FEDERAL
(2019-2021)

MARCOS PEREIRA
DEPUTADO FEDERAL
(REPUBLICANOS-SP)
VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA
DOS DEPUTADOS

ELMAR NASCIMENTO
DEPUTADO FEDERAL
(UNIÃO-BA)

KÁTIA ABREU
SENADORA (PP-TO)
MINISTRA DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
(2015-2016)

CIRO NOGUEIRA
SENADOR (PP-PI)
MINISTRO-CHEFE DA **CASA CIVIL**
(2021-2022)

JAQUES WAGNER
SENADOR (PT-BA)
MINISTRO DA DEFESA (2015)
GOVERNADOR DA
BAHIA (2007-2015)

HELDER BARBALHO
GOVERNADOR DO
PARÁ

WILSON LIMA
GOVERNADOR DO
AMAZONAS

EDUARDO RIEDEL
GOVERNADOR DO
MATO GROSSO DO SUL

RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO
ESPÍRITO SANTO

MAURO MENDES
GOVERNADOR DO
MATO GROSSO

EDUARDO LEITE
GOVERNADOR DO
RIO GRANDE DO SUL

ROMEU ZEMA
GOVERNADOR DE
MINAS GERAIS

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO
RIO DE JANEIRO

RATINHO JÚNIOR
GOVERNADOR DO
PARANÁ

GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO
ACRE

JOSUÉ GOMES
PRESIDENTE DA FIESP -
FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS
DO ESTADO DE **SÃO PAULO**

GUSTAVO WERNECK
CEO DA **GERDAU**

ISAAC SIDNEY
PRESIDENTE DA **FEBRABAN** -
FEDERAÇÃO BRASILEIRA
DE BANCOS

LUIZ CARLOS TRABUCO CAPPI
PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO DO
BANCO BRADESCO

PAULO HENRIQUE COSTA
PRESIDENTE DO **BANCO BRB**

DYOGO OLIVEIRA
PRESIDENTE DA **CNSEG**
MINISTRO DO PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO
(2016-2018)

ALEXANDRE BIRMAN
CEO DA **AREZZO&CO**
PERSON OF THE YEAR 2024

HENRIQUE MEIRELLES
MINISTRO DA FAZENDA (2016-2018)
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL
(2003-2011)
SECRETÁRIO DA FAZENDA DE SÃO PAULO (2019-2022)

SIMONI MORATO
PRESIDENTE DA **CÂMARA DE COMÉRCIO BRASIL-ESTADOS UNIDOS**

MICHAEL STOTT
EDITOR PARA A AMÉRICA
LATINA DO **FINANCIAL TIMES**

100 EMPRESAS MAIS INFLUENTES DO BRASIL

vejaNegócios

LIDE®

INÊS 249

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Adriana Ferraz, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras Assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Maiá Menezes **Estagiários:** Felipe Soderini Erlich, Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marilia Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA FINANCEIRA (CFO)** Marcelo Shimizu, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 888 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 15. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

E+/GETTY IMAGES

PROBLEMA
Os jovens envelhecem e a natalidade diminui: nó acompanhado de perto por VEJA

A RIQUEZA DAS NAÇÕES

A FRASE DO ECONOMISTA americano Milton Friedman (1912-2006), um dos mais inteligentes defensores da crença na liberdade individual e na livre-iniciativa, deveria soar como mantra e alerta: "A riqueza de uma nação não está nas riquezas do governo, mas na produtividade de seu povo". É constatação fundamental em um momento decisivo da humanidade, em que as populações enve-

lhecem de modo acelerado e as taxas de natalidade não param de cair. Segundo estudo do Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde (IHME) da Universidade de Washington, até 2100, populações em 198 de 204 países do mundo devem encolher. No Brasil, a bem-vinda janela do bônus demográfico, que se abre quando o ritmo do crescimento da população em idade ativa supera o de crianças e idosos, deve se fechar por volta de 2035, cinco anos antes do esperado. Nenhum país conta para sempre com superávit de jovens, mas o problema brasileiro é que eles minguaram sem que a economia tenha se beneficiado como poderia — nó que VEJA tem acompanhado de perto, em sucessivas reportagens. Nação mais envelhecida, o Japão, por exemplo, escalou a um patamar de renda alto antes de acumular cabeças brancas. Por aqui, estamos envelhecendo antes de ficarmos ricos.

A fresta de oportunidades prestes a ser selada chama atenção por exigir cuidados — com as pessoas, e não apenas com as cifras, na trilha de Friedman —, como mostra a reportagem "Eles estão em falta". Convém sempre entender o que houve lá fora entre populações que já atingiram o novo momento. As lições são relevantes. Em boa parte do mundo desenvolvido, duas abordagens fundamentais para tentar reverter a curva não têm funcionado como se esperava: o incentivo financeiro e as políticas de promoção de igualdade entre homens e mulheres. O Japão investiu cerca de 22 bilhões de dólares em subsídios para partos e famí-

lias, e nada — o número de bebês nascidos caiu pelo oitavo ano consecutivo. Na Espanha, a ampliação da licença-paternidade para dezesseis semanas — antes eram duas —, igualada à das mães, foi medida insuficiente.

Não se trata, é evidente, de sugerir que se retroceda ao tempo do descontrole, sinônimo de pobreza — no Brasil, nos anos 1960, a taxa de fecundidade era de 6,3 filhos por mulher (hoje está em 1,62) —, mas de zelar pelo equilíbrio entre os que ainda trabalham e produzem e os que precisam de cuidados. A solução mais rápida seria a imigração: buscar mão de obra em países em que ela é abundante. Infelizmente, estamos na contramão dessa possibilidade no momento. No século XX, o Brasil recebeu levas de imigrantes que vinham tentar a sorte num país continental e com muito por fazer. Hoje, é o contrário. Nossos jovens saem em busca de oportunidades em outros lugares. As outras respostas passam por prolongar o tempo das pessoas no mercado de trabalho e apostar em tecnologia (principalmente inteligência artificial e robótica), aumentando a produtividade de quem permanece empregado. Mas, para isso, é preciso haver investimento em educação, uma área em que — entra governo, sai governo — continuamos sendo reprovados. ■

ANA FLAVIA BARBOSA/INSTAGRAM @HILTON_ERIKA

"O CONGRESSO É MACHISTA"

A primeira deputada trans do país conta como ainda é alvo do preconceito dos colegas – uma intolerância que lhe causou feridas desde muito cedo e contra a qual agora luta em Brasília

SOFIA CERQUEIRA E **MAFÊ FIRPO**

DEPOIS DE BREVE afastamento de Brasília para uma rinoplastia, da qual saiu com semblante mudado, atiçando as implacáveis redes, a deputada federal Erika Hilton, 31 anos, está de volta à cena, demarcando um terreno em que ela própria representa um avanço notável - é a primeira parlamentar transexual (junto da colega Duda Salabert, PDT-MG) a ocupar tão alta tribuna. No posto de líder do PSOL-Rede, Erika quer dar visibilidade a bandeiras que vem arrastando aos holofotes desde os tempos de ativismo estudantil na faculdade de pedagogia e, mais tarde, como vereadora em São Paulo, pleito em que foi campeã nacional de votos. Transfobia e violência de gênero estão no rol de suas pautas, as quais defende em meio às hostilidades de alguns membros do Congresso, que sente na pele. Nascida em Franco da Rocha, na região metropolitana paulista, ela revive nesta entrevista a VEJA o momento em que se entendeu como trans, o que viria a produzir uma fissura familiar, levando à sua expulsão de casa e à prostituição nas ruas. De fala ligeira e afiada, a deputada, recém-contratada por uma agência de modelos, não poupa nem a esquerda, onde também vê germinar o preconceito. “Ele está por toda a parte”, dispara.

Como foi recebida em Brasília, ao estrear como deputada federal em 2023? De forma bastante hostil, comportamento que reflete uma instituição majoritariamente masculina, branca e que não é só machista, mas LGBTfóbica. É

verdade que, à medida que conquisto meu espaço, essa barreira, alimentada por estereótipos, vai mudando. Mas há setores na Câmara, como o da extrema direita, intolerantes e barulhentos, que só querem criar obstáculos a pessoas como eu, dentro e fora do Parlamento.

Como reage às provocações dessa ala mais radical? Sou adepta de uma relação republicana, mas, em muitos casos, é impossível. A única forma de lidar com essa turma movida por ódio, preconceito e mentiras é pelo enfrentamento.

A senhora está processando o deputado Pastor Sargento Isidório (Avante-BA) por ele ter chamado transexualidade de "fantasia" e se referido à senhora em plenário

"Passei a adolescência na prostituição. É algo compulsório para mulheres como eu no Brasil. E há uma hipocrisia aí: as mesmas pessoas que dizem nos odiar consomem o mercado trans"

como "meu amigo". Foi alvo de outras manifestações do gênero? Essa foi a mais explícita, mas elas são recorrentes. Em setembro, um ataque partiu da deputada bolsonarista Coronel Fernanda (PL-MT), que numa sessão alegou que pessoas trans estão roubando o lugar da mulher de verdade. Em outro episódio, Nikolas Ferreira (PL-MG) usou uma peruca e fez discurso transfóbico no Dia Internacional da Mulher. Por esse tipo de pensamento, demoramos tanto a ingressar no Congresso.

A senhora já declarou que "viu a desumanidade de perto". Como? Senti na pele o desprezo do Estado. Ainda somos invisíveis na sociedade e mortas de forma gratuita, sem que ninguém se compadeça. A droga, o cárcere e a marginalidade são comuns em nossa trajetória. Experimentei a dor da evasão escolar e da violência policial. É desumano.

Em que ponto da vida se reconheceu como trans? Desde sempre me entendi assim, ao contrário de muita gente que, em certa hora, enfrenta um processo de discordância com relação a roupas, aparência e identidade. Fui criada num lar matriarcal, com mãe solo, avó e tias que me aceitavam e me criaram como menina. Apesar disso, encarei uma fase dolorosa na adolescência. Tudo mudou quando minha mãe passou a frequentar uma igreja evangélica e experimentou uma radical lavagem cerebral.

Morou mesmo na rua? Sim. Com uns 14 anos, fui expulsa de casa e conheci a brutalidade das ruas. Não tinha emprego, nem para onde ir. Nesse período, minha mãe dizia que não poderia me aceitar como travesti, que não era coisa de Deus, era contra a natureza humana. A ruptura familiar, a rejeição e a ausência de oportunidades causaram muita dor. Foi o fundo do poço.

Pode contar um pouco do que passou nessa fase? Atravessei a adolescência na prostituição. Fiz ponto nas calçadas de Jundiaí, Francisco Morato, Itu e também na capital. A prostituição é algo compulsório para mulheres como eu no Brasil – 90% trilham esse caminho, sem outra opção. E há uma hipocrisia aí: ao mesmo tempo que nos odeiam e matam, consomem o mercado de mulheres trans e travestis. São pais de família, evangélicos, padres, pastores. Felizmente, depois de uns sete anos, resgatei a relação com minha mãe e voltei para casa.

Nos últimos anos, a esquerda abraçou a bandeira das lutas identitárias. É um espectro político livre de preconceitos? A discriminação e a intolerância estão em todos os lugares. A esquerda não é um grupo político feito só de anjos ou de pessoas que vivem em Marte. Ela reúne valores variados e, sim, também lá se vê preconceito contra trans e travestis.

Guilherme Boulos, de seu partido, é pré-candidato à prefeitura de São Paulo com a chancela de Lula, e, nos bastidores do poder, dizem que o PSOL corre o risco de ser engolido pelo PT. Teme que aconteça? Acredito que não. Neste momento, integramos a base do governo Lula no Congresso e formamos uma frente de esquerda para avançar naquilo em que acreditamos.

O PSOL não se sente desprestigiado ao ocupar postos de menor relevância na Esplanada, enquanto legendas do Centrão desfrutam de protagonismo? Não enxergo assim. Claro que ter assentos na política é importante, mas o nosso compromisso não é baseado em cargos. A política é uma arena dura, na qual é necessário tecer acordos. Às vezes, é preciso dar um passo atrás para, mais tarde, poder avançar três.

Há poucas semanas, a polícia finalmente deu nome aos mandantes do assassinato de Marielle Franco, um quadro em ascensão no PSOL. Como viu o desfecho? Após seis anos, essas notícias trouxeram um misto de alegria e alívio ao saber que, enfim, a Justiça pode ser feita. Mas as investigações precisam continuar. Há coisas debaixo dessa história ainda por ser esclarecidas. Aliás, neste momento, uma das discussões mais duras na Casa é em torno da cassação do deputado Chiquinho Brazão (ex-União Brasil), envolvido no assassinato. Não

dá para ele seguir como parlamentar. Temos que combater o corporativismo.

Em outubro de 2023, um irmão da deputada Sâmia Bomfim, também do PSOL, foi morto no Rio de Janeiro ao ser confundido com um miliciano. Qual sua visão sobre a promiscuidade entre a bandidagem e o Estado? É repugnante. Esses laços não são exatamente uma surpresa, mas choca saber o quão escancarados eles estão, como nos mostra o caso de Marielle. Revolta ver que o Estado não se encontra apenas alinhado, mas atua junto com essas facções — um mal que precisa ser combatido com toda a seriedade.

A senhora foi uma das vozes mais ativas contra integrantes da Comissão de Previdência e Família que tentaram proibir o casamento homoafetivo no país, um direito já

“O novo modelo de RG adotado pelo governo Lula faz parte de uma política preconceituosa. É constrangedor ter de preencher o item ‘sexo’ e ainda escrever o nome de batismo”

adquirido. A ameaça de retrocessos continua? A ameaça é *full time,* em tempo integral. Justamente por isso é tão vital que representantes LGBT se façam presentes em espaços de relevo, como o Congresso.

Em um episódio de grande repercussão, o pastor André Valadão, fenômeno no mundo evangélico, disse aos fiéis que, se pudesse, "Deus mataria" a população LGBTQIA+ e os instigou a "ir para cima" deles. Aí reside um perigo real? Sem dúvida, é perigosíssimo. Quando essas pessoas agem assim, desencadeiam o aumento da violência e a negação dos direitos dos LGBTs. Não podemos aceitar que, em nome de Deus, se propague o ódio. Isso não é fé, é crime.

A senhora apresentou um projeto de lei para que a terapia de "conversão sexual", a chamada cura gay, seja equiparada a crime de tortura. Ela ainda se faz muito presente? Sem dúvida. O extremismo à direita impulsiona essa distorcida ideia da cura, uma prática criminosa. Só se convence uma pessoa de que ela não é aquilo que é com violência, tortura. Os exemplos de "conversão" são cruéis.

Por que critica o novo RG recém-lançado pelo governo Lula? Este modelo faz parte de uma política preconceituosa, é uma herança da gestão passada. Ele obriga a preencher o item "sexo" e usar dois nomes, o social e também o de batismo, o que automaticamente constrange

pessoas trans e travestis. Se o nome é ratificado no cartório, só há um, né?

Ao encampar um discurso radical contra a comunidade LGBTQIA+, o governo Bolsonaro deixou sequelas duradouras? É indiscutível. Ele não criou a roda, mas se valeu de coisas que já existiam na sociedade contra tal parcela da população, como estigma, ódio e violência, aprofundando a ferida social.

Mesmo com toda a visibilidade alcançada na luta contra o preconceito, ainda é alvo de ameaças por sua identidade de gênero? O tempo todo. O caso mais grave aconteceu quando eu era vereadora e um homem, que me fazia ameaças de morte na internet, tentou invadir o gabinete se passando por garçom. Os seguranças tiveram que detê-lo. Ainda recebo vários ataques nas redes. Falam de tudo — da minha identidade de gênero, do cabelo, da cor. Processo os mais graves e, nos outros casos, sigo a vida.

A senhora assinou contrato com uma agência de modelos e desfilou para duas grifes no último Fashion Week. Vai abraçar a carreira? Desde pequena queria ser modelo, mas a vida só me abriu essa possibilidade agora. Embora a prioridade seja o Legislativo, se puder, irei conciliar as duas. Até porque a moda, a meu ver, também é uma ferramenta para fazer política.

No início do ano, fez uma rinoplastia e foi criticada nas redes por causa da transformação. Como responde à patrulha virtual? Tento sempre responder de forma bem-humorada. Postei uma foto do antes e depois e disse àqueles que gostavam tanto do nariz anterior que podiam ir a um cirurgião e copiá-lo. Não escondi nada. Tinha um problema respiratório e aproveitei o momento. No recesso passado, já tinha feito uma lipo na barriga. Não descarto outras intervenções mais adiante. A questão essencial é se sentir bem.

Uma futura candidatura presidencial, como pede uma fatia de seus seguidores, está nos planos? É provável que tente a reeleição na Câmara e, depois, penso no Senado. Num futuro, quem sabe a Presidência. Mas olhando hoje para a configuração do Congresso, para a sociedade brasileira, acho que o país ainda está distante de eleger uma mulher trans ao cargo máximo da República. Há muito o que avançar. ■

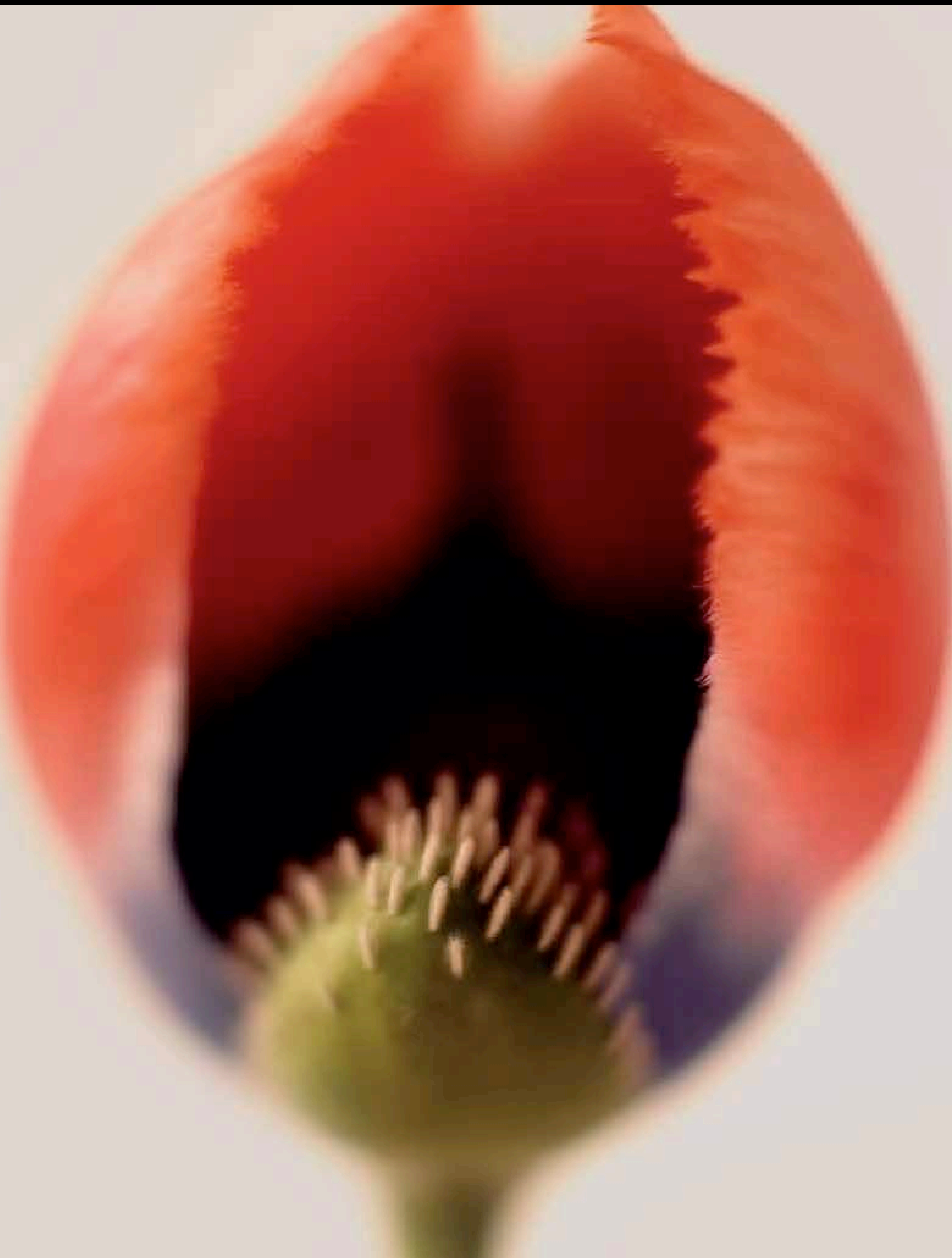
IMAGEM DA SEMANA

FESTANÇA NO ESCURINHO

FOI UM GRANDE acontecimento, na América do Norte, ver o dia virar noite, mesmo que por alguns minutos. Na segunda-feira 8, mais de 45 milhões de pessoas se reuniram ao longo de uma faixa de 13 000 quilômetros de extensão por 185 quilômetros de comprimento para testemunhar os efeitos do **eclipse total do Sol,** o evento astronômico pelo qual a Lua bloqueia completamente os

JOSH EDELSON/AFP

raios reluzentes da nossa estrela. Quem estava no caminho que se estende de Mazatlán, no México, até o estado de Terra Nova e Labrador, no Canadá, passando por um cinturão a sudeste dos Estados Unidos, viu o momento em que um **bruxuleante círculo de fogo multicolorido se materializou em volta do satélite natural.** A cena foi recebida com festa, emoção e estardalhaço, a despeito das consequências soturnas que se seguiram — a escuridão e, em alguns casos, o frio. Munidos dos inevitáveis óculos especiais, que impedem danos à retina, famílias inteiras, adultos e crianças, jovens e idosos, se reuniram para acompanhar o raro evento. Eclipses totais, como o de agora, acontecem a cada onze a dezoito meses, em algum lugar do mundo, mas não costumam cruzar o caminho de milhões de pessoas. Os Estados Unidos experimentaram um deles pela última vez em 2017 — o próximo será em 2045. E nós, aqui do lado de baixo do Equador? Um eclipse anular, mais modesto, ocorrerá em 2 de outubro. Será visível em boa parte da América do Sul. No Brasil, ele dará a cara no Centro-Sul. E salve a beleza inimitável dos ciclos da natureza. ■

Alessandro Giannini

“É DIFÍCIL NA PRÁTICA”

O arquiteto do celebrado espaço onde estavam as Torres Gêmeas, em Nova York, compara as mudanças urbanas de nosso tempo a uma guerra, em que os planos originais podem falhar

DIVULGAÇÃO

NOVA CIDADE O desenhista do Perelman Arts Center: “A esperança de volta”

O espaço de artes em forma de cubo que o senhor levantou na antiga área das Torres Gêmeas, em Nova York, em setembro do ano passado, o Perelman Performing Arts Center, teve imensa repercussão. O senhor conseguiu atingir seu objetivo? Vou saber com o tempo. Explico: o prédio oferece uma rara inteligência tecnológica que permite 62 possibilidades diferentes de configurações de palco, além de mudanças de circulação do público. É adaptável para apresentações de ópera, teatro, recitais, dança, filmes e shows. É um símbolo de otimismo e de comemoração. Espero que quanto mais ele seja usado mais se torne um suporte para a inovação na arte. E, se isso acontecer, meu projeto será um sucesso. Se pensarmos na pandemia e nas mudanças climáticas, não há nada mais relevante para um arquiteto do que entregar um espaço flexível como esse.

Qual é a importância de revitalizar a porção destruída em 2001? Na época do ataque, eu morava a duas quadras do local. Claro que, para um arquiteto, é um projeto maravilhoso para trabalhar, mas como morador da região é mais ainda. A comunidade foi muito resiliente. Reconstruir a região é trazer a esperança de volta.

Nova York foi o grande símbolo de cidade moderna. Hoje, o que seria uma cidade moderna? O conceito de uma nova cidade deve ser a habilidade de coexistir com o planeta. Isso depende muito de política pública. Ela não pode se apoiar em planos de desenvolvimento ou, como dizemos em inglês, no “*future perfect*”.

O decisivo é implantar estratégias possíveis para alcançarmos diferentes saídas de futuro e que permitam adaptações rápidas, diante das mudanças de realidade. Sei que é difícil na prática. Dá para comparar com uma guerra, em que os generais precisam ter estratégia para reagir às mudanças do inimigo. Os planos, em geral, falham. Boas estratégias são bem-sucedidas.

E quais são as estratégias para uma cidade funcionar bem? Vou explicar com um exemplo. Uma política pública não deve determinar para onde uma cidade deve crescer, mas analisar as estatísticas e perceber para onde ela espontaneamente está indo, e a partir daí criar mais transporte, escolas e restaurantes.

O que o senhor pensa de cidades com novas centralidades? Não dá para investir em um novo centro e abandonar o antigo. A grande discussão é como os novos polos podem aprender com os antigos e como mantê-los vivos. Manhattan sofre com esse problema. Desde a pandemia, a região tem de lidar com uma série de prédios vazios, que não foram desenhados para o trabalho híbrido. No Brooklyn, os prédios se parecem com os locais onde as pessoas querem trabalhar hoje. O Brooklyn roubou a identidade de Manhattan. Por outro lado, Manhattan está encurralada e tem de descobrir o que fazer com prédios desocupados. ■

Valéria França

ANDRÉ VALENTIM

MÚLTIPLO Ziraldo, criador do Menino Maluquinho: o desenho e o texto para acordar os homens e adormecer as crianças

O BRASIL TRAÇADO DE A A Z

"...E FOI AÍ que todo mundo descobriu que ele não tinha sido um menino maluquinho. Tinha sido era um menino feliz." As últimas linhas de *O Menino Maluquinho*, clássico infantil de 1980 que vendeu mais de 4 milhões de exemplares, serviria de epitáfio para a vida e a magistral obra

do cartunista e escritor **Ziraldo.** Sem ele, o Brasil teria sido mais infeliz do que é. Pode-se contar a história do país — dos horrores impostos pela ditadura militar durante os anos 1960 e 1970 ao tempo de esperança que brotaria com a democratização — pela pena engraçada e melancólica, em preto e branco ou cores, do artista nascido em Caratinga, cidade de Minas Gerais — ou então tingida de flicts, a cor de 1969 inventada para um livro que ainda hoje emociona pela defesa da diversidade e contra o bullying, em temas que muito depois é que ocupariam a cabeça de quem andava no mundo da lua. Neil Armstrong, aliás, apresentado a Ziraldo e ao livro, emocionou-se com a história e garantiu: “The Moon is flicts”. *Flicts*, aliás, foi batismo extraído de uma interjeição usada pela Supermãe, a histriônica personagem da revista CLAUDIA, da Editora Abril.

CORAGEM A charge de 1970, em *O Pasquim:* ironia cortante contra a ditadura militar e a censura

O final dos anos 1960, quando o ser humano pôs o pé naquele terreno lunar com um quê de ferrugem, era tam-

bém tempo de horror no Brasil — e Ziraldo, sobretudo a partir de 1969, nas páginas de *O Pasquim,* ao lado de nomes como Millôr Fernandes, Henfil, Jaguar, Ivan Lessa, Sérgio Augusto e cia., botou para quebrar. Em charges e textos, denunciava a censura e a tortura, e ridicularizava a turma de quepe. Seria preso três vezes. “Ter podido atravessar os anos de chumbo fazendo *O Pasquim* foi uma dádiva”, disse. “Morríamos de medo, mas fazíamos de tudo.” Em 2008, ele e Jaguar, fundadores do tabloide, receberam do governo indenização de 1 milhão de reais cada um. Criticado pelos mais conservadores por aceitar o dinheiro, respondeu na lata, como se levasse uma panela de alumínio na cabeça: “Quem contesta o direito à anistia não botou na seringa. Minha aposentadoria é de 1 200 reais. Fiquei emocionadíssimo. O Brasil me deve essa indenização”.

Numa de suas mais conhecidas charges, com a genialidade a serviço da ironia, ele traduziu tudo o que se vivia, nos porões e na superfície, como alerta a quem fingia não saber da existência da autocracia: um personagem, apoiado na extremidade da moldura do desenho, tem uma faca a lhe atravessar as costas até o peito. E diz, como quem grita: “Só dói quando eu rio”. Ziraldo morreu em 6 de abril, aos 91 anos. Em 2018 tinha sofrido um AVC. Deixa um trabalho inigualável, de quem fazia acordar os homens e adormecer as crianças, como na *Canção Amiga* de Carlos Drummond de Andrade. ■

VEJA ESSA

“Eu venho para cá, um espaço da lusofonia, trazendo as línguas indígenas. Torço para que haja uma mudança na ABL e outras diversidades étnicas que temos no Brasil também possam ganhar espaço.”

AILTON KRENAK, primeiro indígena a assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras

MAURO PIMENTEL/AFP

“Lidamos hoje com uma mão de obra mal preparada e infeliz.”

ZEINA LATIF, ex-secretária do Desenvolvimento Econômico do estado de São Paulo, hoje sócia-diretora da Gibraltar Consulting

“E muito cuidado com os versículos que vocês *(governo)* trazem à existência, assim como Flávio Dino homenageou a operação das joias com Lucas 12:2, querendo fazer chacota com a minha fé.”

MICHELLE BOLSONARO, ex-primeira dama, reclamando do nome dado pelo ex-ministro Dino – “Lucas 12:2” – a uma operação da PF que vasculhava desvio de joias pelo clã Bolsonaro

“Não participo desse processo de desapreço às Forças Armadas, antes pelo contrário. Porém, é fato que em alguns momentos dos últimos anos houve uma politização indesejada e incompatível com a Constituição.”

LUÍS ROBERTO BARROSO, presidente do STF

“Sarah nos dá uma ideia de como a inteligência artificial poderá ser utilizada no futuro para melhorar o acesso à informação de saúde de uma forma mais interativa.”

TEDROS ADHANOM GHEBREYESUS, diretor-geral da OMS, ao lançar um avatar da organização destinado a facilitar a circulação de informações

"As crianças lá de casa amam legumes. Brócolis é uma coisa que se não tiver eles reclamam. Mas, como comem bem e de tudo, abri brecha para a besteira, que eles comem lá com os amigos da escola. Acho que perdi um pouco o controle."

TAÍS ARAUJO, mãe de uma filha de 9 anos e um filho de 12 *(leia nota sobre Gisele Bündchen na seção Gente)*

"O que quero, cada vez mais, é experimentar coisas que ainda não fiz."

MICHAEL DOUGLAS, ator, 79 anos

"Você prefere um jantar com Elon Musk ou fraturar o dedo mindinho?"

MARCELO ADNET, humorista, na rede X, de Musk *(leia a reportagem "O dilema das redes")*

INSTAGRAM @TAISDEVERDADE

SOBE

SERGIO MORO

O senador do União Brasil obteve vitória na Justiça do Paraná na primeira das batalhas para evitar a cassação de seu mandato.

PIX

Segundo o Banco Central, as transações pelo sistema bateram um novo recorde no último dia 5: foram feitos 201,6 milhões de operações em um único dia.

BEYONCÉ

O novo trabalho da cantora, *Cowboy Carter*, estreou em primeiro lugar na lista Billboard 200, tornando-se o oitavo álbum da popular cantora a alcançar essa posição.

DESCE

CIRO GOMES

A bancada feminina do Senado propôs um voto de repúdio contra o ex-governador, que se referiu a Janaína Farias, do PT, uma das políticas da Casa, como uma "assessora de assuntos de cama".

"PODER MODERADOR"

O STF acabou de vez com a interpretação distorcida do artigo 142: não há possibilidade de "intervenção militar constitucional".

SENA

A três meses da Olimpíada, medições apontaram níveis de contaminação fecal acima do recomendável no rio de Paris.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Nicholas Shores e Ramiro Brites

Dois anos em guerra

Presidente do TSE no período mais desafiador da história da Corte e do país, **Alexandre de Moraes** vai deixar o comando do tribunal, nos próximos meses, da mesma forma que chegou ao posto: combatendo a desinformação e o discurso de ódio que ameaçam a democracia no nosso tempo.

NO FIM Moraes: evento internacional vai marcar despedida da presidência do TSE

LUIZ ROBERTO/SECOM/TSE

O bom debate

Moraes vai encerrar sua gestão no TSE organizando um grande evento internacional sobre *fake news* no processo eleitoral e o impacto da desinformação na livre vontade do eleitor.

Último ato

Marcado para os dias 21 e 22 de maio, o evento de Moraes será realizado em parceria com a Fundação Getulio Vargas e terá a participação de representantes da União Europeia. A próxima chefe do TSE será Cármen Lúcia.

Os aloprados voltaram

As declarações de Elon Musk contra Moraes deram novo fôlego a aloprados que disparam ameaças contra ministros e o STF nas redes.

Tinha de responder

Nos EUA nesta semana, Michel Temer avaliou a crise Moraes-Musk: “Foi um ataque duro. O ministro percebeu que não poderia deixar sem resposta”.

Melhor não se meter

Lula desistiu de boicotar os negócios da Starlink de Elon Musk quando percebeu que metade do agro brasileiro usa a internet rápida do empresário.

Vai atrapalhar lá em casa

Alguns ministros de Lula, que têm fazendas no interior do país, são só elogios ao serviço de Musk e da Starlink e trataram de alertar o Planalto.

Me deixa *off*

Ricardo Lewandowski foi cobrado a entrar na onda dos

colegas de governo em defesa do STF. Como nem conta no X ele tem, ignorou Musk.

Palavra de pastor

Segundo Silas Malafaia, um dos objetivos de Jair Bolsonaro no ato do dia 21, no Rio, será "provar que a minuta de golpe é a maior *fake news* do país".

Casa cheia

Todos os governadores do campo de direita — Tarcísio, Zema, Caiado... — que miram o espólio eleitoral de Bolsonaro já confirmaram presença no ato.

O preço das amizades

Comandante do Exército, Tomás Paiva afastou de cargos importantes todos os militares que eram próximos dos golpistas investigados no STF.

Me deixa trabalhar

Com tantos petistas metendo o bedelho no trabalho, o chefe da Secom, Paulo Pimenta, tem penado para manter a equipe focada no Planalto.

Liberdade de expressão

Marcos do Val ficou tão animado com Elon Musk que foi à tribuna do Senado chamar Moraes de ditador: "Nós preocupados que as Forças Armadas dessem um golpe de Estado, mas quem deu — liderado pelo Moraes — foi o STF. Nós estamos numa ditadura".

Agora é com o delegado

Ex de Luís Cláudio Lula da Silva, Natália Schincariol entregou à polícia as provas que revelam, segundo ela, os abusos sofridos na relação.

A magia da amarelinha

Mauro Vieira fez um giro por países do Sudeste Asiático nos últimos dias. Por onde passou, distribuiu camisas da seleção, que fizeram o maior sucesso. O chanceler do Vietnã ganhou uma autografada pelo atacante Rodrygo.

Mercado promissor

O Brasil tem embaixadas em oito dos dez países do Asean, o bloco do Sudeste Asiático, e vai abrir mais uma no Camboja. O bloco tem potencial de negócios semelhante ao europeu.

Alto padrão

Só o Vietnã fechou 3,7 bilhões de dólares em negócios com o Brasil em 2023, mais do que França e Reino Unido juntos e próximo dos 4 bilhões da Itália.

MRE

O MANTO Vieira: camisa da seleção vira trunfo diplomático do governo

Ainda não vingou

A CPI da Braskem vai completar dois meses na próxima semana sem ter saído do lugar. "Ninguém sabe o que fazer com essa CPI", admite um senador.

Na mira do tribunal

O TCU acatou pedido de Ciro Nogueira e abriu uma investigação para apurar irregularidades na distribuição de dividendos da Petrobras.

Ajuda inesperada

Um auxiliar de Lula diz que Aloizio Mercadante queimou a largada ao se lançar para a presidência da Petrobras: "Para Rui Costa e Alexandre Silveira, é melhor um Jean Paul Prates fraco a um Mercadante sem controle".

Jogo bruto

Investigado pelo MP do Rio, o chefe da Alerj, Rodrigo Bacellar, tenta usar uma investigação da Ceperj para produzir provas que anulem a eleição de Cláudio Castro e do vice dele, em 2022. O objetivo é virar governador. Até aqui, só conseguiu piorar a própria situação.

Não quero nem ver

Sergio Moro seguiu um curioso ritual durante a sessão do TRE-PR. Ficou isolado no gabinete, sem assistir ao julgamento. Só era informado do placar — e fez uma festa quando venceu.

Plano B

Se José Luiz Datena refugar, como em outras eleições, o ex-senador José Aníbal pode ser a alternativa do PSDB para vice de Tabata Amaral.

O sonho do diploma

Criado por Jorginho Mello, o programa Universidade Gratuita já banca o diploma de mais de 22 000 jovens em Santa Catarina. Pelas regras, o governo pa-

TUDO CERTO
Gianecchini: o ator venceu a Receita Federal na Justiça

ga a faculdade a estudantes de diferentes cursos e, depois de formado, o profissional trabalha na rede pública por um período para retribuir o investimento.

Bela causa

O Ministério da Mulher criou um selo para reconhecer empresas que atuam pela equidade de gênero e raça no país.

A briga só começou

O ator **Reynaldo Gianecchini** é mais um ator da Globo processado pela Receita Federal a vencer o Leão na Justiça. Amparado no STF, que reconhece a regularidade de contratos PJ, ele vai acionar a União para cobrar indenização por danos morais alegando perseguição sofrida na gestão Bolsonaro. ■

INVESTIDA
O bilionário sul-africano: ameaça absurda de não cumprir decisões da Justiça brasileira

SERGEI GAPON/AFP

O DILEMA DAS REDES

Ataque arrogante e cínico de Elon Musk contra Alexandre de Moraes mostra que as autoridades do país não podem mais procrastinar a regulação da internet

BRUNO CANIATO, VALMAR HUPSEL FILHO
E **ISABELLA ALONSO PANHO**

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE EGBERTO NOGUEIRA E FREDERIC LEGRAND/SHUTTERSTOCK

ANDRÉ VIOLATTI/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

RESPOSTA
O ministro: ordem para investigar o dono do X (ex-Twitter) no inquérito das milícias digitais

Em 26 de outubro de 2022, a famosa rede social do passarinho começou a virar um ninho de problemas e de polêmicas. Na data em questão, os funcionários da sede global do Twitter, na Califórnia, testemunharam uma cena, no mínimo, bizarra: quando as portas do elevador se abriram, Elon Musk adentrou o escritório, sorridente, carregando uma pia de porcelana na qual se lia a frase "Let that sink in" ("Deixe essa ficha cair", em tradução livre). A tosca brincadeira ocorreu

um dia antes que o bilionário sul-africano assumisse a presidência da plataforma, uma das maiores do planeta, e foi o primeiro presságio de que a gestão estava prestes a mudar — e para pior. Nos meses seguintes, o magnata, que controla também as gigantes tecnológicas Tesla e SpaceX, demitiu 80% dos trabalhadores, trocou o nome da companhia para X, reativou a conta do aliado político e ex-presidente americano Donald Trump, suspensa desde o atentado ao Capitólio, em 2021, e demoliu as estruturas de moderação de conteúdo ilegal, abrindo as portas para uma enxurrada de novos perfis dedicados à disseminação de notícias falsas, discursos de ódio e pregação política radical de extrema direita.

Sob a nova direção, o valor de mercado da empresa despencou e ela foi arrastada para uma série de atritos com governos, personalidades e instituições de países variados. Um dos mais recentes ocorreu no final de 2023, quando Musk tornou-se o primeiro investigado pela União Europeia por falta de medidas contra a desinformação em sua plataforma, violando a recém-aprovada — e pioneira — legislação do órgão que regula o funcionamento das redes sociais. Esse tipo de revés não foi capaz de desestimular o estilo de atuação arrogante e cínico do empresário, que tenta posar como paladino da liberdade de expressão, de forma a criar uma cortina de fumaça para a sua prática de manter um canal no qual circula toda sorte de barbaridades, sem que a empresa seja devidamente responsabilizada por isso.

SÉRGIO LIMA/AFP

APELO Manifestação em Brasília: críticas à falta de controle de conteúdos

Desde o último sábado, 6, o Brasil entrou no raio de ataques apelativos do bilionário, que divulgou um post na sua rede acusando a Justiça de violar o Marco Civil da Internet por meio das decisões de suspensão de perfis. Em seguida, Musk subiu o tom e prometeu não cumprir as ordens judiciais vindas do ministro Alexandre de Moraes, do STF, desafiando-o a se demitir ou se sujeitar a um processo de impeachment. O magistrado reagiu prontamente: tornou o bilionário um dos alvos do inquérito das milícias digitais que está aos cuidados do magistrado, no Supremo. Mesmo assim, o dono do X não apenas não se intimidou como não baixou o nível dos ataques. Na segunda, 8, chamou Moraes

de "ditador do Brasil" e o acusou de influenciar o resultado das eleições de 2022 em benefício de Lula. O magnata chegou a dizer que o ministro tem o presidente "na coleira" e que, por isso, o petista nada fará contra ele.

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

STF UNIDO Barroso: manifestação pública de apoio da Corte a Moraes

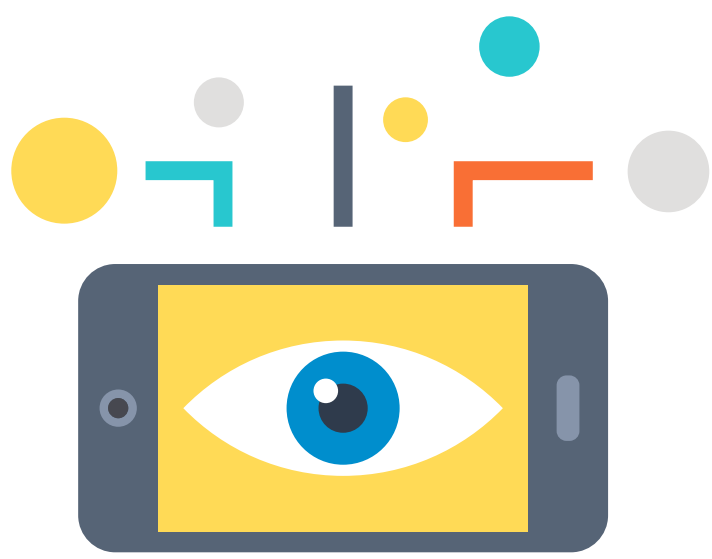
No dia seguinte, Lula tentou minimizar o caso, disparando uma indireta contra o multimilionário durante uma agenda ambiental. "Tem até bilionário tentando fazer foguete, tentando fazer viagem para ver se encontra algum espaço lá fora, não tem. Ele vai ter que aprender a viver aqui", disse. Dentro do STF, o caso resultou em nova demonstração de união em torno de Moraes, alvo principal dos ataques, sendo que alguns dos pares manifestaram isso de forma pública. "Decisões judiciais podem ser objeto de recurso, mas jamais de descumprimento deliberado", disse o presidente do Supremo, Luís Roberto Barroso.

Por outro lado, as manifestações de Musk encontraram eco no bolsonarismo e alimentaram uma nova rodada de ataques ao Supremo. Horas depois dos primeiros posts, o

ex-presidente Jair Bolsonaro republicou na mesma plataforma um vídeo datado de 20 de maio de 2022, em que ele chama Musk de “mito da nossa liberdade”. A partir daí, o exército bolsonarista entrou em ação, com centenas de publicações nas redes sociais em apoio a Musk e espalhando a surrada mensagem de que há um ambiente de perseguição política a Bolsonaro e aos opositores do governo. Algumas postagens foram escritas em inglês e republicadas no perfil do empresário, que tem mais de 180 milhões de seguidores no X. O blogueiro Allan dos Santos, que está banido das redes sociais no Brasil e foragido da Justiça após ter prisão preventiva decretada no inquérito das milícias digitais, fez duas *lives* no X, nas quais reiterou os ataques a Moraes.

INSTAGRAM @ACADEMIACONSERVADORA

PROVOCAÇÃO O fugitivo Allan dos Santos: *lives* agressivas contra o STF

As reações dos bolsonaristas, no entanto, não se restringiram ao meio digital. Parlamentares de direita discursaram no plenário em apoio a Musk e questionaram a atuação de Moraes, enquanto a Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado da Câmara, do-

ESFORÇO DESCONCENTRADO

A atuação fragmentada do poder público para enquadrar as redes sociais

EXECUTIVO

MARCO CIVIL DA INTERNET

Proposto por Dilma e aprovado em 2014, foi o primeiro passo da legislação brasileira para regular o ambiente virtual. O arcabouço de regras é fundamentado na liberdade de expressão, na privacidade do usuário e na neutralidade das redes

CRÍTICAS

Prejudicado pelo avanço das tecnologias e pela ausência de regulamentação de vários pontos, ele é tido como excessivamente permissivo com as plataformas. O artigo 19, que exime as empresas de responsabilidade pelo que é publicado, pode ser derrubado pelo STF

minada por bolsonaristas, chegou a aprovar uma moção de apoio ao empresário. Nas suas postagens, Musk replica um discurso que vem sendo adotado por políticos brasileiros no exterior. Capitaneada por Eduardo Bolsonaro (PL-SP), uma comitiva de parlamentares conservadores já esteve nos EUA e na Europa para angariar apoio de líderes estrangeiros da extrema direita à teoria, propagada pelo bolsonarismo, de que o Brasil vive um estado de exceção.

"MINISTÉRIO DA VERDADE"

Criada por Lula, a Procuradoria Nacional de Defesa da Democracia é o braço da AGU responsável pelo "enfrentamento da desinformação". O órgão já soma 25 ações judiciais e extrajudiciais contra a difusão de *fake news* e ataques à democracia e às instituições

CRÍTICAS

Chamada pela oposição também de "Ministério do Cala a Boca", a entidade é alvo de críticas por uma suposta falta de critérios e pelo viés ideológico da sua atuação

A politização do caso veio em péssima hora, pois o Brasil está muito atrasado na necessária regulação das redes sociais. No lugar do que começa a se tornar um debate distorcido entre esquerda e direita pela liberdade de expressão, o país precisa elaborar e pôr em prática um pacote de medidas urgentes para evitar que a internet se transforme de uma vez por todas numa terra sem lei. A polarização afasta o debate, com o perdão do trocadilho, do x da questão. Não é possível mais con-

CONGRESSO

PL DAS *FAKE NEWS*

O projeto de lei 2.630, de 2020, impõe mais responsabilidade às redes sociais pelo conteúdo publicado por seus usuários. Quase chegou a ser votado em maio de 2023, mas foi retirado da pauta pelo risco de ser rejeitado. Na terça, 9, o presidente da Câmara, Arthur Lira, anunciou que o texto será refeito por meio de um grupo de trabalho

CRÍTICAS

As big techs dizem que falta clareza nas regras para remoção de conteúdo e há excesso de responsabilidades para as companhias. Especialistas apontam risco de abrir precedente perigoso para o controle estatal da internet. Proposta enfrenta resistência bolsonarista

viver com empresas que ganham bilhões servindo de veículos para crimes como a propagação de ódio e *fake news* sem que elas atuem na contenção desses problemas e sejam punidas quando não o fizerem. “A ausência de regulamentação nessa área resulta em insegurança jurídica”, afirma Filipe Medon, professor da FGV especialista em direito digital.

Tentativas existem no Brasil de pôr ordem na bagunça digital, mas o problema é que elas partem de várias fren-

JUDICIÁRIO

INQUÉRITO DAS *FAKE NEWS*

Instaurado em março de 2019 pelo STF, era direcionado inicialmente a apurar críticas à Corte e seus membros na internet, mas acabou se expandindo e abrangendo outros tipos de disseminação de informações falsas, ataques a instituições e defesa de golpe de Estado

CRÍTICAS

Além do longo tempo em que está ativo (cinco anos), o inquérito é questionado por ter sido aberto à revelia da PGR, pelo amplo arco das investigações e pelo cerco a aliados de Bolsonaro. Também há objeções à falta de transparência e aos superpoderes do relator Alexandre de Moraes

tes, sem que haja um consenso sobre os pontos principais e o sentido necessário de urgência *(veja o quadro abaixo)*. O Judiciário tem se movimentado de forma mais assertiva. Por isso mesmo, tornou-se alvo dos principais ataques, mas mostrou que não vai se intimidar. Na quarta, 10, o ministro Dias Toffoli disse que em junho deve voltar à pauta uma ação, da qual é relator, cujo julgamento pode imputar maiores responsabilidades às plataformas, tudo o

NORMAS ELEITORAIS

O TSE vem editando desde 2018 resoluções que permitem remover conteúdos como fake news e ataques à democracia. Em 2022, ampliou o rol para incluir o mau uso da inteligência artificial e elevou os delitos ao status de crime eleitoral, passível de cassação da candidatura

CRÍTICAS

Sem legislações específicas sobre o tema, o Judiciário ficou sozinho no enfrentamento da questão. Chegou a bloquear perfis de parlamentares, jornalistas e empresários, retirou reportagens do ar e virou alvo de questionamentos de especialistas, políticos e companhias de tecnologia, que apontam cerceamento à liberdade de expressão

que o dono do X não aprova. O caso envolve o artigo 19 do Marco Civil da Internet, que isenta as companhias de responsabilidade pelas publicações de seus usuários, um dos trechos mais questionados da primeira tentativa brasileira de enquadrar as redes sociais *(veja o quadro "Esforço desconcentrado").* Segundo Toffoli, a ação estava parada desde maio de 2023, embora pronta para julgamento, em respeito à discussão sobre o PL das Fake News que acontecia no Congresso. Diferentemente dos demais poderes, o Judiciário não tem a prerrogativa da inércia e precisa responder, com as ferramentas que tem, aos problemas concretos mesmo diante do vácuo do Legislativo em relação ao tema. "Sem regulamentação, aplica-se o direito já existente, feito antes da existência dessas plataformas", explica o professor Felippe Mendonça, doutor em direito do Estado pela USP.

A omissão do Congresso em relação ao assunto ganhou um novo capítulo nesta semana. Em meio à crise, parlamentares pressionaram o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), a pôr em votação o Projeto de Lei 2630/2020. O texto, apelidado de PL das Fake News, propõe a responsabilização das plataformas por conteúdo publicado por terceiros. Até o presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), em mais um momento em que se contrapôs a Lira, manifestou-se pela votação da matéria, que foi aprovada no Senado em 2020 e enviada à Câmara, onde já tem relatório feito pelo deputado Orlando

X @JAIRBOLSONARO

ALIADOS O ex-presidente e Musk em maio de 2022: críticas do empresário ao Supremo insuflaram o bolsonarismo

Silva (PCdoB-SP) pronto para ser votado. Lira afirmou considerar que a contaminação política em torno do tema inviabilizou a discussão do relatório, que ele descartou, devolvendo o tema à estaca zero. Anunciou a criação de um grupo de trabalho para, em até quarenta dias, apresentar uma nova proposta. Se quiser ter algum resultado prático, o grupo precisa concluir os trabalhos ainda no primeiro semestre, porque a partir de junho o Congresso fica esvaziado em virtude do recesso, das festas juninas e do calendário eleitoral. Será difícil.

BOGDAN HOYAUX/EUROPEAN COMMISSION

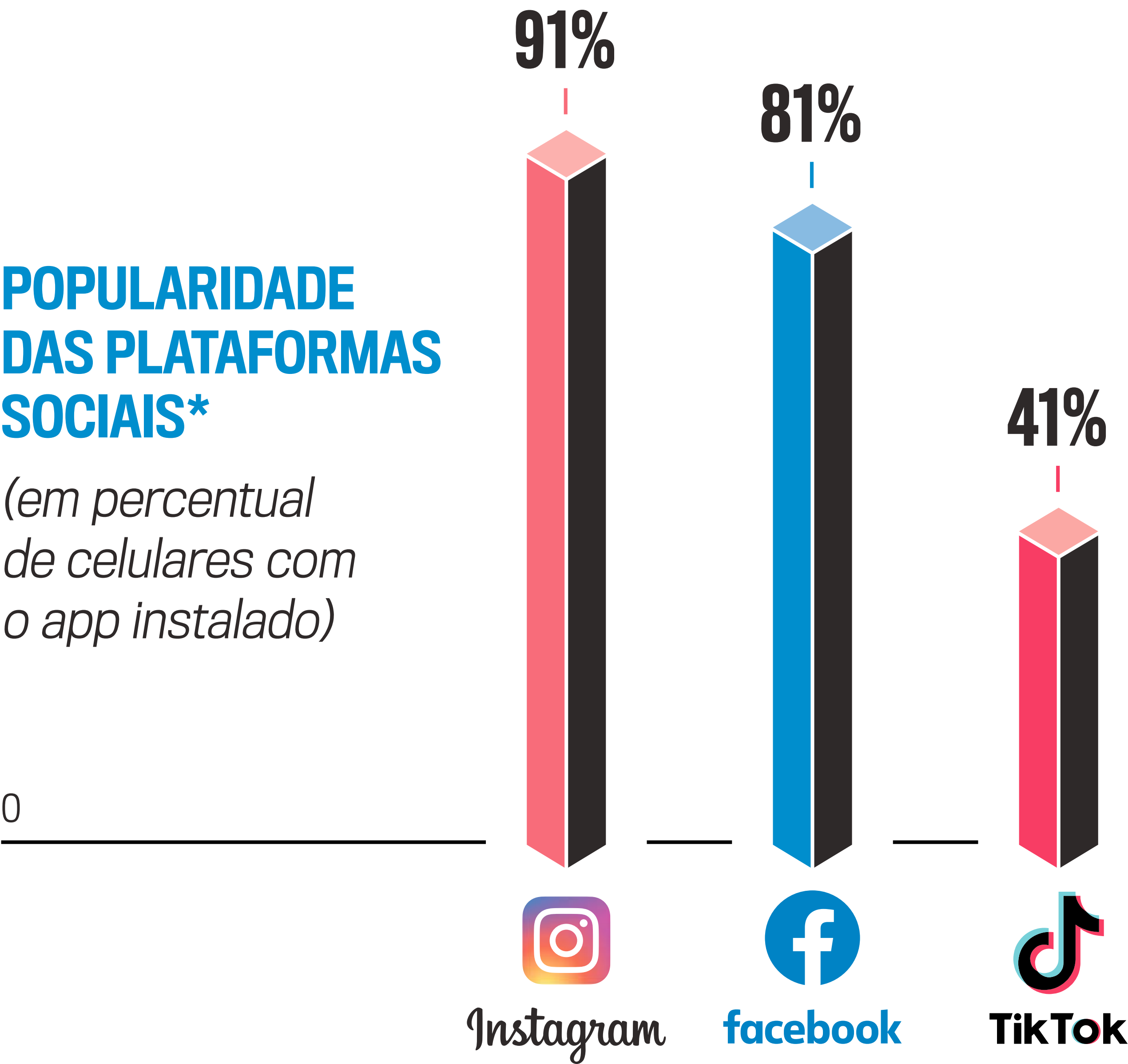
PIONEIRISMO Reunião da Comissão Europeia: investigação inédita contra o X

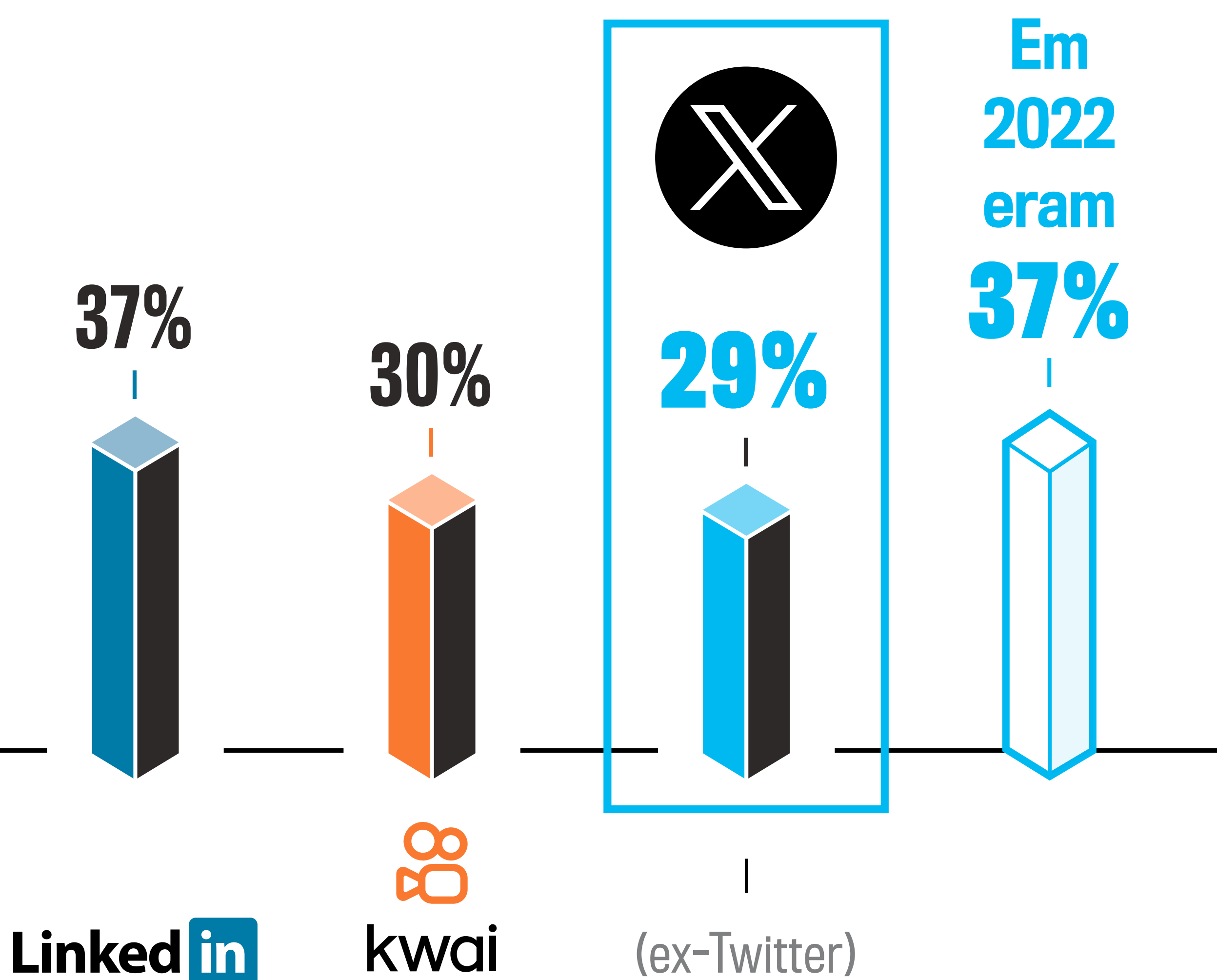
Enquanto isso, no Senado, parlamentares discutem o Marco Civil da Inteligência Artificial, proposto por Pacheco em maio de 2023, que estabelece diretrizes para o uso da ferramenta. O texto está sendo discutido em uma comissão técnica e já é alvo de pressão das plataformas — não há previsão para ir a plenário. O governo Lula, que apoia os dois projetos, não tem nenhuma iniciativa própria sobre o tema, apesar de ter dito com ênfase, ao assumir, que a regulação das redes sociais seria prioridade. Nesta semana, após os ataques de Musk, Jorge Messias, o chefe

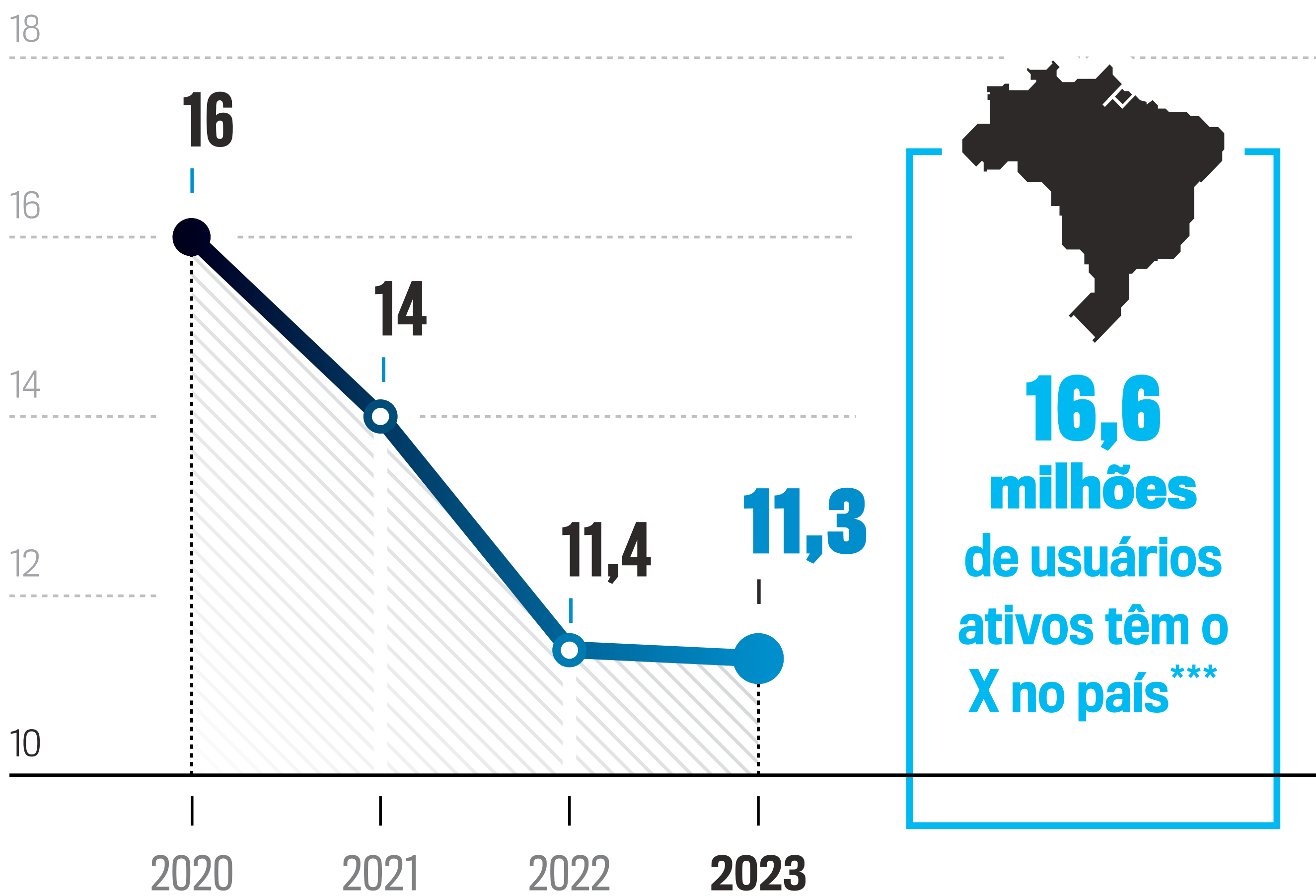
da Advocacia-Geral da União e um dos porta-vozes do governo sobre o tema, disse que a prioridade será levar a discussão sobre a regulação das redes sociais para um organismo internacional, como o G20, que será realizado no Brasil — ou seja, nada do qual se possa esperar muito.

Ao contrário do que alardeiam os correligionários de Musk, a regulação das redes sociais é necessária e nada tem a ver com censura. Para especialistas, é essencial que os direitos individuais dos usuários sejam levados à mesa de debate, mas a discussão não pode ser contaminada por setores que, visando à própria impunidade, defendem uma liberdade de expressão totalmente irrestrita e irresponsável, algo que não existe em nenhuma democracia do mundo. “A estratégia de Musk é instrumentalizar a liberdade de expressão para legitimar discursos antidemocráticos na sua plataforma. Nesse cenário, o direito à expressão torna-se inimigo do Estado democrático de direito, em vez de ser parte essencial dele”, avalia Veridiana Alimonti, diretora de políticas para a América Latina da Electronic Frontier Foundation (EFF). Existem, claro, preocupações concretas em relação à atuação do Estado, particularmente do Judiciário, como moderador do diálogo nos canais de comunicação. O próprio Moraes é com frequência criticado por supostos excessos e pela falta de transparência em suas decisões. É fato, porém, que recentemente o rigor da Justiça foi necessário, porque o país esteve à beira de um golpe, em grande parte inflado pelo ambiente de terra de nin-

O TAMANHO DO X NO BRASIL

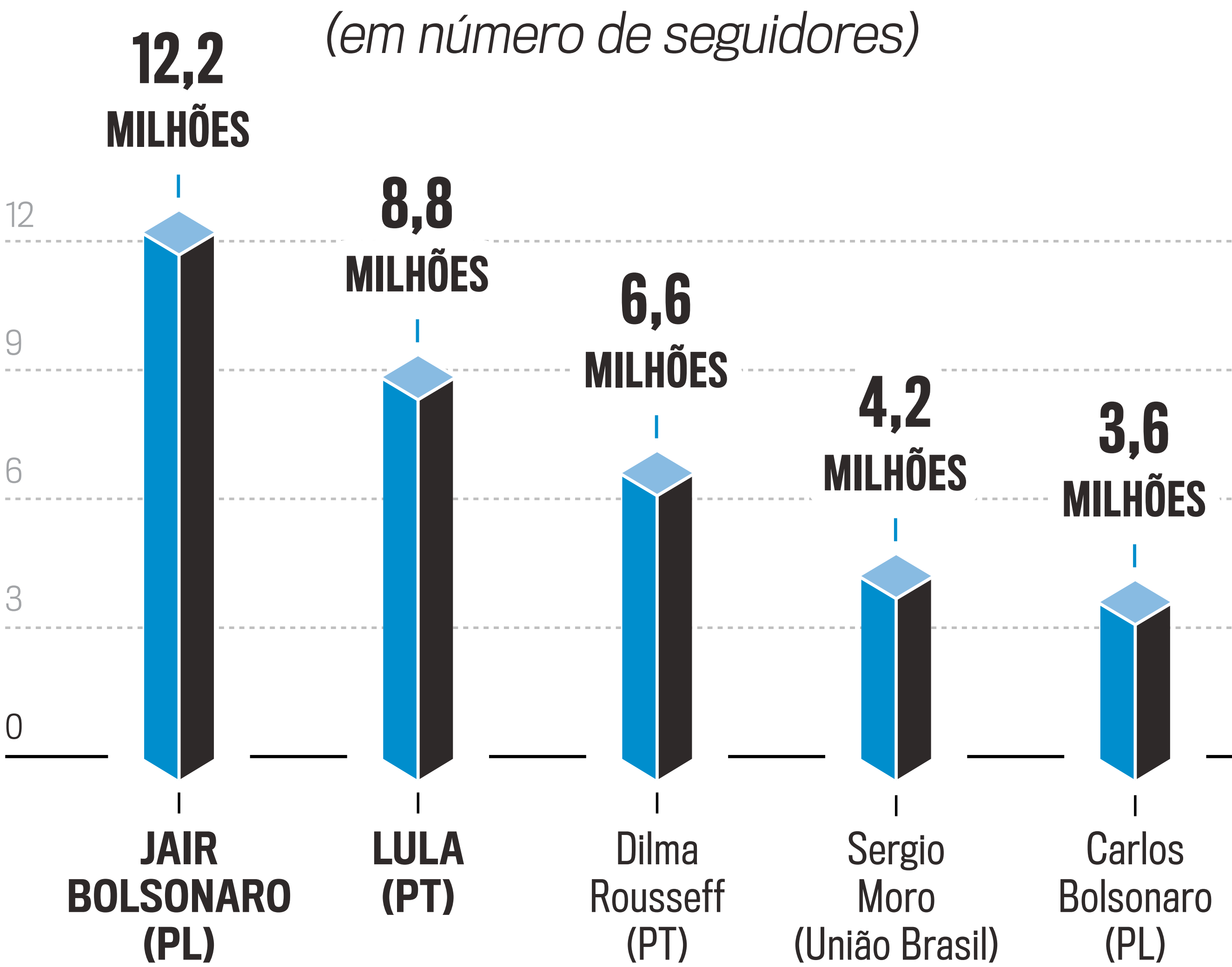
Instalação do aplicativo está em queda no país

* Panorama Mobile Time/Opinion Box

guém das redes sociais. É certo também que, em um momento de normalidade, deve-se voltar a ter uma preocupação maior com a questão para não deixar dúvidas sobre os atos processuais. No entanto, o risco de excessos judiciais nesse ambiente é fruto também da ausência de leis que obriguem plataformas como o X a adotar medidas próprias de moderação. "Enquanto a legislação não avança no Congresso, o STF fica sobrecarregado como a única instituição com algum poder para combater o extremismo nas

redes", diz Estela Aranha, membro do Conselho da ONU para inteligência artificial e ex-secretária de Direitos Digitais do Ministério da Justiça.

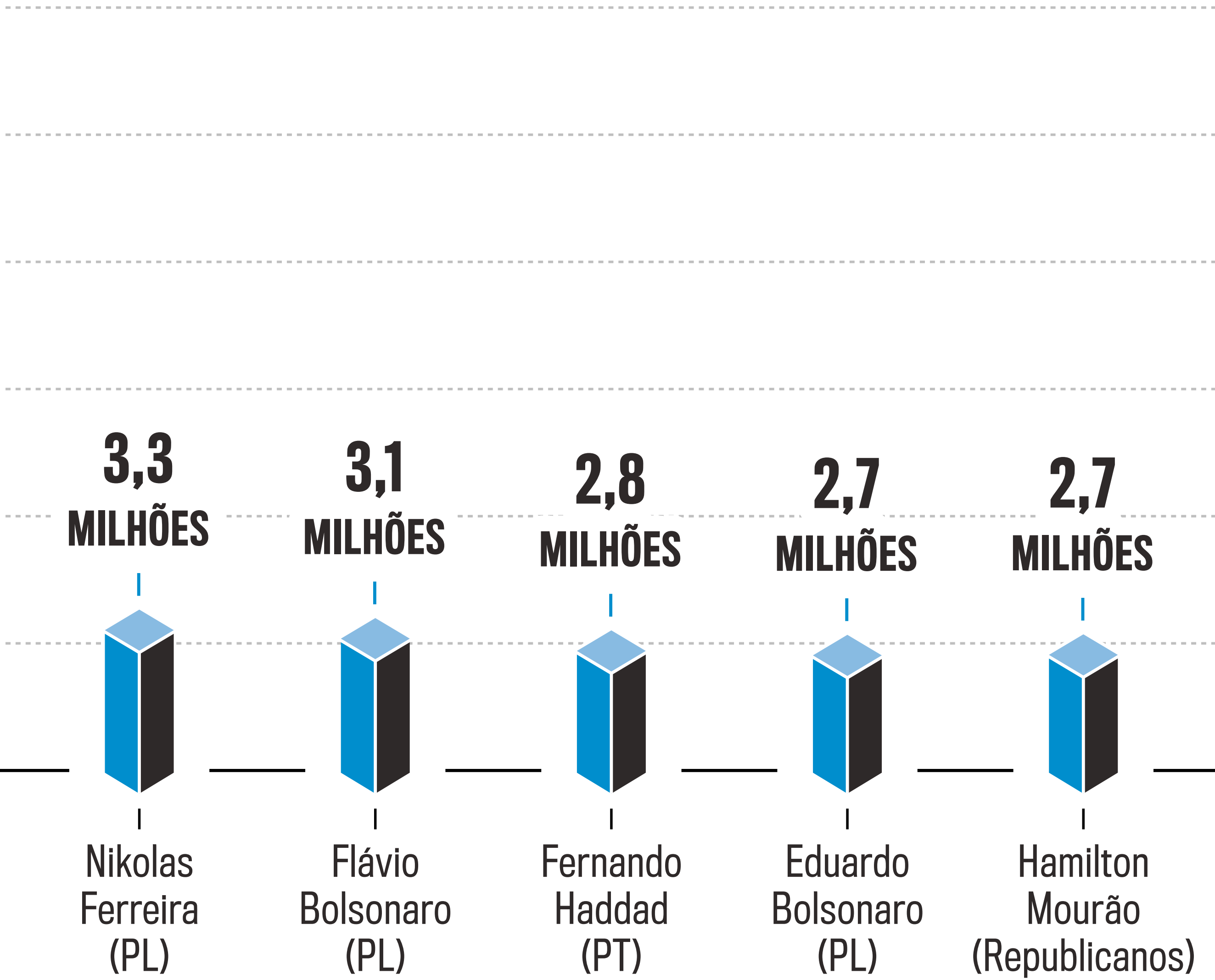
Não faltam evidências do perigoso conteúdo de cunho extremista que ronda as redes sociais. Nas últimas décadas, mais de quarenta casos de tiroteios em massa nos Estados Unidos estavam relacionados ao consumo de conteúdos envolvendo violência explícita, discurso de ódio e neonazismo, segundo estudo recente publicado no periódico *Sage Jour-*

nals. No ano passado, um aluno que esfaqueou cinco pessoas em uma escola de São Paulo e deixou uma professora morta, descobriu-se, era participante ativo de comunidades virtuais de ódio, chegando a adotar o mesmo sobrenome que um dos atiradores do massacre de Suzano (SP), ocorrido em 2019. Os casos notórios incluem, ainda, a massiva propagação de *fake news* sobre vacinas por grupos de extrema direita no Twitter, incluindo falsas relações entre imunização e aids que, até recentemente, ainda estavam no ar.

(em número de seguidores)

Político	Seguidores
JAIR BOLSONARO (PL)	**12,2 MILHÕES**
LULA (PT)	**8,8 MILHÕES**
Dilma Rousseff (PT)	**6,6 MILHÕES**
Sergio Moro (União Brasil)	**4,2 MILHÕES**
Carlos Bolsonaro (PL)	**3,6 MILHÕES**

Eixo: 0, 3, 6, 9, 12

**** Levantamento VEJA

A liberdade de expressão é um pilar fundamental de qualquer sociedade civilizada e precisa sempre ser defendida com veemência. Ocorre que, nem de longe, Elon Musk é a pessoa mais indicada para empunhar essa bandeira. Não lhe faltam doses espaciais de hipocrisia. Enquanto acusa o Brasil de censura, ele se cala sobre a China, onde o X é proibido. Lá o bilionário tem a principal fábrica da Tesla e mantém relações amigáveis com autoridades do partido único que governa o país. No final de 2022, o em-

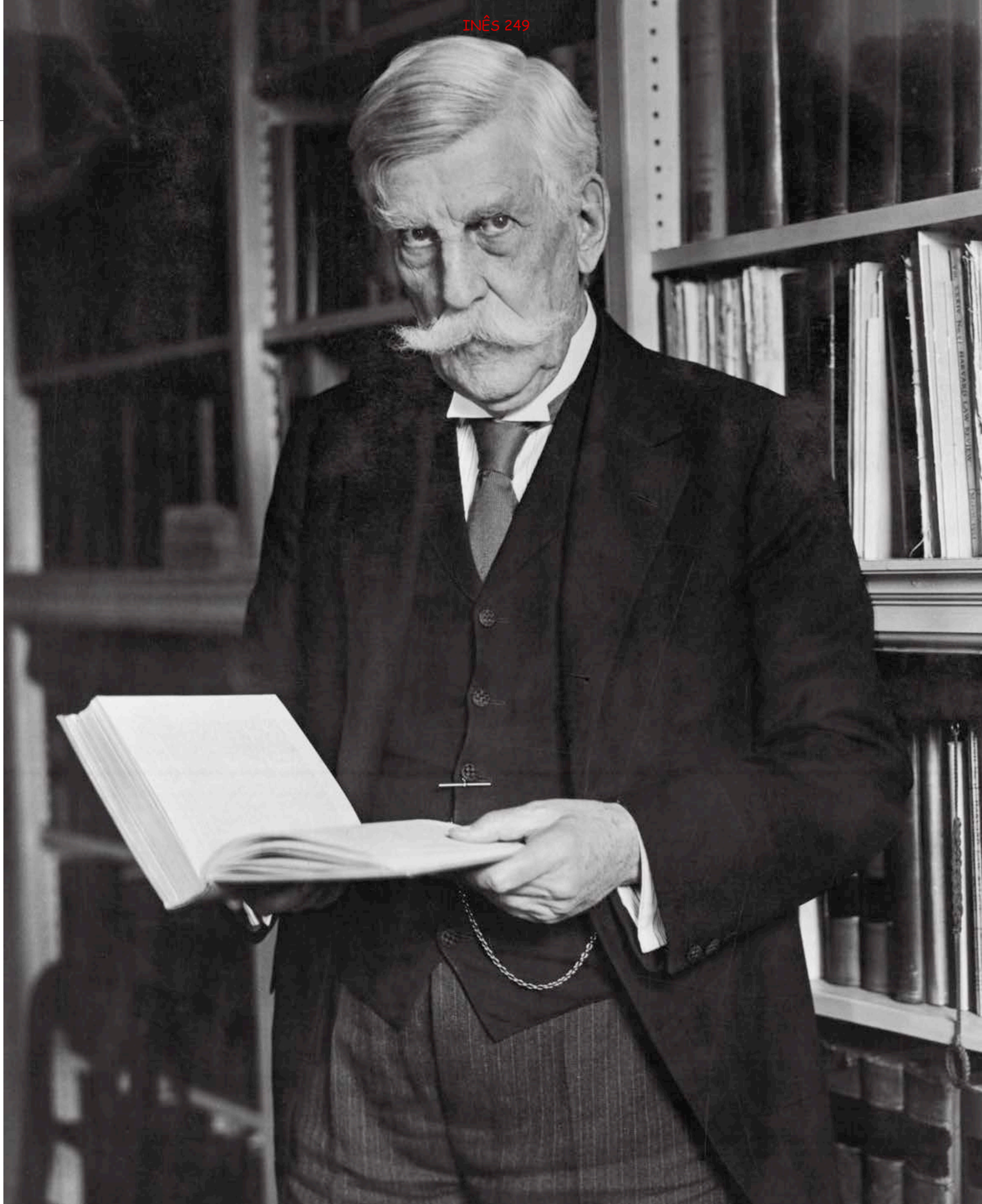
presário bloqueou jornalistas de alguns dos principais veículos americanos, como *The New York Times,* CNN e *The Washington Post,* que cobriam suas atividades, alegando que eles expunham fatos privados, como a sua localização em tempo real. A mesma acusação de bloquear veículos e profissionais de imprensa foi feita em 2023 pela Comissão Europeia. Também é célebre a frase de Musk, em 2020, ao ser questionado sobre o seu apoio ao movimento que levou Evo Morales a renunciar à Presidência da Bolívia, país onde tem interesse nas reservas de lítio, essencial para suas empresas: "Nós daremos golpe em quem quisermos. Lide com isso". Com um currículo desses, soa pretensiosa, desrespeitosa e inadequada a tentativa do multimilionário de dar qualquer lição de moral ao Brasil e suas instituições. A melhor reação para isso é o país fazer um esforço maior para acabar com a terra sem lei de plataformas como o X. Musk não vai curtir, certamente. ■

FERNANDO SCHÜLER

A MARCHA DA INSENSATEZ

"PARA QUE tanta censura?", começou perguntando Elon Musk. Depois o caldo entornou. A bronca de Musk vem na sequência da revelação dos Twitter Files, pelo jornalista Michael Shellenberger, e das denúncias que todos de algum jeito conhecemos. O Estado brasileiro querendo dados de usuários, para saber quem divulga esta ou aquela hashtag, censura a parlamentares, desmonetização e apagamento de contas, e por aí vai. Os temas envolvidos são políticos, os personagens são políticos, e não há muita novidade aí. A área jurídica da rede disse que "não havia indício de ilegalidade" naquelas opiniões. Mas obviamente o conceito do que é legal ou ilegal se tornou bastante flexível, ao menos por aqui, nos últimos tempos. O direito "líquido", me disse um colega, bem-humorado, por estes dias. E quem sabe nesse ponto resida boa parte do problema.

O imbróglio, nesta confusão toda, não é Musk. Ronaldo Lemos matou a charada ao dizer que não cabia ao Estado brasileiro fazer todo esse alarde com as declarações de Musk. Bastaria agir na forma da lei, caso a empresa de fato

cometer uma ilegalidade. O problema é que as perguntas, alertas e denúncias de Musk incomodam. Ele faz o papel daquele vizinho que, em um dia qualquer, diz que "está acontecendo alguma coisa estranha naquela casa". Sejamos claros: o que ele diz sobre censura prévia e controle de opinião, no país, basicamente já sabemos. E fomos empurrando com a barriga. A diferença é que agora a coisa toda foi jogada em um imenso ventilador. Xingar o Musk, chamar de "menino mimado", "drogado", "extremista de direita" e os impropérios de sempre, pode ser um bom divertimento, mas não passa muito de um truque. As perguntas que realmente importam dizem respeito a nós mesmos e à nossa democracia. E nós sabemos quais são: há ou não censura prévia no Brasil? Há devido processo? Acesso de advogados aos autos? E o que vamos fazer com os famosos inquéritos, que já vão para mais de cinco anos? Há uma fila de perguntas, e nada disso tem a ver com Elon Musk, nem será resolvido por ele.

O que me fascina, nessa confusão toda, é o choque entre duas histórias e duas culturas jurídicas. De um brilhante jurista, escutei que "Musk faz isso porque sabe que está protegido pela Primeira Emenda". Bingo. É porque está sob a guarda das instituições da mais antiga democracia do planeta que Musk pode dizer o que pensa e dormir tranquilo. Ele sabe que fala ancorado em uma tradição que vem de Madison e Jefferson, do Bill of Rights de 1791, atualizada por gerações de juízes da Suprema Corte americana. Do lado de cá, nós também temos a nossa tradição. Nossas sete constituições, nossas duas

SENSATEZ Oliver Wendell Holmes, da Suprema Corte: "Livre mercado de ideias"

longas ditaduras, no século XX. E aquela frase de Sérgio Buarque sobre nosso estranhamento com a ideologia "impessoal" do liberalismo, que "jamais se naturalizou entre nós".

Choque de culturas significa o seguinte: não há "delito de opinião", na tradição americana. Diferentemente do que acontece por aqui. Vimos isso ainda agora, quando a

Justiça americana negou a extradição do blogueiro Allan dos Santos. Depois de assistir a vídeos do sujeito, levados pela turma do lado de cá, o funcionário americano (imagino que um tanto entediado), foi claro: “São apenas palavras”. E encerrou a questão. É o mesmo caso do youtuber Monark. Em uma conversa meio sem nexo, na internet, ele resolveu “achar” que qualquer agremiação política, mesmo um partido nazista, deveria ter direito à expressão. Foi o que bastou. Banimento, processo, pedido de multa milionário. Do seu jeito tosco, ele defendeu o mesmíssimo princípio consagrado no direito americano. O direito afirmado em decisões históricas, como a tomada pela Suprema Corte em 1978, autorizando uma passeata nazista em Skokie, comunidade judaica, perto de Chicago. O que o youtuber sugeriu, na prática, foi uma mudança na lei brasileira. Da qual discordo, o que é irrelevante. A pergunta é: vivemos em um país onde os cidadãos não podem defender uma mudança nas leis? Defender, por exemplo, algo similar à Primeira Emenda americana? É este o país em que nos transformamos?

É exatamente aqui que entra um novo personagem: Oliver Wendell Holmes. Veterano da Guerra Civil Americana e depois juiz da Suprema Corte, foi ele quem formulou o famoso critério do “risco claro e imediato” para definir os limites da liberdade de expressão. O caso tratava de um líder socialista da Filadélfia, Charles Schenck, que havia soltado panfletos contra o recrutamento obrigató-

“Vivemos em um país onde os cidadãos não podem defender uma mudança nas leis? Defender, por exemplo, algo similar à Primeira Emenda americana?”

rio na Primeira Grande Guerra. O critério de Holmes era claro: o direito à expressão não deveria depender de interpretações abertas sobre os riscos de uma opinião. O critério deveria ser objetivo: o risco imediato da violência. Meses depois, Holmes julgaria um caso envolvendo ativistas comunistas, em Nova York, contrários à interferência americana na Revolução Russa. Um deles era Jacob Abrams, judeu e militante de esquerda. Holmes agiu com base naquele princípio. E o fez na forma de um voto dissidente. Absolveu Abrams e seus colegas, e colocou seu próprio nome na tradição dos direitos e da democracia liberal.

Holmes argumentou que, se há algo que podemos aprender com a tradição moderna, é que não há forma mais segura de nos aproximarmos da verdade do que o "livre mercado de ideias". E que esta era, em última instância, a "teoria da nossa Constituição". É um "experimento", ele diz, "como toda a vida é um experimento". Sempre me surpreendo com essas palavras. Da ideia da Constituição como um "experimento". Holmes havia lido muito Adam Smith, e de alguma forma transfere para o mundo das ideias e do próprio direito o princípio que Smith tão bem compreendeu para a economia. A lógica simples de que respeitar a regra do jogo, mantendo-se sempre aberta a praça do mercado à livre competição de ideias, é uma ótima maneira de viver. Onde todos ganham, ainda que isso nos custe o preço de muitas péssimas ideias, no curto prazo. O custo, por exemplo, de ideias "perigosas" como aquelas que Abrams e seus amigos espalhavam em uma noite qualquer de Nova York.

Por vezes as pessoas me sugerem que não há muito sentido em falar da tradição americana. Que somos brasileiros e que por aqui temos outra visão sobre a liberdade de expressão. Discordo. Não me consta que teríamos sido feitos para o cangote. E, tanto lá como aqui, as leis vedam a censura prévia e não reconhecem o delito de opinião. Também nós temos uma teoria de nossa Constituição, filha dos anos 80 e de seu desejo de garantir a liberdade e limitar o poder. De consagrar uma sociedade aberta, não

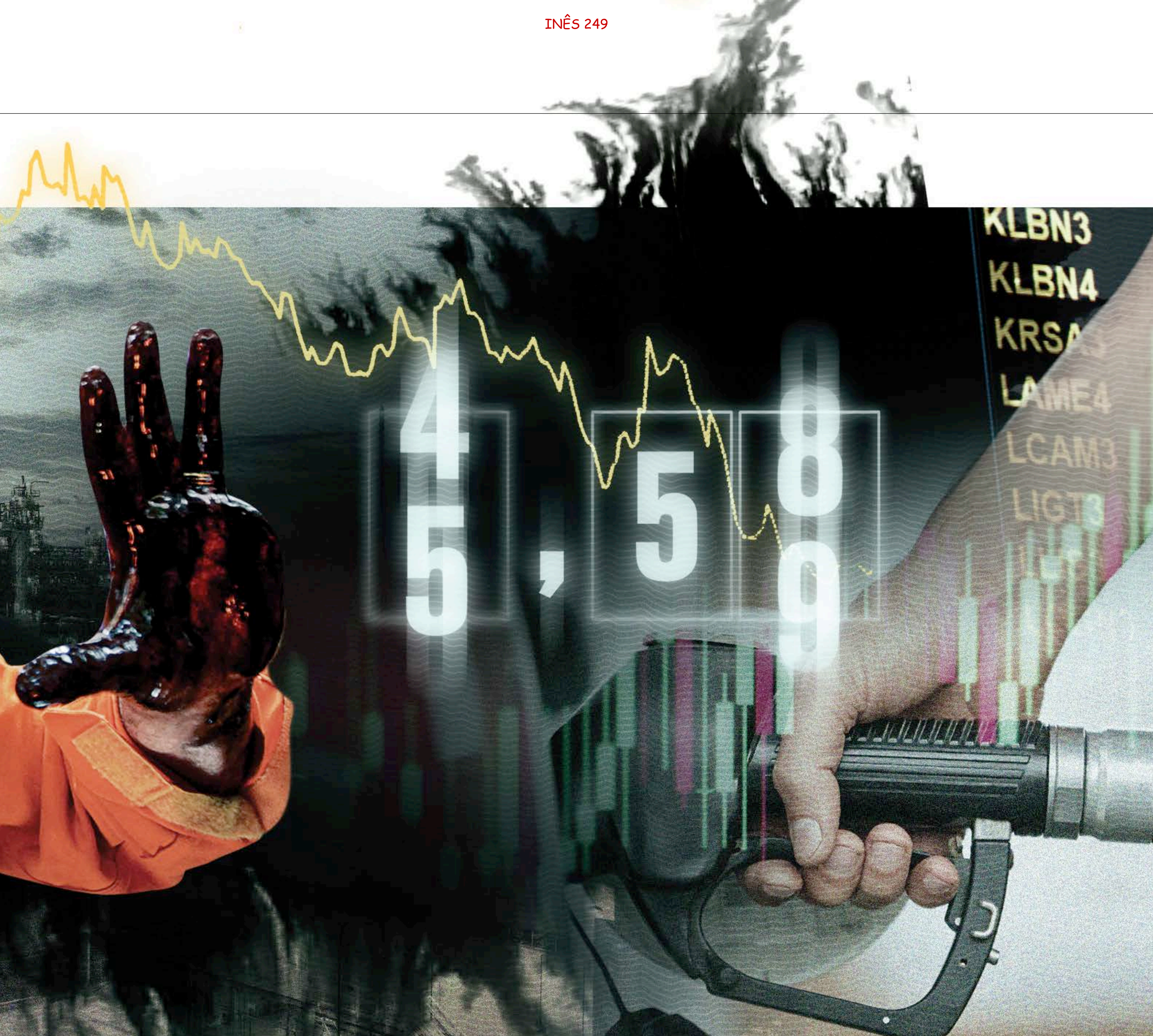
a democracia de tutela em que vamos nos convertendo. A estranha democracia feita de agentes de Estado bisbilhotando conversas no rádio, vídeos no YouTube, contas no Twitter e bate-papos no WhatsApp. Se esse será nosso destino ou se andamos apenas num desvio de curso é a pergunta a que devemos responder. Talvez nos falte um Holmes ou um Madison, lá atrás. Ou, quem sabe, uma grande tradição liberal. Não sei. O fato é que nossa marcha da insensatez já foi longe demais. São sobre isso, no fundo, os alertas que nos são dados, por estes dias, aos quais deveríamos prestar atenção. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

MONTAGEM COM FOTOS DE FELIPE DANA/AP/IMAGEPLUS; PATRICIA MONTEIRO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES; ISTOCK/GETTY IMAGES

A PESADA MÃO DO ESTADO

O que está por trás da disputa que divide o governo, atiça certos instintos políticos e coloca em risco a saúde financeira da maior empresa do país **DANIEL PEREIRA** E **JULIANA MACHADO**

POUCOS GOVERNANTES conhecem tão bem o peso da Petrobras quanto o presidente Lula. Em seu segundo mandato, entre 2007 e 2010, ele transformou a empresa em peça-chave de sua estratégia política — seja para desgastar a oposição, acusando-a de querer privatizar a companhia, seja para fazer propaganda, comparando a descoberta das reservas do pré-sal a um bilhete premiado que levaria o Brasil, finalmente, rumo ao desenvolvimento. No governo de Dilma Rousseff, o petista teve de lidar com o outro lado da moeda quando a Lava-Jato des-

cobriu um esquema monumental de corrupção que se abastecia de contratos superfaturados da empresa. As investigações atingiram diferentes partidos políticos, resultaram na prisão de Lula e contribuíram para o impeachment de Dilma. A petrolífera não é protagonista apenas na economia. Com um plano de investimento bilionário, projetos com forte apelo eleitoral e contratos que despertam a cobiça empresarial dentro e fora do Brasil, ela pode influenciar na redenção ou desestruturação de qualquer gestão e até de carreiras políticas. Por isso, tornou-se um cenário conhecido de disputa de poder.

Considerada a joia da coroa entre as empresas brasileiras de capital aberto controladas pelo Estado, a Petrobras é alvo permanente de cobiça. Em 2005, o então presidente da Câmara, Severino Cavalcanti, exigiu a diretoria que "fura poços" ao negociar apoio a Lula. Na ocasião, o rei do baixo clero rendeu homenagem à regra segundo a qual quem está fora da companhia quer entrar nela de qualquer jeito e ter seu rincão de influência. No atual mandato de Lula, a queda de braço tem contornos um pouco diferentes e é travada dentro da própria equipe do presidente. As faces mais visíveis são o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, ex-senador pelo PSD, e o presidente da companhia, Jean Paul Prates, ex-senador pelo PT. Os dois não se entendem desde sempre. No último embate, divergiram sobre o pagamento de dividendos extras aos acionistas. Silveira, que tem ascen-

dência sobre o conselho de administração da Petrobras, foi contrário à iniciativa e contou com o apoio do chefe da Casa Civil, Rui Costa. Já Prates, que controla a diretoria, queria o pagamento de pelo menos metade dos dividendos extras. Chamado a arbitrar a disputa, Lula deu razão à dupla Silveira e Costa, para quem o desembolso

AO SABOR DA POLÍTICA

Nas últimas três décadas, a Petrobras esteve no centro dos debates em todos os governos — enredos que passam pela privatização, por intervenções desastrosas e monumentais casos de corrupção

FERNANDO HENRIQUE

O Congresso aprovou a emenda constitucional que acabou com o monopólio da empresa em pesquisa, refino e transporte de gás natural e petróleo. O PT usou a abertura de mercado para acusar o PSDB de querer privatizar a companhia

LULA 1 E 2

O petista sempre considerou a empresa um poderoso instrumento da luta política, usado para desgastar a oposição e fazer publicidade. A Lava-Jato revelou que a estatal foi usada como uma gigantesca fonte de arrecadação clandestina e de pagamento de propina

DILMA ROUSSEFF

A presidente implantou uma política intervencionista que tentou baixar o preço da gasolina na marra, o que provocou prejuízos bilionários à empresa e aos acionistas. As revelações de corrupção na estatal catalisaram o impeachment da mandatária

MICHEL TEMER

Na gestão do emedebista, houve uma profissionalização da gestão da Petrobras, favorecida por regras que tentaram blindar a companhia de indicações políticas. Na época, adotou-se a política de preços baseada no mercado internacional

JAIR BOLSONARO

O capitão interveio na empresa e trocou seu presidente três vezes para tentar ter mais influência em sua administração. Também privatizou uma série de ativos, como a BR Distribuidora, cuja venda é criticada por integrantes da gestão petista

FOTOS DE CAIO GUATELLI; RICARDO STUCKERT/PR; ROBERTO STUCKERT FILHO/PR; CRISTIANO MARIZ; MARCOS CORRÊA/PR

de extras aos acionistas poderia prejudicar o plano de investimentos da Petrobras.

O argumento soou como música aos ouvidos de Lula, que não cansa de repetir, numa ladainha palanqueira, que a companhia não serve aos propósitos do mercado, mas ao povo brasileiro. Intervencionista por natureza, o presidente barrou o pagamento e causou uma enorme confusão. Na área econômica, a decisão provocou de imediato uma desvalorização bilionária do valor de mercado da companhia. Na seara política, fez o presidente cogitar a demissão de Prates, com quem não tem uma boa relação — ou uma relação próxima o bastante que lhe permita dar ordens a qualquer hora e sem nenhum pudor. Emissários de Lula chegaram a sondar o presidente do BNDES, o ex-senador petista Aloizio Mercadante, para ver se ele aceita trocar o banco de fomento pela petrolífera. Rui Costa, que há tempos tenta colocar um nome de sua confiança no comando da Petrobras, também se movimentou e sugeriu alternativas, articulando sempre nos bastidores, como é de seu feitio. A queda de Prates parecia iminente, mas não ocorreu até o fechamento desta edição. A demissão até perdeu um pouco do caráter de urgência que era anunciado pelos desafetos de Prates, mas continua considerada provável dentro do governo e do PT, principalmente pelo fato de Lula não gostar do tipo de diálogo — distante e formal — que estabeleceu com Prates.

INFLUÊNCIA Haddad e Costa: o embate entre os dois ministros mais poderosos do governo ganhou uma nova arena

Até aqui, alguns fatores ajudaram a garantir uma sobrevida ao presidente da Petrobras. Um deles foi a entrada no circuito do ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Em conversa com Lula, ele defendeu o pagamento dos dividendos extras, alegando que não prejudicaria o plano de investimentos da Petrobras e, de quebra, ajudaria as contas públicas, já que a União receberia entre 6 bilhões e 13 bilhões de reais no rateio. Ciente do potencial de combustão do caso, Haddad não pediu nem pela per-

FOTOS FREDERICO BRASIL/THENEWS2/AGÊNCIA O GLOBO; RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

manência nem pela saída de Prates, mas deu a entender ao presidente que ele decidiu a questão dos dividendos sem ter acesso a todas as informações necessárias. Na prática, o ministro se colocou mais uma vez em trincheira oposta à de Rui Costa, que é crítico de seu plano de ajuste fiscal, e ainda ganhou o direito de indicar um servidor da Fazenda para o conselho de administração da Petrobras. Isso significa que, a partir de agora, Rui Costa terá de rivalizar com Haddad também em assuntos petrolíferos. O embate entre os dois, uma marca do atual governo, ganha uma nova arena. Outro motivo que jogou a favor da sobrevida de Prates foi o fator Mercadante, que até agora não se mostrou entusiasmado com a possibilidade de mudar de cargo.

Líder do PT no Senado durante o segundo mandato de Lula, Mercadante não é propriamente benquisto pelo mercado, por evocar — com ou sem razão — o temor de intervencionismo na companhia. Ele foi chefe da Casa Civil na gestão Dilma Rousseff, que provocou prejuízos bilionários à Petrobras ao tentar baixar na marra o preço dos combustíveis. “A tentativa de ingerência é péssima para a Petrobras e as demais empresas da Bolsa em que o governo tem algum tipo de participação acionária, como Eletrobras e Vale. É ruim para o mercado de capitais como um todo”, diz Alvaro Bandeira, coordenador da Apimec Brasil, entidade reguladora do mercado de capitais. Mesmo que haja mudança na presidência da Petrobras, o

INGERÊNCIA Silveira e Prates: queda de braço entre o ministro e o presidente da Petrobras pode acabar em demissão

imbróglio não terminará tão cedo. Os interesses em torno da empresa são compatíveis com o seu tamanho. A companhia planeja investir 500 bilhões de reais entre 2024 e 2028. Recentemente, lançou um edital para patrocinar com 250 milhões de reais projetos culturais. Essa dinheirama desperta o interesse de grandes empresas — como empreiteiras pilhadas no esquema do petrolão que vivem uma fase de redenção sob o governo Lula — e também de políticos. A decisão sobre o valor e o local de determina-

FOTOS TON MOLINA/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO; ANDRÉ COELHO/EFE

do investimento pode render dividendos eleitorais, fortalecer um governante, aproximar autoridades de financiadores de campanha e transformar políticos em interlocutores preferenciais dentro da companhia.

As oportunidades de negócios, ascensão e confusão são gigantescas. Para explorar todo o potencial em jogo, é fundamental estar bem posicionado. Os ministros Rui Costa e Alexandre Silveira, por exemplo, costumam defender aquilo que Lula gosta de ouvir e falar — principalmente a tese de que a Petrobras deve puxar os investimentos no Brasil, seguindo um roteiro escrito pelo Palácio do Planalto. Prates, na versão de seus rivais, tem uma postura mais independente — ou pró-mercado. Apesar disso, segundo um dos petistas mais influentes, o que incomoda mesmo Lula é o fato de o presidente da Petrobras não trabalhar em perfeita sintonia com o mandatário, o que implicaria certa subserviência. “O Prates veio do governo Lula. Uma troca por outro nome seria como trocar seis por meia dúzia, mas o que o mercado não gosta é de ingerência”, diz Marcelo Vieira, chefe da mesa de renda variável da Ville Capital, escritório de agentes autônomos da XP. Receita testada e reprovada, o intervencionismo em empresas de capital aberto já rendeu perdas de bilhões de reais a acionistas e aos cofres públicos, além de processos rumorosos por corrupção. Lula é um entusiasta da ideia de aumentar o peso do Planalto nas estatais, mas seu governo não parece saber o que espera de fato da Petrobras. ■

JOGOS DE PODER

Presidente reafirma que não pretende se envolver diretamente na disputa pelo comando do Senado. Nos bastidores, acena a dois ex-aliados de Bolsonaro

HUGO MARQUES E **MARCELA MATTOS**

TOQUE FEMININO Thronicke: esperança de ser a primeira mulher em 200 anos a comandar uma das casas do Congresso

RICARDO STUCKERT/PR

NO INÍCIO do ano passado, o governo se empenhou até onde pôde para reeleger Rodrigo Pacheco (PSD-MG) à presidência do Congresso. O senador não era considerado o candidato ideal, mas era o que havia de mais confiável para garantir o que Lula precisava na largada do seu terceiro mandato: estabilidade política. E assim foi. As pautas prioritárias avançaram, os instrumentos legislativos que costumam ser usados pelos adversários para atingir ou desgastar o Planalto não prosperaram e, mesmo com um tamanho considerável, a bancada de oposição alcançou pouquíssimas vitórias. Em contrapartida, o PSD foi premiado com o comando de três ministérios — Minas e Energia, Agricultura e Pesca. O mandato de Pacheco termina em fevereiro do ano que vem. Oficialmente, o Executivo garante que não pretende interferir na eleição do futuro chefe do Legislativo, o que, em tese, pressupõe que o governo não vai lançar candidato próprio nem apoiar ostensivamente nenhuma candidatura. Em tese.

A campanha pela sucessão de Rodrigo Pacheco começou desde que ele se reelegeu, no início do ano passado, se intensificou nos últimos meses e já reúne vários possíveis pré-candidatos, tendo como os principais, até agora, Davi Alcolumbre, que conta com o apoio de boa parte do colegas, Rogério Marinho (PL-RN), que deve representar a oposição, e Soraya Thronicke (Podemos-MS), que se apresenta como uma espécie de terceira via. Ex-apoiadora de Jair Bolsonaro, a senadora rompeu com o ex-presidente durante a pandemia, disputou a Presidência da República em

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

O FAVORITO Davi Alcolumbre: acordo para voltar a presidir o Congresso

2022, ficou em quinto lugar, com apenas 600 mil votos (0,5% do total), e, no segundo turno, não apoiou ninguém. Dos três, Thronicke é a única que já anunciou publicamente a intenção de concorrer ao posto de chefe do Parlamento. Também é a que, supostamente, tem menos chances de ser bem-sucedida, já que, até o momento, nem mesmo os seus correligionários estão convencidos da ideia. A senadora, no entanto, disse recentemente a um aliado que tem duas cartas na manga capazes de catapultar seu nome.

A primeira é o fato de ser mulher. Em 200 anos de história, o Congresso nunca foi comandado por uma senadora. Quem mais se aproximou disso foi a hoje ministra do Plane-

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

SE SOBRAR... Eliziane: a senadora se entusiasmou com a sinalização de Lula

jamento, Simone Tebet (MDB). Em 2021, ela disputou o cargo com Rodrigo Pacheco. Sem o apoio do partido, teve apenas 21 votos, mesmo sendo uma parlamentar conhecida, respeitada e experiente. Thronicke está em seu primeiro mandato e aposta na bancada feminina, formada por quinze senadoras, para começar a viabilizar sua candidatura. O empuxo final, porém, sairia de onde menos se imagina. No fim do ano passado, a congressista contou que participava de uma solenidade no Palácio do Planalto quando foi convidada por Lula para uma reunião reservada. Na conversa, o presidente falou de sua expectativa em relação às eleições das mesas da Câmara e do Senado e não escondeu o des-

conforto com a situação atual. "'Não dá para ficar nas mãos do Alcolumbre, do Pacheco e do Lira'", teria dito Lula. E, na sequência, concluído: "Nós precisamos nos unir". Thronicke entendeu que o presidente lhe deu sinal verde para a campanha e promessa de apoio.

O Lira citado por Lula é Arthur Lira (PP-AL), reeleito presidente da Câmara no ano passado por um acordo entre o governo e os partidos que seguiu os mesmos moldes do que foi feito com Rodrigo Pacheco. Já Alcolumbre é Davi Alcolumbre (União-AP), ex-presidente do Senado que, na cadeira, aliou-se ao então presidente Jair Bolsonaro. Após a derrota do capitão, Alcolumbre debandou para o outro lado. Foi peça-chave para garantir o apoio do União Brasil a Lula, ampliando a base aliada no Congresso; em troca, o governo entregou à legenda três ministérios — Comunicações, Integração Regional e Turismo —, além de assumir o compromisso de apoiar a volta dele à presidência do Senado em 2025. Não por acaso, coube ao próprio Alcolumbre a escolha de dois dos três ministros. Mas, como teria dito Lula, não é nada confortável para o governo permanecer nas "mãos de Alcolumbre, Pacheco e Lira".

Um comentário como esse, se de fato aconteceu, pode ser interpretado como uma puxada de tapete de três dos mais poderosos políticos do Congresso e criar um tremendo embaraço. Alcolumbre, por exemplo, quando perguntado sobre seu retorno à presidência do Congresso, costuma lançar mão de seu jeito bonachão para desviar o assunto. Nos corredores

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

DESAFIANTE Marinho: embalado pela bancada conservadora, ex-ministro de Bolsonaro deve ser o candidato da oposição

do Senado, ele ainda é tratado como presidente — e não é por mera gentileza. O senador espera contar com o aval de Lula e, se eleito, já anunciou que vai continuar tocando a agenda econômica do governo — um ativo e tanto durante as vésperas de uma disputa presidencial. "Se o Davi quiser, com a oposição e o centro, ele derrota o governo e se elege. Mas isso é justamente o que o governo quer evitar, que é vê-lo eleito, mas com o compromisso de priorizar a agenda da oposição", afirma um dos aliados mais próximos do parlamentar. Resumindo, se Lula realmente falou o que pensa para a senadora Thronicke, ele estaria articulando, como os políticos gostam de dizer, uma facada nas costas. Mas isso é improvável.

Mesmo entre os petistas, não há dúvida hoje de que Alcolumbre será o presidente do Congresso a partir de fevereiro de 2025. Na política, porém, até as certezas são efêmeras. Em dez meses, tempo que falta para a eleição, os ventos podem mudar de direção, aliados podem se transformar em adversários e acordos podem ser descumpridos. É nisso que também apostam o senador Rogério Marinho, o principal nome da oposição, e outras duas senadoras que não descartam a hipótese de entrar na briga, caso os ventos realmente soprem para o lado feminino. A senadora Tereza Cristina (PP-MS), ex-ministra da Agricultura no governo de Jair Bolsonaro, é a primeira opção entre os oposicionistas. Do outro lado, Eliziane Gama (PSD-MA) já se apresentou como alternativa junto à bancada governista. Assim como Thronicke, ela também saiu entusiasmada de uma conversa recente com Lula, na qual o presidente teria comentado sobre a oportunidade de ter pela primeira vez uma mulher no comando do Senado. Lula, como se sabe, tem um talento natural para falar aquilo que o interlocutor gostaria de ouvir. Eliziane já deve ter sido advertida sobre isso, mas Thronicke ainda desconhece essa habilidade do presidente e está levando a sério o que escutou.

Em 2018, a senadora do Podemos foi eleita pelo PSL, partido de Jair Bolsonaro. Antes disso, ganhou notoriedade em Mato Grosso do Sul ao organizar protestos pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Hoje, ela se define como independente, contra os extremismos. "O governo quer um nome do meio, um nome que agregue, um nome de con-

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

NA RESERVA Tereza Cristina: cotada como a opção feminina dos oposicionistas

fiança que vai cumprir acordos", diz a pré-candidata. Sobre o aval de Lula à sua candidatura, ela desconversa, mas confirma, sem revelar os detalhes, que já tratou do assunto com o ministro Alexandre Padilha, das Relações Institucionais, e com o petista Jaques Wagner, líder do governo no Senado. Ambos negaram que o Planalto já tivesse fechado qualquer tipo de acordo com Davi Alcolumbre, até porque a determinação do Planalto é a de manter a aparente neutralidade. Talvez a melhor definição sobre a solidez da candidatura de Soraya Thronicke tenha sido dada pela própria presidente do Podemos, Renata Abreu: "Vou botar um bode na sala para todo mundo se chacoalhar". Um bode de saias. ■

MURILLO DE ARAGÃO

CAMINHANDO EM BRASAS

O dilema da polarização entre o lulismo e o bolsonarismo

A POLARIZAÇÃO política no Brasil exige um malabarismo específico para vencer as eleições presidenciais. Quem não tem habilidade para o malabar termina fora da disputa. Vamos aos exemplos. Jair Bolsonaro se elegeu em 2018 contando com votos da direita e do centro. Essa composição resultou do somatório da direita e dos antipetistas que não queriam a volta de Lula e cia. ao poder. Ao longo de seu mandato, Bolsonaro foi empurrando para fora de sua base eleitoral parte do eleitorado feminino, parte significativa de jovens e dos formadores de opinião. Os ataques à imprensa e ao STF geraram desgaste e transformaram muitos antipetistas em antibolsonaristas. Mesmo assim, empilhando erros e polêmicas desnecessárias, o capitão perdeu por muito pouco. A escolha de Lula foi, sobretudo, um repúdio ao então presidente, e não uma escolha feliz. O petista ganhou uma eleição por default. Sem alguns delírios nas últimas semanas antes do pleito, Bolsonaro poderia ter sido o vencedor.

Posto que tanto um quanto outro eram campeões em rejeição, no axioma do “mal menor”, diante do que temos pela frente, três aspectos se destacam. Bolsonaro, mesmo com sua industrial capacidade de se meter em confusões e de protagonizar atitudes no mínimo politicamente ambíguas, tem demonstrado uma resiliência eleitoral admirável. Dificilmente ele será candidato em 2026, mas poderá apoiar alguém. O segundo aspecto é que Lula, ainda que tenha conseguido alavancar um desempenho de razoável para bom em termos econômicos, apresenta índices declinantes de popularidade, o que indica que, para manter seu favoritismo, terá de se voltar para o eleitorado de centro. O terceiro aspecto é que a atual perda de apoio de Lula não significa, ainda, apoio a Bolsonaro.

No limite, bolsonarismo e lulismo competem contra si mesmos e a vitória de um deles será a redução da rejeição

“Lula e Bolsonaro agem como se suas teses e narrativas representassem as aspirações da maioria dos brasileiros”

potencial que vierem a ter. O menos rejeitado será o favorito nas próximas eleições presidenciais. Em suma, o futuro do bolsonarismo, seja lá quem for o candidato, e do lulismo, considerando que o presidente disputará a reeleição, está no eleitorado que não morre de amores por nenhum dos dois. As eleições de 2026 ainda estão distantes, mas é certo afirmar que algumas condições para a vitória ou a derrota de Lula ou do bolsonarismo já estão postas. Curiosamente, Lula e Bolsonaro não atuam para capturar o eleitorado "nem-nem" e agem como se as suas teses e narrativas tivessem ampla transversalidade e representassem a maioria absoluta das aspirações dos brasileiros.

O resultado econômico, impulsionado pela maciça transferência de dinheiro público para programas sociais, é passado. Seu efeito político é relevante, mas não decisivo. A inflação baixa, que se mantém por meio de uma política monetária sabotada diariamente por aliados do próprio governo, tampouco é novidade. Não passa de obrigação. O crescimento econômico sem a sensação térmica de que tudo está bem melhor não agrada. Um certo amortecimento para os sucessos do governo Lula e a crescente sensação de insegurança podem apontar o caminho a ser trilhado pela oposição contra o governo, que precisará tirar coelhos da cartola. ■

A VEZ DO ZERO QUATRO

Na esteira do pai e dos três irmãos, que ganharam protagonismo na política, Jair Renan, o quarto filho de Bolsonaro, vai tentar ser vereador em reduto da direita no Sul do país **LAÍSA DALL'AGNOL**

INSTAGRAM @BOLSONARO_JR

ARMADO Jair Renan: caçula do clã Bolsonaro reutiliza o velho discurso bélico

PATRIARCA POLÍTICO da família, Jair Bolsonaro começou a vida pública como um discreto vereador do Rio de Janeiro, em 1989, em um mandato-relâmpago que serviria de trampolim para voos maiores e nacionais. Embalado por um discurso conservador e em defesa da classe militar, de onde viera, elegeu-se deputado federal pouco mais de um ano depois. Ficou no cargo por quase três décadas até chegar ao posto mais alto da República, a Presidência, em 2019. Três filhos seguiram a mesma vocação: o vereador Carlos, o deputado federal Eduardo e o senador Flávio — todos rezando pela mesma cartilha do chefe do clã, como porta-vozes da direita e membros da oposição mais radical a Lula. Agora chegou a vez de o filho Zero Quatro, Jair Renan, de 26 anos, entrar em campo, numa empreitada marcada pelo improviso, pelas gafes e pelas polêmicas que também davam o tom nas campanhas do pai .

O mais novo membro da família com pretensões políticas já tem um reduto e um projeto para chamar de seus. Em março, anunciou a filiação ao PL e a pré-candidatura a uma vaga como vereador em Balneário Camboriú, no litoral norte de Santa Catarina. É lá onde Jair Renan mora, em um apartamento alugado desde o ano passado, quando foi contratado como auxiliar parlamentar no escritório do senador Jorge Seif Jr. (PL-SC), na vizinha Itapema, com salário de 9 500 reais. Ao ter a ficha de filiação assinada pelo governador Jorginho Mello, presidente do PL no estado e um dos aliados mais próximos de Bolsonaro, Renan se disse honra-

INSTAGRAM @BOLSONARO_JR

AMBIÇÃO Com o pai e Jorginho Mello: plano é chegar a Brasília em 2026

do em fazer parte da legenda e saudou os “compatriotas sulistas”. O mote, inclusive, tem sido frequente nas aparições do Zero Quatro nas redes sociais: em suas publicações mais recentes, afirma ser “catarinense por opção” e dispara ataques contra o PT e a esquerda. Um ato falho, no entanto, despertou a revolta dos seguidores. “Somos um povo trabalhador, honesto. Por isso eu saí do Rio de Janeiro e vim para cá”, disparou. “Que tiro no pé em falar mal do Rio”, comentou um seguidor. “Isso é alguma indireta pro Flávio e pro

Carlos?", ironizou outro, em alusão ao principal reduto eleitoral da família.

Os atos desencontrados têm incomodado até mesmo vereadores do PL e de partidos da base. Recentemente, Renan decidiu fazer um pronunciamento no plenário da Câmara Municipal criticando o fato de o espaço estar vazio em plena tarde de um dia útil e esculhambando o trabalho dos parlamentares — que na verdade estavam na Casa participando de reuniões de comissões. Apesar do desconforto, os correligionários evitam fazer críticas públicas ao jovem herdeiro, que, bem ou mal, tem atrás de si o apoio de um senador, do governador e, é claro, de Bolsonaro. Além da claque política, o Zero Quatro também foi apadrinhado por empresários importantes de Balneário Camboriú e região, sendo o principal deles Emílio Dalçoquio, que atua no setor de transportes e foi apontado pela Polícia Rodoviária Federal como um dos financiadores de bloqueios de estradas pelo país após a vitória eleitoral de Lula, no final de 2022.

Jair Renan escolheu a dedo o local onde lançaria a sua carreira e que pode lhe dar o impulso para voos maiores, como a disputa a uma vaga na Câmara dos Deputados, em 2026. A cidade de quase 140 000 habitantes, conhecida como a "Dubai brasileira" pelos altos índices socioeconômicos, arranha-céus e empreendimentos de luxo, é um reduto bolsonarista. Por lá, o ex-presidente teve 74,6% dos votos no segundo turno das últimas eleições — percentual maior até mesmo que o estado, cuja população deu 70% dos votos a

REDUTO DA DIREITA

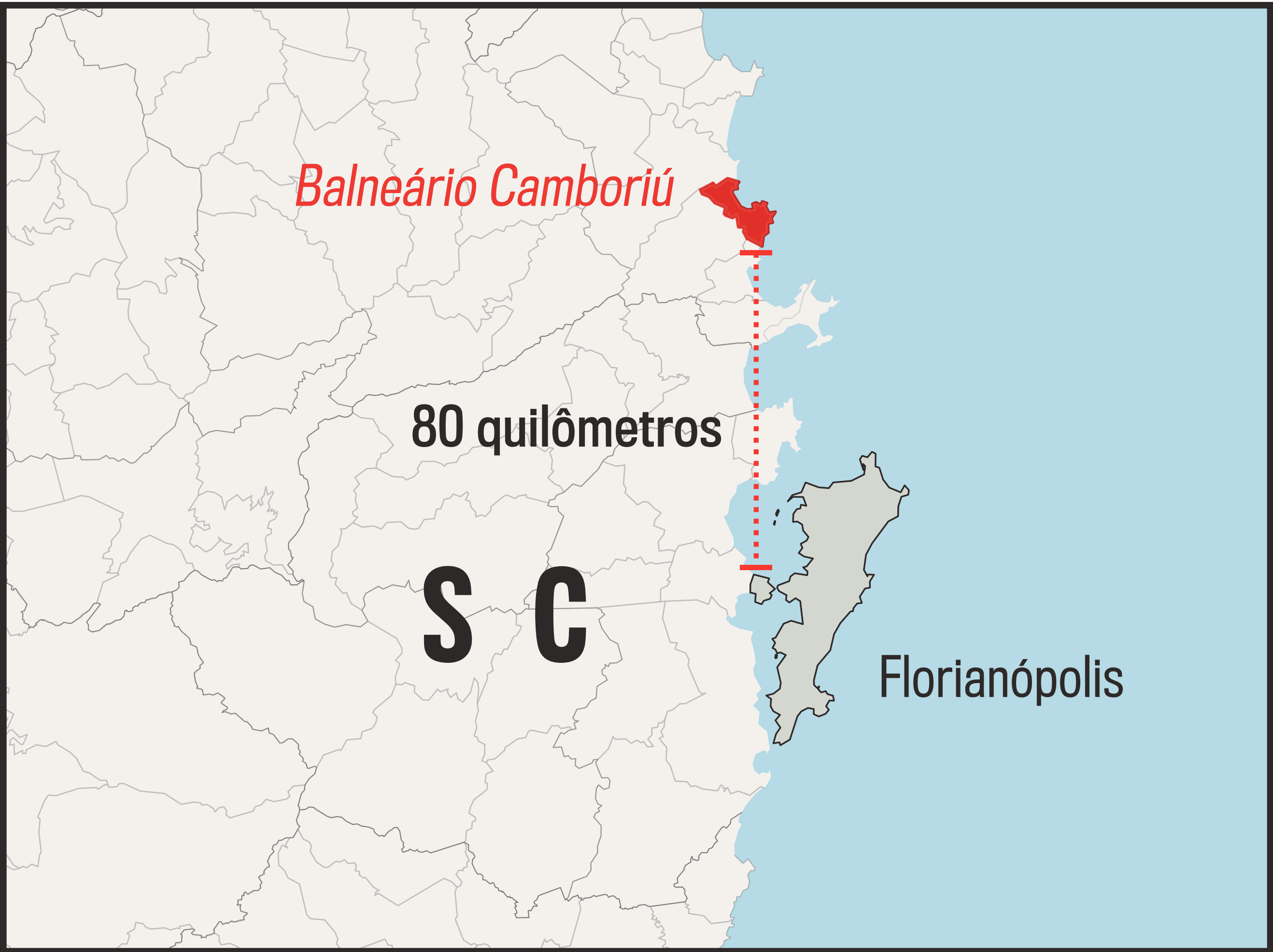
Três de cada quatro eleitores de Balneário Camboriú (SC) votaram em Bolsonaro em 2022

ONDE FICA

Balneário Camboriú

80 quilômetros

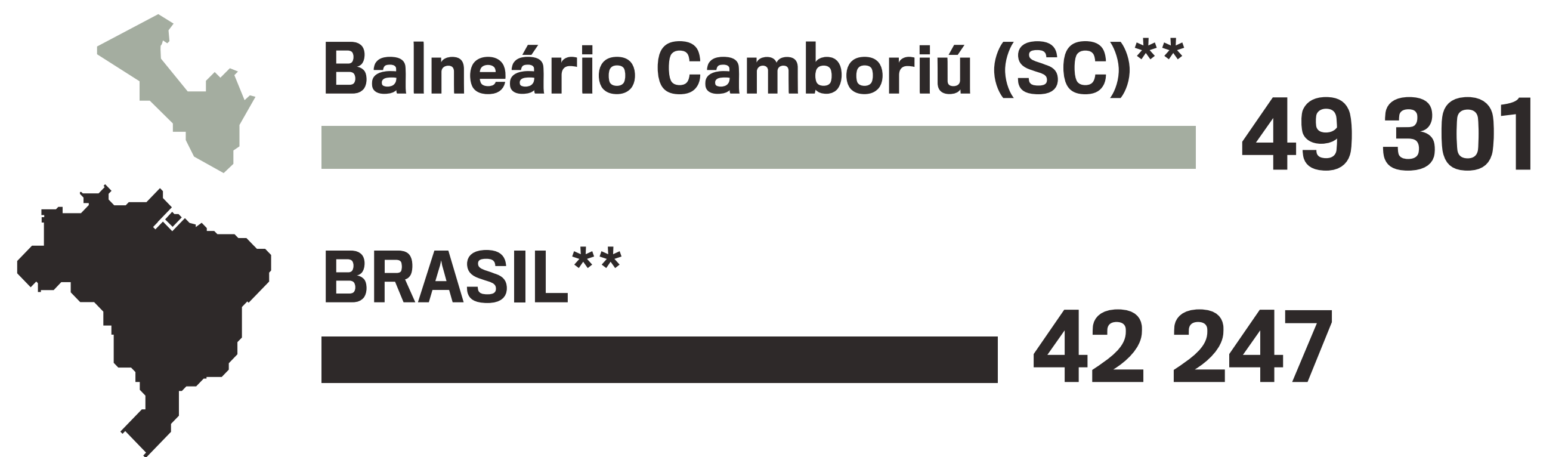
S C

Florianópolis

POPULAÇÃO

* IBGE 2022

PIB PER CAPITA *(em reais)*

Balneário Camboriú (SC)** 49 301

BRASIL** 42 247

DISPUTA PELA CÂMARA EM 2020

Vereador mais votado*** 1 220 votos

Vereador menos votado*** 836 votos

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL EM 2022
(no segundo turno)

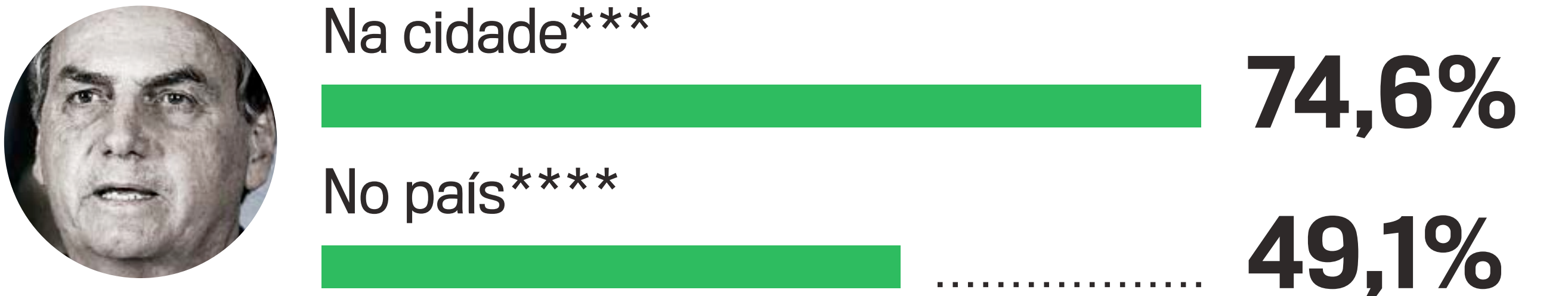
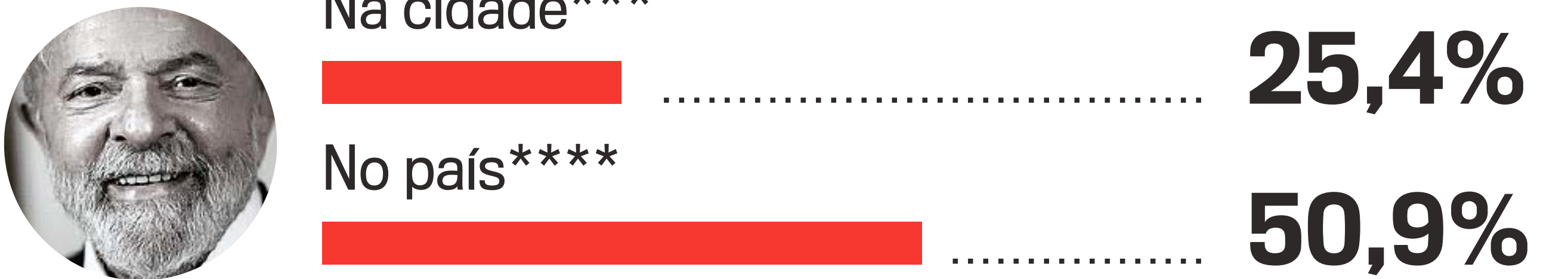
JAIR BOLSONARO

Na cidade*** 74,6%

No país**** 49,1%

LULA

Na cidade*** 25,4%

No país**** 50,9%

** IBGE 2021 *** TRE-SC **** TSE

Bolsonaro. Em julho, Balneário Camboriú sediará a CPAC Brasil, principal conferência da direita no país, promovida pelo Instituto Conservador-Liberal, comandado por Eduardo Bolsonaro. Na cidade, o responsável pelo evento é Guilherme Colombo, casado com a deputada Júlia Zanatta (PL-SC), que integra o núcleo duro bolsonarista em Santa Catarina e no Congresso. O estado tem sido frequente no roteiro de viagens de Bolsonaro. Na Páscoa, o ex-presidente esteve na cidade, onde reuniu milhares de apoiadores. O ato foi marcado por um constrangimento: irritado com o séquito de pré-candidatos no palanque, mandou todos descerem, inclusive Renan. "Quem é candidato a qualquer coisa aí, desce. Não é comício político", gritou. O ex-presidente já anunciou que deve voltar à cidade no fim deste mês.

Enquanto até vereadores de esquerda concordam que, mesmo com toda a inexperiência, o Zero Quatro será um forte "canhão de votos", paira na direita uma dúvida sobre o benefício de ter um forasteiro desse quilate na disputa. "O PL tem eleito muita gente em nível nacional, mas não sabemos se isso vai acontecer com a eleição municipal", afirma o vereador Marcos Kurtz (Podemos), aliado do prefeito Fabrício Oliveira (PL). "Ele vai ser o vereador mais votado da história, mas há um constrangimento interno porque, por mais que faça muitos votos, vai tirar a cadeira de alguém", diz outro vereador, reservadamente.

Apesar de ainda não ter estreado na carreira política, Renan já segue a mesma pegada dos outros membros do clã

DIVULGAÇÃO

PALCO Eduardo Bolsonaro e Guilherme Colombo: organizadores de encontro da direita no reduto eleitoral de Jair Renan

em um outro aspecto: a relação conturbada com a polícia e com a Justiça. Em março, o Zero Quatro tornou-se réu por lavagem de dinheiro e falsidade ideológica após a Polícia Civil do Distrito Federal apontar em investigação que ele usou informações falsas de sua empresa de eventos para conseguir empréstimos junto a bancos. O inquérito mostra que Maciel Alves, sócio e instrutor de tiro de Renan, inventou um laranja para abrir uma conta bancária, além de a empresa ter informado uma receita fictícia de 4,6 milhões de reais — com a qual os empréstimos eram aprovados. A defesa

afirmou que Renan foi vítima de um golpe e que esclareceria os fatos "no curso do processo". Na última semana, o banco pediu a apreensão de bens de Renan após os credores não conseguirem entregar a intimação para a dívida de 360 000 reais. Com a repercussão negativa, o ex-presidente decidiu que vai quitar o débito do filho, afirmam aliados. Até a última quinta-feira, 11, o pagamento ainda não havia sido feito. Em 2021, ainda no governo Bolsonaro, Renan e seu preparador físico, Allan Lucena, foram alvos de investigação da Polícia Federal por suspeitas de tráfico de influência e lavagem de dinheiro após a dupla ter recebido um carro elétrico de representantes de uma empresa e, pouco tempo depois, a marca ter conseguido encontro com o então ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho. A investigação concluiu que não houve crime.

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

PADRINHO Jorge Seif: o senador contratou o filho de Bolsonaro como assessor em Santa Catarina

Seguindo o exemplo dos membros mais velhos da família, Jair Renan se diz vítima de perseguição política por ser um Bolsonaro e segue em frente. Enquanto não se torna político com mandato, ele se descreve como "influenciador di-

REPRODUÇÃO

ALVO Ação em escritório de Jair Renan no DF: réu por lavagem de dinheiro

gital" e empresário. Em 2019, começou a cursar análise de desenvolvimento de sistemas em uma faculdade particular de Brasília — onde morava com a mãe, Ana Cristina Valle, ex-esposa de Bolsonaro —, mas não chegou a se formar. Também ingressou em direito, mas novamente deixou o curso. Com a fama de filho-problema de Bolsonaro, Renan tem histórico de festas, mulheres, paixão por armas e declarações polêmicas na internet. Na pandemia, a exemplo de Jair pai, chamou a doença de "gripezinha", incentivou o chamado "tratamento precoce" da doença e se posicionou contra a vacina. No que depender de Jair filho, tudo isso são águas passadas. Ele quer agora mostrar ao eleitorado do balneário catarinense que filho de peixe peixinho é. ■

CRISTOVAM BUARQUE

DEMOCRACIA DEVEDORA

A maior dívida é com a educação de base

NA MESMA QUINZENA de março, o golpe militar fez sessenta anos e o fim de sua ditadura 39. Os que repudiam 1964 denunciam os golpistas, sem a autocrítica de onde os democratas erraram nos anos anteriores, e os que hoje celebram a redemocratização não percebem as dívidas que a democracia ainda tem com o Brasil. Apesar de o SUS e as Bolsas terem diminuído a penúria, o quadro de pobreza e miséria se mantém equivalente a 1985; ajudamos pobres, mas não implantamos estratégia para a abolição da pobreza. Nenhum passo estrutural foi dado para que o Brasil deixasse de ser campeão em desigualdade: na verdade, os benefícios aos ricos cresceram, aumentando a brecha na qualidade de vida entre o topo e a base da pirâmide social. A democracia explicitou a apartação brasileira e aumentou a violência nas cidades. A persistência da concentração de renda é uma dívida.

Depois de nove eleições presidenciais, de ampla liberdade, de instituições funcionando, a democracia ainda não fez as reformas de que a economia precisa. Foi incapaz de livrar o país da armadilha da baixa renda média, que não aumenta

por falta de produtividade, de poupança, investimento, inventividade, empreendedorismo, competitividade, e por excesso de protecionismo, burocratismo, subsídios, instabilidades jurídica e política. A democracia mantém o Estado brasileiro perdulário, ineficiente, corrupto e descomprometido com os interesses do povo. Ao manter os problemas sociais, econômicos e políticos, a democracia se mantém frágil e em dívida com ela própria: não enfrentou a permanente ameaça de interferência dos militares na política; não fez as reformas políticas necessárias, ampliou mordomias e privilégios — além da corrupção, que tira a legitimidade e a confiança do eleitor nos agentes públicos. Ao tolerar e fortalecer o espírito corporativista, a democracia divide o país em múltiplas repúblicas com interesses particulares antagônicos. Prisioneira da armadilha do imediato, dedicada a administrar os conflitos de grupos no presente, a democracia é devedora.

“Depois de nove eleições presidenciais, as reformas de que a economia precisa não foram feitas”

A maior dívida é o descuido com a educação de base, porque depende dela superar o quadro de pobreza, distribuir renda, pacificar as cidades, aumentar a produtividade e construir o futuro. Apesar de programas pontuais e tímidos, nenhum presidente civil definiu metas ambiciosas para a qualidade e a equidade da escola oferecida aos brasileiros; nem iniciou a implantação do necessário sistema educacional nacional. Ao longo de quatro décadas de democracia, nasceram mais de 60 milhões de brasileiros, dos quais só 20 milhões receberam educação satisfatória para o mundo contemporâneo.

Para pagar essa dívida teria sido necessário que os sucessivos governos federais eleitos democraticamente cumprissem estratégia para implantar cidades com educação federal nos municípios que não têm condições de manter o seu sistema escolar com a máxima qualidade pelos padrões internacionais e com absoluta equidade, independente da renda e do endereço. Estratégia desse tipo foi executada para hidrelétricas, aeroportos, portos, até mesmo para o ensino superior, mas até hoje não foi considerada para a educação. Ao não fazer isso, a democracia fica emperrada, frágil, endividada com o Brasil, seu povo e o futuro de todos os cidadãos. ■

INIMIGO ÍNTIMO

Um dos sindicalistas mais emblemáticos da história do país, Lula agora vive a ironia de lidar com amplo movimento grevista em um momento delicado para o seu governo **VICTORIA BECHARA**

BRAÇOS CRUZADOS Protesto recente de funcionários da educação: paralisação grande nos institutos federais

JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

METALÚRGICO e líder sindicalista, Lula foi catapultado à política liderando greves históricas que desafiaram a ditadura militar no ABC paulista nos anos 1970. O agora presidente da República teve uma longa trajetória no movimento e foi decisivo para a criação da maior organização sindical do país, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983. Como líder da bancada petista durante a Assembleia Constituinte, votou a favor do direito à greve e de outras questões trabalhistas, como o aviso prévio proporcional, o salário mínimo real e a estabilidade do dirigente sindical. Agora, em um momento delicado do seu terceiro mandato, com a popularidade em queda e várias crises internas no seu governo, Lula é alvo de uma pressão adicional vinda de velhos conhecidos: os sindicatos.

Um amplo movimento reivindicatório tem crescido e colocado o governo contra a parede nas últimas semanas. Pelo menos vinte categorias estão mobilizadas por reajuste salarial, reestruturação de carreiras e melhores condições de trabalho, segundo estimativa do Fonacate (Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas do Estado). Na última semana, a cobrança aumentou com a greve dos professores e técnicos dos institutos de ensino, que já afeta pelo menos 300 campi. Docentes das universidades federais também ameaçam cruzar os braços a partir do dia 15. A paralisação ainda atinge o meio ambiente, área que é vendida pelo Palácio do Planalto como uma de suas prioridades. Servidores do Ibama e do ICMBio suspenderam as ações de fiscaliza-

CLOVIS CRANCHI/ESTADÃO CONTEÚDO

OUTROS TEMPOS O petista em assembleia de operários nos anos 1970: atuação sindical pavimentou a sua ascensão

ção e se concentram em atividades burocráticas há três meses — nesse período, o número de multas ambientais na Amazônia caiu 81,65%, segundo a Ascema (Associação Nacional dos Servidores de Carreira de Especialista em Meio Ambiente). Em outros setores, há paralisações pontuais e operação-padrão (rotina com mais lentidão e burocracia) no Banco Central, na Receita Federal, na Comissão de Valores Mobiliários e no Ministério da Agricultura.

O alerta já vinha sendo dado há algum tempo. Ciente da insatisfação dos servidores, o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos instalou uma mesa de negociação permanente já em fevereiro de 2023, mas enfrenta o desafio de arrumar espaço no orçamento sem prejudicar as

políticas sociais. A pasta depende da avaliação do regime fiscal de 2024 para conceder o reajuste aos servidores. "Há uma discussão interna sobre impacto orçamentário, e por isso não é no prazo que os servidores gostariam. Mas não estamos parados. Todas as mesas de negociação estão caminhando", afirma a ministra Esther Dweck.

Apesar da disposição do governo, ainda reconhecido como aliado pelo movimento sindical, a margem para negociar é pequena. A gestão propõe aumentar benefícios (auxílios alimentação, creche e saúde) em maio, mas a recomposição salarial seria negociada carreira a carreira, sem a garantia de reajuste neste ano. Essa indefinição incomoda os sindicatos, que intensificaram a pressão nos últimos dias. Na semana passada, Dweck se reuniu com os ministros Fernando Haddad (Fazenda) e Marina Silva (Meio Ambiente) para tratar do tema. "A gente sabe que o governo tem suas prioridades. Esperamos que o serviço público federal esteja entre elas", diz o presidente do Fonacate, Rudinei Marques.

A queda de braço vem em um momento delicado para o governo, não só pela popularidade em queda de Lula. A gestão também vem tentando manter longe do plenário no Congresso uma proposta de reforma administrativa que tramita desde 2020 e que é defendida pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Entre outros pontos, a medida restringe a estabilidade, amplia possibilidades de terceirização e cria ferramentas para monitorar o desempenho. O Pa-

lácio do Planalto tenta adiar a todo custo o debate necessário sobre o tema, sendo que as questões ideológicas estão entre os principais motivos (o PT nasceu no berço do sindicalismo e Lula não mostra disposição alguma de abandonar a equivocada fé no progresso econômico pelo Estado forte).

ADALBERTO MARQUES/MGI

SOB PRESSÃO Esther Dweck: "Não estamos parados", afirma a ministra

A bem da verdade, mesmo governos com discursos mais liberais fraquejam na hora de mexer nesses interesses, pois enxergam os funcionários públicos como uma massa nada desprezível de eleitores. Atualmente, o Brasil tem 570 000 servidores ativos — metade deles está em mobilização contra o governo (em greve ou em campanha salarial) — e o país gasta com eles 370 bilhões de reais ao ano. Segundo o FMI, o salário pago no setor público equivale a 8,9% do PIB e está na média global. Para Cibele Franzese, coordenadora da graduação em administração pública da FGV, o problema é outro: "Há muita desigualdade. Uns ganham muito e outros, pouco". Segundo ela, sem negociação unificada, quem fizer mais pressão política vai levar. O que Lula talvez não estivesse esperando era ter de enfrentar o fogo amigo de velhos companheiros de jornada. ■

NA CONTRAMÃO DO PARTIDO

Senador petista defendeu o fim da saidinha de presos, a ampliação do uso de armas para certas categorias profissionais e o aumento da punição a menores infratores **MARCELA MATTOS**

COERÊNCIA Contarato: na opinião do senador, esquerda peca por ficar inerte ou ser omissa sobre certos assuntos

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

EM UMA das primeiras votações deste ano, o governo Lula sofreu um revés no Senado ao ver um projeto encampado pela oposição ser aprovado de maneira acachapante. Sob a batuta de figuras como Flávio Bolsonaro e Sergio Moro, a proposta que proíbe a chamada saidinha de presos em datas comemorativas — Natal e Dia das Mães, por exemplo — recebeu apenas dois votos contrários, deixou as lideranças governistas em saia justa e promoveu o sumiço de parlamentares que evitavam se posicionar sobre o tema. No plenário, uma tropa animada vociferava contra os benefícios para "bandidos" e "vagabundos", enquanto parlamentares progressistas fugiam do fogo cruzado. O estranho silêncio da esquerda seria praticamente absoluto, não fosse a voz de quem, à época, ocupava justamente a posição de líder do PT, o senador Fabiano Contarato. Ao contrário do que muitos esperavam, porém, o parlamentar juntou-se aos oposicionistas, defendeu o arrocho aos detentos e propôs medidas de contenção ainda mais duras.

Delegado de polícia por quase três décadas e natural do Espírito Santo, um estado majoritariamente conservador, Contarato é um dos poucos parlamentares governistas que se engajam na agenda da segurança pública — uma pauta instrumentalizada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores e que está no topo das preocupações do eleitorado nacional. No caso da restrição da saidinha, ele justifica que já há muitos benefícios para os presos, como a progressão de regime ao cumprimento de um sexto da pena e

AKIRA ONUMA/ASCOM SUSIPE

RESTRIÇÃO Saidinha: pauta está no topo das preocupações dos eleitores

o abatimento de dias de detenção condicionado ao período de trabalho, o que, na prática, libera precocemente inclusive quem cometeu atrocidades como assassinatos. O senador também esteve à frente de projetos que concederam o porte de armas a diversas categorias, como aos agentes socioeducativos e servidores da Funai. Segundo ele, em todos esses casos, o armamento se justifica pelo risco inerente à atuação profissional.

Em outro assunto caro ao PT, o senador defende aumentar o período de internação dos adolescentes que cometeram crimes, passando o prazo máximo de três para cinco anos.

FUNAI/DIVULGAÇÃO

PORTE Armamento: necessidade diante do risco inerente à atuação profissional

A inspiração da proposta está em um caso que presenciou, enquanto delegado, de um jovem de 17 anos que havia matado um homem — "um pai de família" — a pauladas. A justiça puniu o criminoso com apenas um ano de internação. "Isso não é razoável. Mas são assuntos em que a própria esquerda faz questão de ficar inerte ou pecar por omissão. E a consequência é que a esquerda acaba sendo atropelada, e por projetos muito piores", afirma o senador. Para Contarato, seus pares ideológicos precisam ajustar o discurso de defesa dos direitos humanos para não serem carimbados como "defensores de bandidos". "Infelizmente, a esquerda pega só

um fio dos direitos humanos, que é o da população carcerária. Isso é um grande erro. Nós temos de falar em direitos humanos para as famílias vítimas de abuso sexual, para as mulheres que foram vítimas de violência doméstica, para a família de policiais que foram mortos em conflitos. Esses são os direitos humanos em sua amplitude", defende.

Embora abrace pautas conservadoras, o senador também acumula divergências com parlamentares de direita que compõem a famosa bancada da bala no Congresso. Ele vem cerrando fileiras contra o que chama de populismo com a agenda de segurança, como as propostas que aumentam penas para crimes como estelionato e furto de cabos de energia. Também é contrário à PEC das Drogas, que deve incendiar o debate nos próximos dias ao contrariar julgamento que está em andamento na Suprema Corte e criminalizar o porte de qualquer quantidade de entorpecentes. Há ainda uma terceira bandeira do parlamentar que não encontra eco no campo conservador. Gay e pai de dois filhos, ele é um dos principais defensores da igualdade de gênero, encampa uma série de projetos direcionados ao público LGBTQIA+ e cobra diariamente da cúpula do Senado o avanço de propostas contra a discriminação. "É um tabu votar temas como segurança, assim como é um tabu votar pautas relativas a orientação sexual. E apoiar as duas causas não é contraditório", afirma. Em um Congresso cada vez mais polarizado, posturas coerentes e equilibradas, como a do senador, são cada vez mais raras. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes e Felipe Erlich

THIAGO B TREVISAN/SHUTTERSTOCK

NA PISTA Perfilados: de olho na compra da Gol, Azul amplia hangar em Campinas

Preparando terreno

Possível interessada na compra da Gol, a companhia aérea **Azul** aumentou a capacidade de manutenção de seu hangar em Campinas (SP) com a contratação de pessoal e a aquisição de equipamentos mais modernos. O investimento não deve parar por aí.

Na casa do bilhão

A empresa de classificados on-line OLX atingiu mais de 1 bilhão de reais de faturamento no Brasil em 2023, de acordo com Olivier Aizac, presidente da companhia. A marca é inédita para a OLX local, que possui acionistas na Noruega e na Holanda, e re-

presenta um avanço de 28% em relação a 2022.

Alerta ligado

Com os cofres cheios, a OLX está de olho em oportunidades para adquirir negócios nos ramos imobiliário e automotivo. Nos últimos anos, a companhia desembolsou 3 bilhões de reais na compra de ativos no Brasil.

Smartphone com IA

A americana Motorola quer aumentar a participação nas vendas de smartphones premium no Brasil — aqueles a partir de 3 000 reais. Para isso, vai lançar uma linha de modelos com recursos de inteligência artificial. Em 2023, as vendas de aparelhos premium cresceram 36% no mercado brasileiro.

Às compras

A empresa brasileira de computação em nuvem Skyone, que tem o Bradesco entre os sócios, acaba de comprar a FWC, companhia especializada em tecnologia da informação. Os valores da operação giram em torno de 15 milhões de reais. A expectativa da Skyone é anunciar mais três aquisições até o fim do ano.

Junto e misturado

A Skyone está capitalizada após aporte de 60 milhões de reais da gestora Bewater, mas o plano de expansão também passa por parcerias estratégicas. A empresa está em vias de anunciar uma sociedade com uma companhia do setor hoteleiro. Sabe-se que mantém conversas com o grupo francês Accor, um dos maiores do ramo.

Corrida de lanchas

A TV Globo negocia os direitos de transmissão da primeira temporada do Campeonato Mundial E1, realizado entre lanchas. Os destaques serão exibidos nos canais SporTV. A expectativa é de que o acordo seja finalizado até maio.

Amantes da velocidade

Os maiores interessados no acordo são Marcelo Claure, vice-presidente da plataforma de comércio eletrônico Shein, e Eduardo Melzer, sócio da gestora eB Capital. No início do ano, eles investiram na criação da Team Brazil, equipe nacional da modalidade.

Dinheiro no bolso

O banco Sicredi vai anunciar uma captação voltada a investimentos sustentáveis. O montante, que será aportado por uma instituição internacional de fomento, será entre 350 milhões e 550 milhões de reais.

Quanto menos, melhor

A produtora de commodities SLC Agrícola vai migrar de vez para o modelo de *asset light*, quando a empresa detém a menor quantidade possível de ativos. Atualmente, 65% dos 652 000 hectares de área plantada do grupo são constituídos por arrendamentos e sociedades. E vem mais por aí. ■

MAIS UM PASSO ATRÁS

Ao cogitar mudar as metas fiscais de 2024 e 2025, o governo tenta fugir do próprio sistema que criou para o controle das contas públicas. A estratégia é ruim e poderá retardar o crescimento econômico

LUANA ZANOBIA E **PEDRO GIL**

TON MOLINA/FOTOARENA

NOVAS RECEITAS Haddad: busca obsessiva pelo aumento da arrecadação federal

Em abril do ano passado, o governo Lula apresentou ao Congresso a proposta do arcabouço fiscal, que nasceu com a dura missão de substituir o teto de gastos — ambos são mecanismos de gestão do orçamento federal. Entre outros pontos, o documento fixou a meta de zerar o déficit das contas públicas em 2024 e gerar superávit de 0,5% do PIB em 2025. Na economia e na política, contudo, as promessas costumam ficar distantes da realidade. Na ocasião, analistas habituados a investigar as contas públicas disseram que o objetivo dificilmente seria cumprido. Um ano depois, está evidente que o governo não alcançará o que havia anunciado. Na segunda-feira, 8, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que o cenário mudou — uma desculpa que serve para quase tudo na vida — e disse que buscará "uma meta factível" para o país. "Estamos esgotando o tempo para fazer as contas necessárias", disse Haddad. Nas entrelinhas, foi uma confissão de culpa que expõe a dificuldade da gestão Lula para administrar bem as contas do país. "Somos muito bons em formular regras, mas não em segui-las", diz o economista Alexandre Schwartsman. "Fazer arcabouço sem proposta para controlar o gasto não vai dar certo."

O governo está diante de um dilema. Sem o cumprimento do resultado fiscal em 2024 e 2025, gatilhos de restrição de gastos discricionários — aqueles que não são obrigatórios — poderiam ser acionados pelas regras do arcabouço. Uma saída seria alterar as metas e fazer do arcabouço, na prática,

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

CRISE Tebet: ela tentou, mas não conseguiu pôr freios nos gastos públicos

uma letra morta, o que condenaria o país a rediscutir objetivos fiscais ano após ano. Esse parece ser o caminho para uma gestão gastadora como a petista. A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, manifesta desprezo pela responsabilidade fiscal. “Por mim, faria um déficit de 1% ou 2% do PIB”, disse ela, durante evento do partido. Nos próximos dias, o governo vai bater o martelo sobre a meta que constará no Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2025 que será apresentado ao Congresso. O texto poderá ratificar o objetivo de

geração de superávit primário de 0,5% do PIB ou indicar uma "correção de rota". Por diversas vezes, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, afirmou que a casa vai perseguir o cumprimento das metas fiscais.

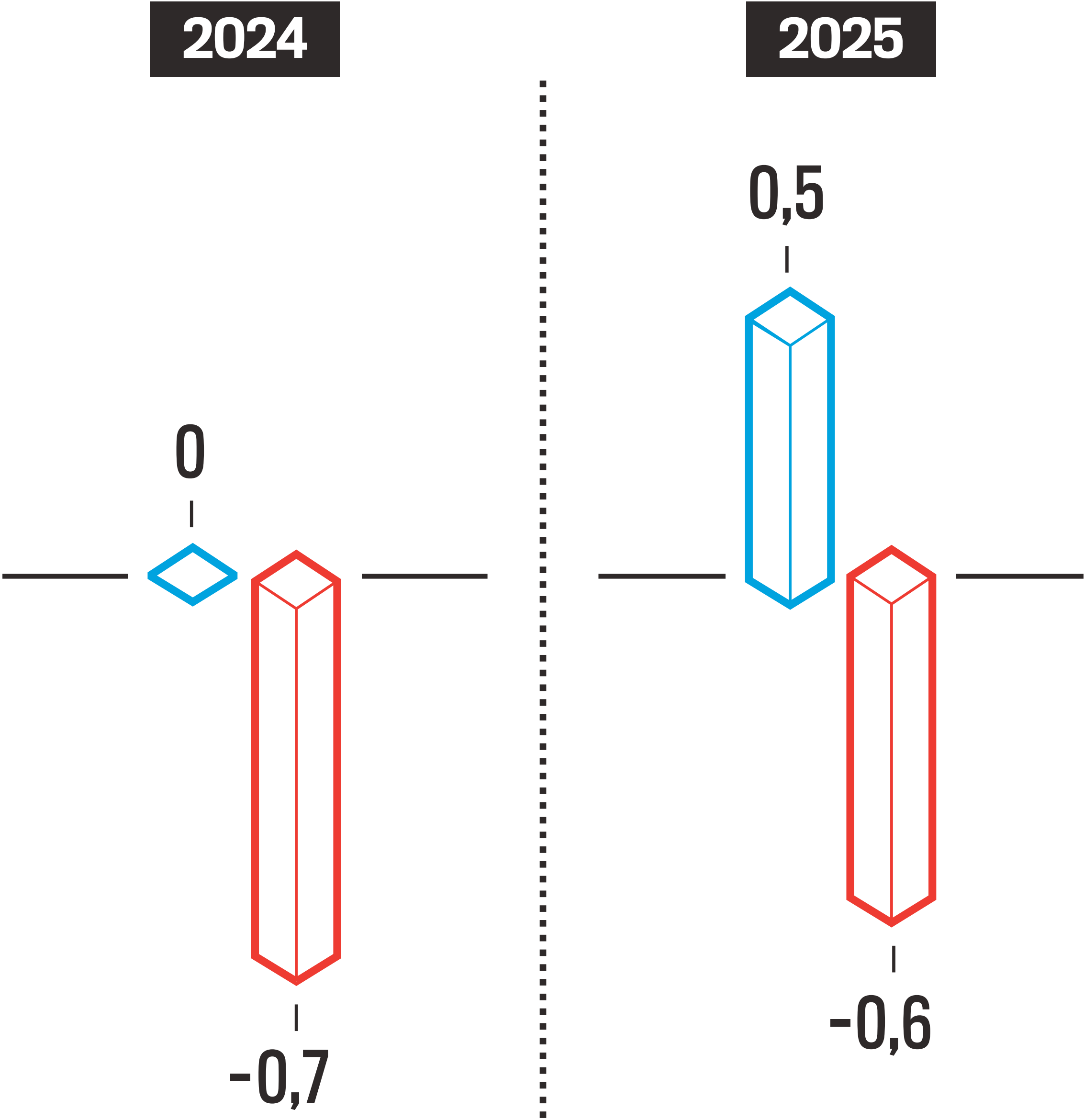
O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e a ministra do Planejamento, Simone Tebet, até tentaram colocar algum freio nas intenções gastadoras de seu próprio governo. Mas ambos são vozes cada vez mais isoladas. "É um jogo de gato e rato: na hora em que você afrouxa a meta, aparecem demandas, do governo e do Congresso, para usar aquele espaço", diz o economista Marcos Mendes, pesquisador associado do Insper. "O arcabouço tende a se exaurir." O desafio reside nas condições fiscais estipuladas desde o início do governo, segundo as quais o aumento dos gastos exige ajustes subsequentes nas receitas. Embora tenham sido tomadas medidas nessa direção — alguns resultados positivos na arrecadação, de fato, vieram —, não está claro se a melhora é permanente ou se será suficiente para cobrir despesas mais infladas.

Por ora, o governo criou uma série de receitas não recorrentes, como a taxação de fundos exclusivos dos ricos e de casas de apostas, e a volta do voto de qualidade pró-União nos julgamentos do Conselho de Administração de Recursos Fiscais. Ainda assim, é apenas um devaneio a realização de um superávit de 0,5% do PIB no próximo ano. As projeções indicam um déficit de 0,5% do PIB em 2025, o que torna cada vez mais provável um ajuste da meta. A mu-

ALVO DISTANTE

Estimativas apontam para o não cumprimento da meta fiscal do governo (percentual em relação ao PIB)

META INICIAL

PROJEÇÃO DO MERCADO

Fonte: *Ministério da Fazenda e Boletim Focus*

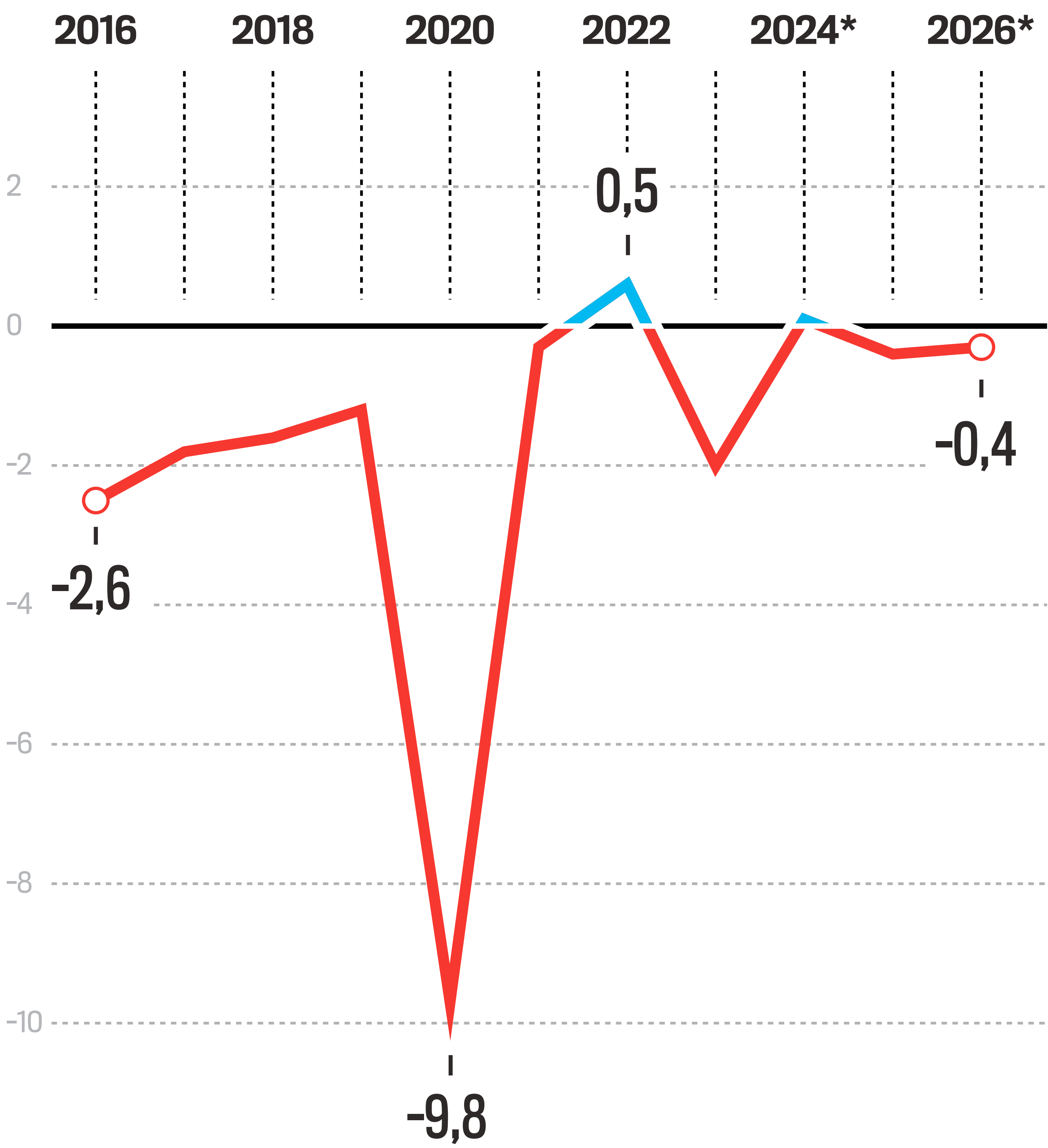
DALIBOR DESPOTOVIC/MOMENT/GETTY IMAGES

COMPRAS Risco: desequilíbrio fiscal poderá aumentar a inflação

dança para um superávit de 0,25% do PIB, cogitada por Haddad, também é considerada desafiadora. "É provável que uma alteração mais modesta, como saldo zero ou déficit, seja mais realista", diz Silvio Campos Neto, economista da Tendências Consultoria.

A boa prática macroeconômica prega que mudar objetivos é ruim. Alterar a meta significaria perder credibilidade, poderia afastar investimentos e, afinal, prejudicar o crescimento econômico. Em 2024, considerando o cenário atual,

NO VERMELHO

O resultado primário do governo central (em % do PIB)

* Projeções oficiais em março de 2024

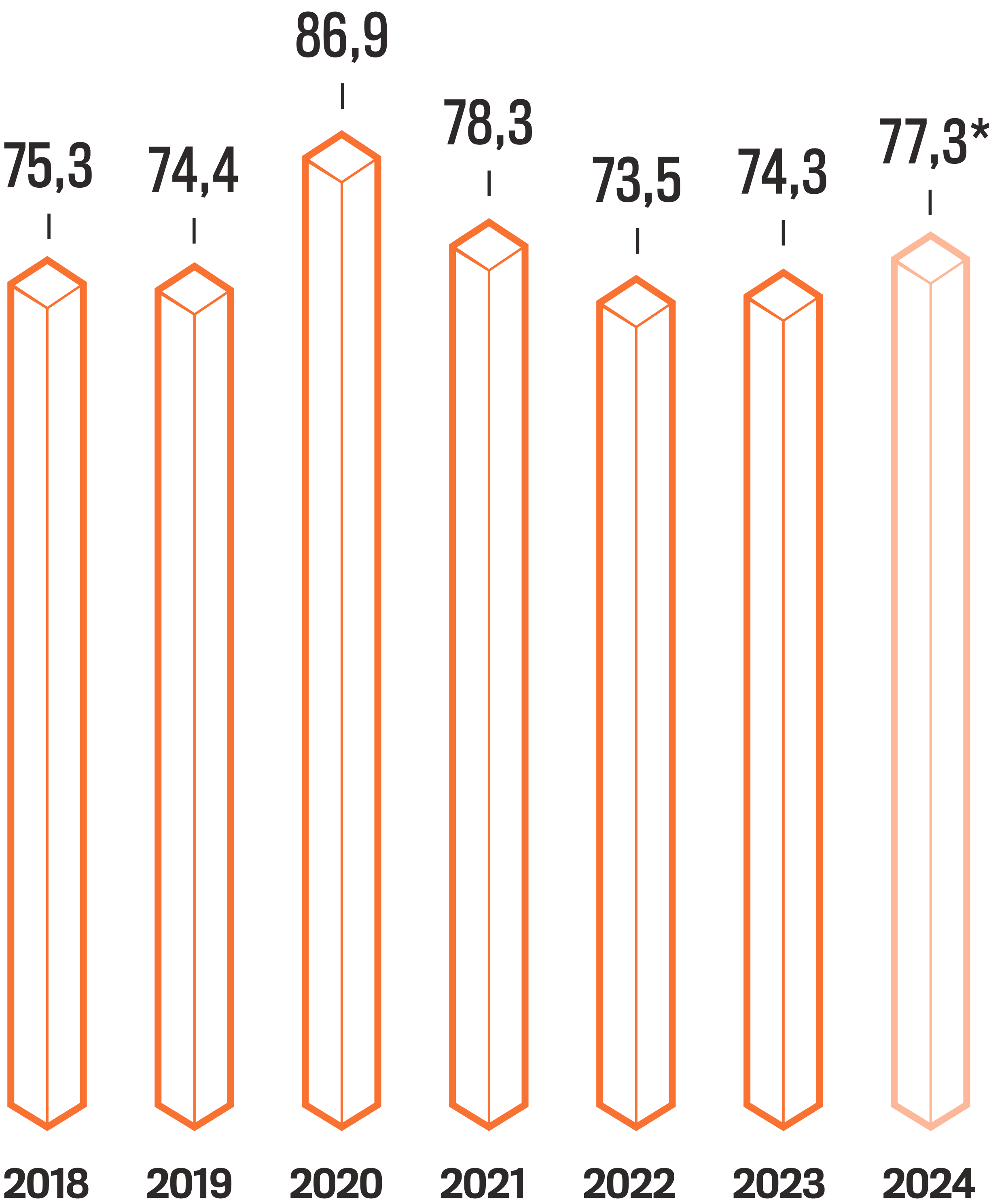
Fonte: *Tesouro Nacional*

EVARISTO SÁ/AFP

PREOCUPAÇÃO Pacheco: ele diz que perseguirá o cumprimento da meta

é improvável que o governo cumpra a meta de resultado zero, mas é preciso tentar. A equipe econômica está apertando a arrecadação, implementando medidas como o projeto de lei que ressuscita o DPVAT, seguro de veículos que levaria 15 bilhões de reais para os cofres públicos, e analisa outras iniciativas arrecadatórias, como o aumento da distribuição de dividendos da Petrobras, algo que uma ala influente do governo rejeita.

O TAMANHO DO ROMBO

A dívida bruta do governo
(em % do PIB)

* Projeção

Fonte: *Tesouro Nacional*

A demora em tomar medidas de contenção do gasto poderá resultar em pressões políticas adicionais, que se intensificam em anos de eleição. Há também o risco de sanções fiscais, caso o governo não atinja a meta estabelecida, o que exigiria reduções drásticas nas despesas do ano seguinte. Esse processo traria de volta o risco da inflação e interromperia o ciclo de corte de juros. “O cenário fiscal não está sob controle, e a dívida vai continuar subindo”, diz Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. “Ou seja, a Selic não vai conseguir sair muito da casa dos dois dígitos.”

Em política fiscal, o que importa é a trajetória. Em 2022, na gestão do ex-ministro Paulo Guedes, as contas do governo federal registraram superávit primário de 54 bilhões de reais após oito anos no vermelho. Nem por isso o resultado foi comemorado como uma final de Copa do Mundo. Nas planilhas, foi uma vitória. Na prática, nem tanto. O resultado foi conquistado às custas do não pagamento de precatórios, aqueles que o governo deve necessariamente honrar após condenações na Justiça. Essa bomba bilionária foi jogada para frente. O governo Lula, acertadamente, antecipou os pagamentos, mas, mesmo sem esse passivo gigantesco, o déficit de 2023, que foi de 2,1% do PIB, seria próximo de 1,5%. Apesar da maquiagem, é fato que as contas públicas pioraram na gestão petista. Para ter ideia, em um ano a relação dívida/PIB pode ir de 74,3% para 77,3%. Enquanto o governo não conduzir a economia do país com austeridade, o cenário não deverá melhorar. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

LIÇÃO ERRADA SOBRE INFLAÇÃO

Não é pela oferta que se combate o aumento de preços

OS PETISTAS costumam atacar o Banco Central (BC), particularmente quando ele aumenta os juros para reduzir a inflação. Nessa linha, o ministro do Trabalho, Luiz Marinho, disse que faltava ao BC "estudar um pouco os fundamentos da economia" e que aumentar juros para controlar a inflação é uma "forma burra". O "jeito inteligente" seria agir "pela oferta", pontificou. Nesse caso, o papel do BC seria reduzir os juros.

De fato, a redução dos juros estimularia a demanda da economia, o que poderia levar as empresas a empregar mais pessoas, elevar os salários reais e assim contribuir para ampliar o consumo. Mas isso só daria certo se houvesse capacidade ociosa — o que permitiria aumentar a oferta sem necessidade de investimentos para expandir a produção — ou se fosse possível elevar as importações para complementar a oferta doméstica. O ministro parece ter se guiado mais pela intuição do que pela teoria econômica.

Não é nova a ideia de que o relevante é a oferta. O economista francês Jean-Baptiste Say (1767-1832) sugeriu, em livro

de 1803, que a oferta criava sua própria demanda. Por exemplo, uma nova fábrica de calçados contratava empregados. A respectiva renda era consumida em vestimenta, o que levava as empresas do setor a contratar novos trabalhadores e assim sucessivamente. Essa tese, contestada logo depois, foi abandonada com a Teoria Geral de John Maynard Keynes (1936), na qual ele provou que o relevante é a demanda.

Não é difícil entender as razões pelas quais a tese de Keynes prevalece até hoje. Com efeito, quando o BC baixa os juros, acontece uma expansão do crédito, inclusive do destinado a consumo. A demanda sobe rapidamente. A menos que haja capacidade ociosa na economia ou for viável importar, a maior demanda criará incentivos para criar ou elevar a produção, mas isso levará tempo. Será preciso estudar bem o mercado, elaborar um projeto, adquirir máquinas e construir ou ampliar instalações. Dependendo do caso, todo esse

“Uma velha alegoria explica o risco: enquanto a demanda sobe de elevador, a oferta sobe de escada”

processo pode durar muitos anos. Enquanto isso, o aumento da demanda ocorre em dias ou poucos meses. Haverá, desse modo, um desequilíbrio que resultará em inflação e na queda do potencial de crescimento da economia. Os trabalhadores serão os grandes prejudicados.

Nos meus quase dez anos no Ministério da Fazenda, usávamos uma alegoria para explicar didaticamente os efeitos negativos de propostas simplórias para estimular a demanda mediante ações voluntaristas. Dizíamos que, nesses casos, a demanda subiria rapidamente pelo elevador, mas a oferta caminharia lentamente pela escada. Se a lição do bem-intencionado ministro fosse adotada, a inflação subiria, em vez de descer. Haveria elevação do desemprego e queda de renda dos trabalhadores. Quem cairia seria a popularidade do governo. Sensatamente, o BC ignorou a lição e manteve seu papel básico, isto é, cumprir a meta de inflação fixada pelo governo. Sem isso, a aula do ministro provocaria um desastre. ■

INJEÇÃO DE CAPITAL

A explosão da procura por remédios para emagrecimento gera fortunas para farmacêuticas. Com a obesidade em alta, as vendas seguirão aumentando

CAMILA BARROS E **FELIPE ERLICH**

NA PELE Aplicação: no Brasil, a ampola do Ozempic custa 1200 reais

ISTOCK/GETTY IMAGES

NA PANDEMIA de Covid-19, empresas como a americana Pfizer e a britânica AstraZeneca quebraram recordes de faturamento após produzir, em tempo muito curto, vacinas que salvaram milhões de vidas. Agora, a sensação da indústria farmacêutica no mundo é a dinamarquesa Novo Nordisk. Ela tem em seu portfólio um medicamento que se enquadra à perfeição na sociedade atual por levar ao emagrecimento. Trata-se do Ozempic, remédio injetável concebido de início para o tratamento de diabetes, mas, conforme descobriu-se depois, forte aliado na luta contra a balança. Enquanto os usuários do Ozempic emagrecem, o caixa da fabricante só engorda: a farmacêutica viu seu lucro aumentar 51% em 2023. O desempenho estimulou uma alta de quase 60% das ações da companhia em um ano. Atualmente avaliada em 556 bilhões de dólares, a Novo Nordisk se tornou a companhia com maior valor de mercado da Europa e a 14ª mais valiosa do mundo. Seu impacto é visível até na economia da Dinamarca: o crescimento do PIB em 2023, de 1,8%, teria sido negativo em 0,1% sem a participação do setor farmacêutico local.

Ozempic é o nome comercial dado à semaglutida, remédio que controla os níveis de açúcar no sangue. Vendido por até 1 200 reais a ampola no Brasil, ele foi aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária em 2018 para o tratamento da diabetes tipo 2. Porém, como retarda o esvaziamento do estômago e prolonga a saciedade, a droga passou a ser usada também para o tratamento da

CARSTEN SNEJBJERG/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

PRODUÇÃO Fartura: novas drogas têm alta rentabilidade

obesidade. Foi aí que sua história começou a mudar, a ponto de o Ozempic virar febre no Brasil e no mundo.

A elevada procura pelo medicamento tem duas origens: a primeira é o uso em desacordo com a bula por pessoas que não são obesas, mas querem emagrecer. “A Novo Nordisk não endossa ou apoia a promoção de informações de caráter *off-label* de seus medicamentos”, disse a VEJA Priscilla Mattar, vice-presidente da área médica da Novo Nordisk no Brasil. A segunda é a dramática tendência de crescimento dos casos de obesidade. “Trata-se de um dos maiores problemas de saúde pública no mundo”, diz Paulo Miranda, presidente da Sociedade Brasi-

leira de Endocrinologia e Metabologia. “No Brasil, ela atinge em torno de 21% da população.” A Federação Mundial de Obesidade prevê que, até 2050, 51% da população global estará com obesidade ou sobrepeso, e isso explica o entusiasmo do mercado com a Novo Nordisk.

Além de ampla, a demanda é recorrente. Os remédios para emagrecer tendem a exigir uso contínuo, já que parte do peso volta quando o tratamento é interrompido. Mais que isso, a margem de lucro dos medicamentos é astronômica: nos Estados Unidos, o valor cobrado pela dose mensal de Ozempic é de quase 1 000 dólares, enquanto o custo de produção da mesma dosagem é de apenas 5 dólares, segundo estudo realizado em conjunto pelas universidades Yale, Harvard e King’s College.

Na disputa pelo mercado do emagrecimento, a Eli Lilly também engordou seus resultados graças aos novos medicamentos da área. A farmacêutica americana dobrou de valor nos últimos 12 meses e está avaliada em cerca de 750 bilhões de dólares. No Brasil, a queda da patente da semaglutida em 2026 deverá facilitar a entrada de outros nomes no jogo, mas não são esperadas grandes mudanças no mercado. “Novo Nordisk e Eli Lilly estão se solidificando no segmento”, afirma Gerson Brilhante, analista de mercados globais da casa de análise Levante Inside. “Uma quebra do duopólio é algo extremamente remoto.”

Não é só o setor farmacêutico que sentirá os efeitos futuros do uso de remédios de emagrecimento. Segundo o banco

A FORÇA DO IMPÉRIO

Os números impressionantes do laboratório dinamarquês Novo Nordisk, fabricante do Ozempic

O LABORATÓRIO TEM VALOR DE MERCADO DE

566 BILHÕES

DE DÓLARES – É MAIS DO QUE O PIB DA DINAMARCA, SEU PAÍS DE ORIGEM

COM AS VENDAS DE MEDICAMENTOS EM ALTA, TORNOU-SE A EMPRESA MAIS VALIOSA DA EUROPA, À FRENTE DO CONGLOMERADO DE LUXO LVMH

EM 2023, FATUROU

33,7 BILHÕES

DE DÓLARES, O QUE SIGNIFICOU UM AVANÇO DE 30% EM RELAÇÃO A 2022

Fonte: *Companies Market Cap e Novo Nordisk*

LAURA DU VE//REFINERY29/GETTY IMAGES

OBESOS Balança: 51% da população mundial terá excesso de peso em 2050

americano Morgan Stanley, 24 milhões de pessoas nos Estados Unidos, ou 7% da população, tomarão algum tipo de droga para emagrecer até 2035, com implicações nos hábitos alimentares. "A indústria de alimentos, bebidas e restaurantes pode vislumbrar menor demanda, particularmente no caso de comidas menos saudáveis, calóricas e com mais sal", afirma a analista Pamela Kaufman, em relatório. Conclusão semelhante tem a Citrini Research, para quem PepsiCo e McDonald's podem sair prejudicadas. Uma versão "abrasileirada" do relatório, feita pela Ace Capital, coloca companhias como Ambev e Pão de Açúcar entre as perdedoras da nova ordem da magreza, que tem tudo para continuar ditando o apetite de pessoas – e do mercado financeiro. ■

O PROJETO DO DITADOR

A três meses da eleição, Maduro se mexe para sufocar a oposição, insuflar o nacionalismo e fazer de conta que rege uma democracia. Tudo para se perpetuar na Presidência

CAIO SAAD

FEDERICO PARRA/AFP

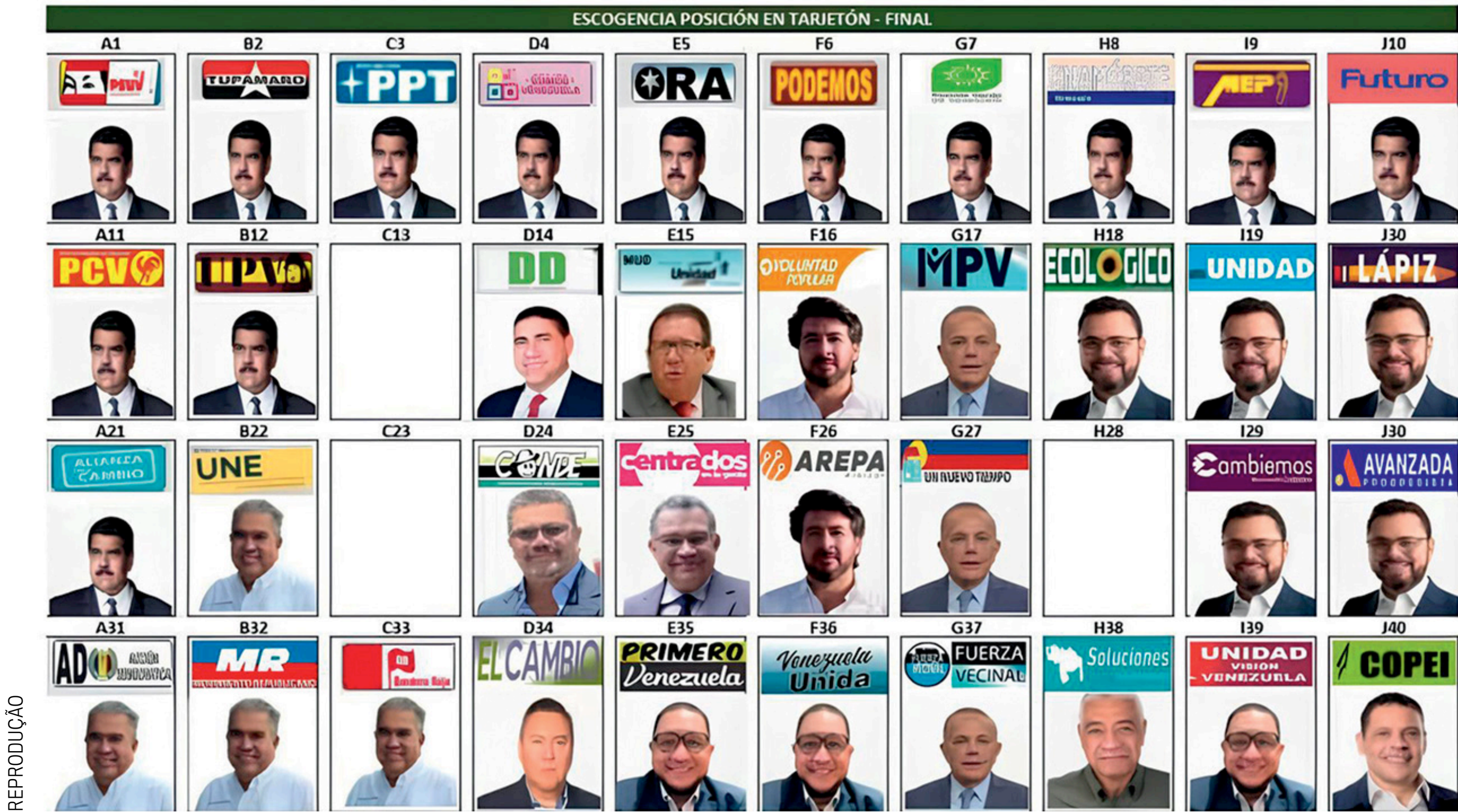
DAQUI NÃO SAIO O presidente em campanha: vale tudo pelo terceiro mandato

A paisagem caribenha de Barbados foi o cenário de um aguardado encontro que juntou à mesa integrantes do governo e da oposição da Venezuela, sob a mediação da Noruega, que ali se debruçaram sobre um tópico que põe o mundo democrático em alerta: haverá eleições livres e limpas na nação há mais de duas décadas nas mãos de um regime que vem se apossando das instituições, pilotado primeiro por Hugo Chávez (1954-2013) e hoje por seu sucessor, Nicolás Maduro? A julgar pelas costuras daquela reunião de outubro, emoldurada por um mar de raro turquesa, eram altas as chances de que Maduro ao menos garantisse o pleito em 2024, sobre o qual deixava pairar dúvidas. E assim foi: a data ficou marcada para 28 de julho, e os Estados Unidos logo relaxaram uma fatia das sanções que atingiam em cheio o setor de petróleo, onde pulsa a economia venezuelana.

Mas não demorou, e o governante exibiu suas garras colocando em marcha medidas que deixam claro seu roteiro para esticar a estada no Palácio Miraflores — um enredo que desmantela candidaturas capazes de lhe fazer frente e atrai a população com uma mescla de assistencialismo e jogos de cena, tudo sob o verniz de uma suposta democracia. Uma contundente imagem desse ímpeto autoritário é a cédula eleitoral, divulgada na terça-feira 9. A regra criada pelo Conselho Nacional Eleitoral, terreno em que o chavismo impera, estabelece que o espaço de cada candidato é definido com base no desempenho dos partidos nas eleições legislativas. Resultado:

o nome de Maduro aparece nada menos do que treze vezes — contra três do governador Manuel Rosales, da oposição.

Pouco antes, no dia 3, Maduro havia promulgado uma lei estapafúrdia, que anexa o território de Essequibo, região rica em petróleo que pertence à Guiana e que ele resolveu reivindicar, calcado num plebiscito no qual a população (com comparecimento abaixo do esperado) votou a favor. Ao retomar uma pendenga que se arrasta desde 1880, o venezuelano não parece querer, ao menos por ora, invadir militarmente o vizinho, mas, sim, acender um sentimento nacionalista que pode reverter em seu favor. "Embora a crise fabricada por Maduro não tenha mobilizado tanta gente, ele segue batendo o tambor nacionalista e sugando o oxigênio da oposição", afirma o cientista político Christopher Hernandez-Roy, do Center for Strategic and International Studies.

Neste sensível ponto, as manobras para eliminar qualquer sombra de risco em seu percurso rumo ao terceiro mandato têm sido incisivas e fatais à oposição. A Venezuela acumula um vasto histórico de pleitos em que a banda antigoverno perde forças ao se pulverizar por completo. Agora, porém, tudo conduzia a um nome único e com gás para enfrentar Maduro — María Corina Machado, 56 anos, vencedora das primárias e favorita nas pesquisas. Mas eis que o governo a inabilitou por quinze anos, elencando motivos pífios. "Foi uma decisão arbitrária. Eles controlam todos os órgãos públicos", disparou a VEJA Corina, que escalou para seu lugar na corrida a xará Corina Yoris, uma professora universitária que não se regis-

REPRODUÇÃO

NÃO É MEME A nova cédula de votação: Maduro aparece treze vezes

trou a tempo em razão de uma providencial trava no sistema. Por enquanto, o nome no páreo é o de Manuel Rosales, que o regime de Maduro considera mais palatável justamente por não representar perigo. Até 20 de abril, pode haver ainda uma troca de candidato — a ver que solução se apresentará. “As eleições na Venezuela são apenas uma forma de Maduro se manter no poder sob a aura de uma democracia funcional que não existe”, diz Benigno Alarcón, diretor do Centro de Estudos Políticos da Universidade Andrés Bello, em Caracas.

O absurdo conjunto de movimentos que faz tremular os pilares democráticos obrigou certos líderes a vir pela primeira vez aos holofotes. No Brasil, o presidente Lula, que mantinha o silêncio em torno da retirada de María Corina do pleito, resolveu se posicionar quando sua substituta, a outra Corina, esbarrou

no mesmo paredão. "É grave que a candidata não possa se registrar", disse Lula, que caminha sobre uma delicada corda bamba. Nos bastidores do Itamaraty, os mais chegados ao círculo presidencial contam que o chefe está ciente da necessidade de ir gradativamente elevando o tom, mas quer reforçar o diálogo — uma questão existencial que tende a levar a um morde e assopra. Até o presidente colombiano, Gustavo Petro, sempre condescendente com Maduro, falou sobre o episódio das duas Corinas: "Foi um golpe antidemocrático", criticou. Já os Estados Unidos restabeleceram algumas daquelas sanções retiradas de cena no encontro do Caribe.

Atolada em índices socioeconômicos sofríveis, com 52% da população engolida pela pobreza, a Venezuela vem até apresentando sinais de melhora, resultado de mudanças implantadas por Maduro quando a crise alcançou patamar insustentável. Uma decisão foi ceder espaço à iniciativa privada, que vem ocupando áreas onde o governo não tem mais fôlego para estar. Ainda sob os ventos de Barbados, houve uma abertura a petroleiras americanas e estrangeiras, o que começa a dar frutos no dilapidado setor que já fez da Venezuela "a Arábia Saudita da América Latina". "O problema é que a imensa maioria ainda está às voltas com o desafio de ter uma renda digna", destaca um relatório da Universidade Andrés Bello. Para tentar suavizar a aridez de uma economia castigada, o governo recorre à tática de tantos outros populistas — 80% dos cidadãos recebem hoje benefícios sociais. E assim, de truque em truque, Maduro vai se eternizando no poder. ■

A VIDA NÃO ESTÁ FÁCIL

Inábeis para lidar com as frustrações da população, os líderes dos países ricos amargam recordes de reprovação — o que facilita o avanço da direita radical **ERNESTO NEVES**

IMPOPULARES Macron e Scholz: eleitos na base da escolha do menos pior

SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

NO ANO em que metade do planeta irá às urnas, os líderes das principais democracias se deparam com uma situação inédita: estão, todos e ao mesmo tempo, com a popularidade no fundo do poço. Eleitos, em geral, por margem de votos reduzida, dispondo de apoio precário no Parlamento e submetidos ao julgamento de populações que oscilam entre a raiva e a apatia, os governantes de Estados Unidos, França, Alemanha e Reino Unido, entre outros, atravessam seus mandatos como se caminhassem em um terreno minado, onde a política tal qual a conheciam é torpedeada, o centro se esvaziou e o conservadorismo se embrenha pelas brechas com vigor. Inábeis para lidar com o novo cenário, eles veem sua taxa de rejeição ultrapassar os 70%, batendo recordes históricos — fenômeno que não tem necessariamente a ver, como no passado, com quedas brutais de índices econômicos e de qualidade de vida. “Há um descolamento entre a realidade e a percepção das pessoas como poucas vezes se viu na história”, diz Justin Wolfers, professor de políticas públicas e economia da Universidade de Michigan.

Nos Estados Unidos, faltando sete meses para disputar a reeleição com Donald Trump, o presidente Joe Biden amarga 54% de rejeição, o pior patamar para um ocupante da Casa Branca no quarto ano de mandato desde a Segunda Guerra. E não há programa de incentivo, inflação relativamente controlada, desemprego em baixa e gracinhas no TikTok que consigam rebater seus princi-

EM BAIXA

Líderes das maiores economias do planeta amargam índices recorde de desaprovação

Olaf Scholz
(Alemanha)
73%

Emmanuel Macron
(França)
71%

Fumio Kishida
(Japão)
70%

Rishi Sunak
(Reino Unido)
66%

Joe Biden
(Estados Unidos)
54%

Fonte: *Morning Consult*

pais pontos fracos: a idade avançada e a imagem de um mandatário de pulso fraco. Mais impopulares ainda *(veja a tabela ao lado),* Emmanuel Macron, da França, Rishi Sunak, do Reino Unido, Olaf Scholz, da Alemanha, e Fumio Kishida, do Japão, esperneiam para governar em meio ao clima de insatisfação generalizada.

Segundo especialistas, uma série de choques recentes serve de catalisador para o descontentamento popular, puxados pela imigração ilegal — hoje maior do que nunca. A parcela da população que teme que os imigrantes suguem recursos públicos, roubem seus empregos e transformem a cultura nacional também se ressente de ver os ganhos proporcionados pela globalização concentrado nas elites, enquanto a classe média permanece estagnada. Uma pesquisa de 2023 mostrou que menos de 50% dos entrevistados em catorze países ricos acham que estarão "em melhor situação dentro de cinco anos". Soma-se a isso o fato de o dinamismo econômico global haver se deslocado para a Ásia, sobretudo para a China, e dado marcha a ré nos países ricos.

Presos a um cenário com o qual não estão familiarizados, os partidos tradicionais mostraram-se ineficazes em combater as crescentes desigualdades, responder aos desafios da digitalização e reagir à crise climática e, assim, acabam ganhando eleições na posição de mal menor — o que resulta em governantes fracos. "Os eleitores sentem que as legendas centristas não representam suas opi-

niões", afirma Sonnet Frisbie, especialista em inteligência política da consultoria Morning Consult. Aberto o espaço, a extrema direita avança em toda parte, com seu discurso populista que promete proteger e incluir aqueles que se sentem deixados para trás, seguidamente ecoado e replicado nas redes sociais. Os ultradireitistas são atualmente a opção de um quarto dos europeus e podem se tornar um bloco influente na votação para o Parlamento Europeu, em junho. Diante dessa perspectiva, e da possibilidade de retorno de Trump nos Estados Unidos, restará a seus opositores repetir o gesto que todos sabem estar longe do ideal: votar num nome que consideram o menos pior, num ciclo vicioso. ■

VILMA GRYZINSKI

SONÂMBULOS INDO PARA O FRONT?

A expressão, referente à Primeira Guerra, foi ressuscitada para hoje

NO MAGNÍFICO *Os Sonâmbulos: Como Eclodiu a Primeira Guerra Mundial,* o historiador australiano Christopher Clark consagrou o uso da designação daqueles que perambulam durante o sono para descrever a maneira fatídica como os países no topo da civilização europeia caminharam rumo à autodestruição. "Os protagonistas de 1914 eram como sonâmbulos, atentos mas incapazes de ver, assombrados por sonhos, mas cegos à realidade do horror que estavam prestes a desencadear sobre o mundo", escreveu. Seremos nós os sonâmbulos da era contemporânea? A pergunta ressurgiu diante dos quatro grandes focos de conflito em potencial ou em desenvolvimento no momento. Primeiro, e mais premente, um conflito que envolva o Irã e se alastre catastroficamente pelo Oriente Médio. Segundo, o risco de que a guerra movida pela Rússia contra a Ucrânia incentive o império de Putin a avançar sobre outros países da "esfera russa". Terceiro, e talvez o mais inquietante, a manobra que todos antecipam para a China se apossar de Taiwan. Quarto, a caixa-preta do que

vai pela cabeça do pequeno imperador vermelho da Coreia do Norte, Kim Jong-un. Esses são os "desconhecidos conhecidos", conflitos que, apesar das consequências imprevisíveis, estão desenhados no teatro geopolítico mundial.

Existem ainda os "desconhecidos desconhecidos", os que "não sabemos que não sabemos", na definição de Donald Rumsfeld, o secretário da Defesa dos Estados Unidos na época da invasão do Iraque, em 2003. Rumsfeld, por exemplo, não sabia que não sabia do risco de radicalização no Iraque que alimentaria diferentes correntes do islamismo fundamentalista, propiciaria uma vitória ao Irã com a ascensão xiita decorrente da queda do regime sunita de Saddam Hussein e redundaria no armamento e no financiamento de aliados iranianos, como o Hamas. Como lei das consequências imprevisíveis, a guerra de Rumsfeld e de George Bush filho não poderia ser mais perfeita.

"Os atuais focos de instabilidade têm pelo menos um ator dotado de armamento nuclear"

Note-se que os atuais focos de alta instabilidade têm todos pelo menos um ator dotado de armamento nuclear: Rússia, China, Coreia do Norte, Israel e, muito proximamente, Irã. O expansionismo de Putin virou uma ameaça concreta e nada distante, por mais que pareça difícil de engolir para os europeus acostumados a um longo período de paz, garantida pelos Estados Unidos desde o fim da Segunda Guerra Mundial e alimentada pelas políticas que criaram estados de bem-estar social, com níveis de prosperidade jamais vistos na história humana. “Nós transitamos do mundo do pós-guerra para o mundo do pré-guerra”, definiu recentemente o ministro da Defesa do Reino Unido, Grant Shapps, uma das vozes que procuram alertar os “sonâmbulos” sobre perigos que pareciam inconcebíveis até recentemente.

Christopher Clark lembra em seu livro que até Freud se animou com a guerra desencadeada depois do assassinato do herdeiro da monarquia dual austro-húngara, o arquiduque Francisco Ferdinando. “Pela primeira vez em trinta anos, eu me sinto austríaco e quero dar uma nova chance a esse império não muito auspicioso. Toda a minha libido está dedicada à Áustria-Hungria.” O entusiasmo logo acabou, a libido murchou e, 24 anos depois, Freud teve de fugir de Viena, na Áustria anexada pelos nazistas. A marcha do que ninguém sabia que não sabia já havia irreversivelmente começado. ■

UM, DOIS, FEIJÃO COM ARROZ

Em fugaz passagem pelo Rio de Janeiro, **GISELE BÜNDCHEN,** de 43 anos, nada falou sobre os últimos lances que andam povoando os sites de fofoca, como o recém-assumido namoro com seu professor de jiu-jítsu. Boa de marketing, o que ela queria mesmo era tratar dos conselhos alimentares e de estilo de vida contidos em seu livro e da nova coleção de uma grife carioca que leva seu nome. Mas, como nem tudo sai tal qual o ensaiado, acabou deixando entrever o estresse que passa como uma mãe de olhar implacável para pequenos desvios cotidianos. "De vez em quando, entro no quarto do meu filho e vejo uns pacotes de salgadinho embaixo da cama", conta ela, que aterroriza os rebentos, Vivian Lake, de 11 anos, e Benjamin, de 14, em relação às consequências maléficas dos ultraprocessados vilões. "As crianças também são proibidas de usar celular na mesa", disse. E encerrou o papo, orgulhosa: "Comigo é assim".

INSTAGRAM @GISELE

PASSADO A LIMPO

NIALL CARSON/GETTY IMAGES

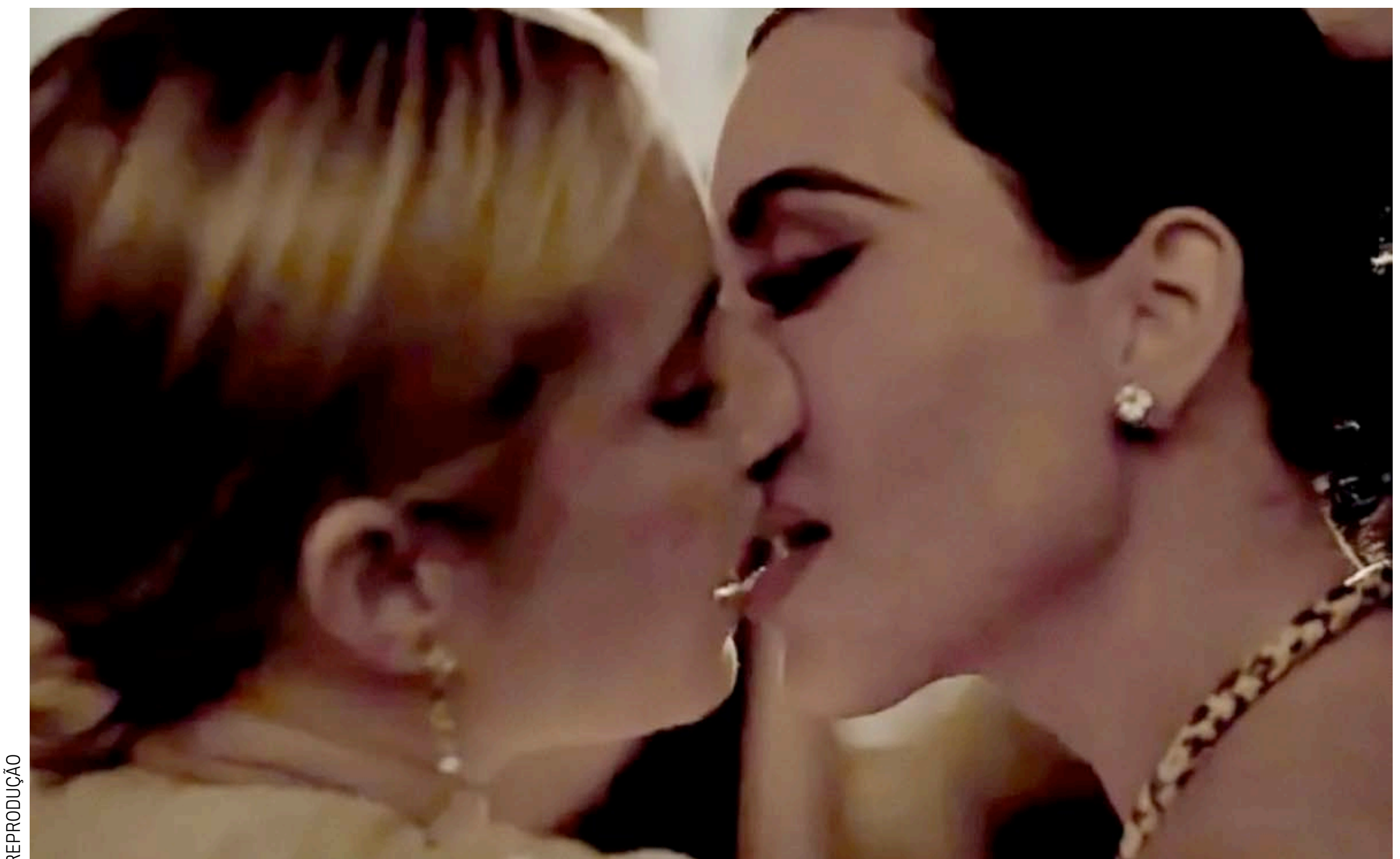
Um roteiro já previsível entre ex-ocupantes do Salão Oval é escrever um livro de memórias, enaltecendo os tempos na cadeira presidencial americana. Pois **BILL CLINTON,** de 77 anos, demorou mais de duas décadas para revirar o baú do poder, que exerceu entre 1993 e 2001 — silêncio que será quebrado ainda neste ano. Sobre o conteúdo de *Cidadão: Minha Vida Depois da Casa Branca,* em plena produção, o democrata deixa um suspense no ar: abordará ele o vespeiro da relação com a estagiária Monica Lewinsky, que quase o levou ao impeachment? "Será a história contada através de pessoas que mudaram minha vida, incluindo erros que cometi ao longo do caminho", limita-se a dizer, adiantando que o leitor encontrará ali bastidores sobre a Guerra do Iraque, o terremoto no Haiti e uma pitada da relação com a mulher, a ex-senadora Hillary Clinton.

ARQUIVO PESSOAL

O DONO DA HISTÓRIA

A ideia inicial de **MARCELO TAS,** de 64 anos, era produzir uma autobiografia com a ajuda de um *ghost writer,* que chegou a contratar e depois dispensou. Daí o atraso de um ano para tudo ficar pronto. “Estava bonitinho, mas raso demais”, explica Tas, que resolveu se debruçar, ele próprio, sobre sua história no recém-lançado *Hackeando Sua Carreira,* no qual cutuca, sem rodeios, os equívocos que cometeu ao longo do percurso. “Não foi fácil revisitar minhas dores”, reconhece. Para baixar a fervura, o hoje apresentador da TV Cultura encontrou um hobby que o ajuda a conter a ansiedade — o remo, do qual virou assíduo praticante, nas raias do campus da USP, em São Paulo. “O importante é descobrir seu limite para não se quebrar inteiro”, diz ele, em pleno processo.

NÃO SOBROU NEM BATOM

A 12ª temporada de *American Horror Story,* que acaba de estrear no Star+, não vem arrancando grandes elogios, mas virou um daqueles tópicos de abalar as redes. Tudo em razão do caloroso beijo em cena entre **EMMA ROBERTS,** de 33 anos, e **KIM KARDASHIAN,** de 43, cujos bastidores vieram à tona. Sobrinha de Julia Roberts, Emma contou no programa *Tonight Show* que, em meio à intensidade da troca de afetos, foi difícil para as duas frear o riso no set. "Quando gritaram 'corta', Kim olhou para mim e caiu na gargalhada. O batom dela estava todo espalhado pelo meu rosto", entregou a atriz. Tanto Emma como Kim, empresária estreante no mundo da ficção, tiveram de refazer a maquiagem, desta vez em versão mais duradoura, para encarar o novo *take*.

REPRODUÇÃO

TERAPIA EM QUADRA

Com o nome cravado no panteão das maiores tenistas de todos os tempos, **SERENA WILLIAMS,** de 42 anos, admite que não vem sendo nada fácil se manter longe das quadras, das quais se aposentou em 2022. "Sinto falta de tudo, até das roupas, das saias. Vou ser honesta, é muito difícil", declarou à revista *People* a maior colecionadora de Grand Slams da história, entre homens e mulheres – 23 ao todo. Ela, que recentemente lançou uma grife de produtos de beleza, deixa claro que a nova atividade não a preenche como gostaria. Daí seu regresso ao tênis, agora de forma amadora e com fins terapêuticos. "Voltei a treinar todo dia, me faz bem", reconhece a ex-atleta, que, em fases diversas, revelou duelar contra a depressão. ■

INSTAGRAM @SERENAWILLIAMS

ELES ESTÃO EM FALTA

O declínio do nascimento de bebês é uma tendência que já virou realidade nos países mais ricos e traz profundas consequências econômicas. O Brasil está na fila, mas ainda tem tempo de aprender a conviver com esse mundo novo

AMANDA PÉCHY E **RICARDO FERRAZ**

GINÁSTICA
Escassez de mão de obra: desafio sério em um mundo cada vez mais envelhecido

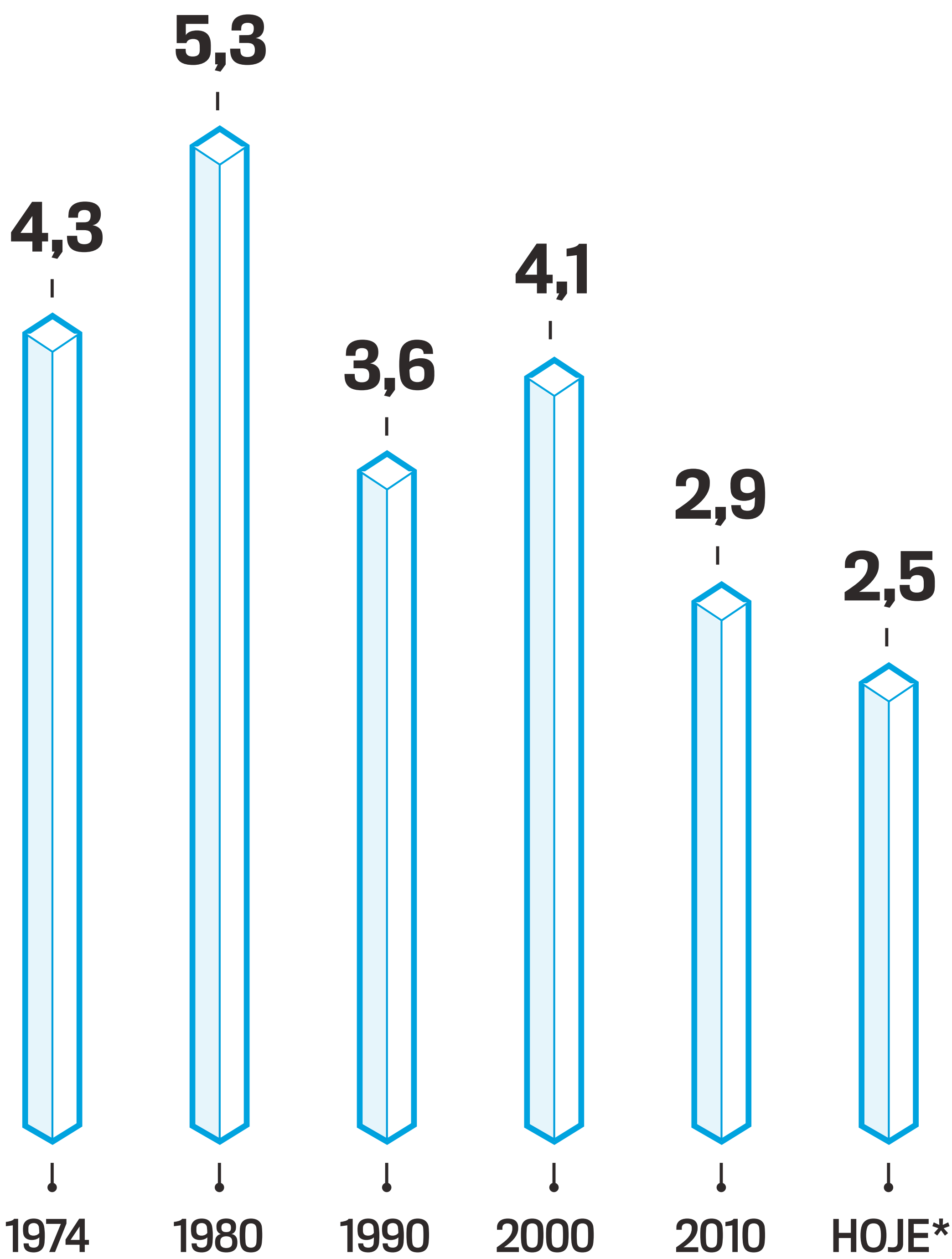
ISTOCK/GETTY IMAGES

Das frias planilhas usadas pelos demógrafos para estimar contingentes populacionais, um sinal de alerta tem soado com insistência em todo o mundo, embutido em uma curva em franco declínio: a que monitora e aponta para o número de bebês que ocupam e vão ocupar os berçários das maternidades. Nos países mais desenvolvidos, a escassez de nascimentos é uma preocupante realidade, com cidades da zona rural agonizando, sumindo do mapa e governos investindo pesado para reverter a perspectiva de, no futuro, não haver gente suficiente para sustentar a economia e o nível de vida. No Brasil, o cenário ainda não é tão aflitivo, mas caminha para a incômoda situação: dados recém-divulgados pelo IBGE mostram que, em 2022, a natalidade caiu pela quarta vez consecutiva. É hora de olhar para fora, observar o que está sendo feito, sacudir a apatia e tomar providências para restabelecer a tempo o imprescindível equilíbrio na questão populacional.

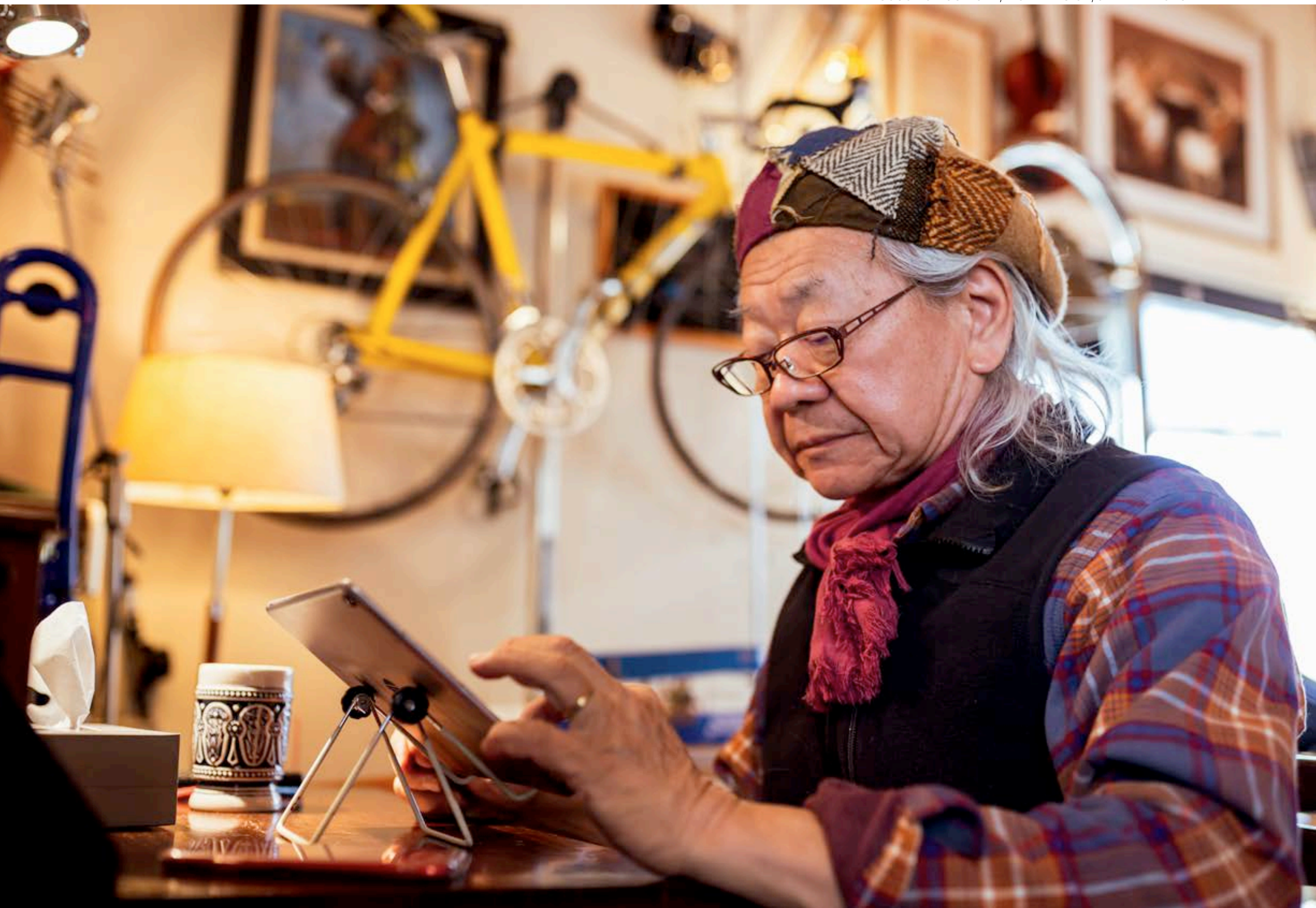
Na frieza da estatística, a população mundial segue aumentando, embora em ritmo menos vigoroso do que já foi: alcançou 8 bilhões de pessoas em 2022 e prevê-se que chegue a 10 bilhões até 2057, quando deve se estabilizar. As duas trajetórias — população subindo e nascimentos caindo — combinadas prenunciam uma desaceleração saudável no número de pessoas sobre o planeta, bem-vinda diante de seus recursos limitados. O problema — eis aí o drama — é que a maior concentração de bebês está na África e em outras regiões pobres, enquanto a Europa, por exemplo, se vê à

MARCO HISTÓRICO

Desde a primeira medição pelo Censo, o número de nascimentos no Brasil nunca foi tão baixo

(em milhões de registros por ano)

*Baseado no levantamento de 2021

Fonte: *IBGE*

SUSUMU YOSHIOKA/DIGITALVISION/GETTY IMAGES

BATENDO PONTO Idoso em atividade no Japão: país aposta na permanência dos mais velhos no mercado de trabalho

míngua de recém-nascidos. No mundo rico, tanto as taxas de natalidade (número de nascimentos por 1 000 habitantes) quanto de fecundidade (média de filhos por mulher em idade reprodutiva) vêm caindo gradual e constantemente, enquanto o grupo de idosos não para de crescer. O tópico que atormenta os governos e especialistas em economia e políticas públicas: de onde sairá a mão de obra ativa que sustentará as legiões de aposentados, de modo a manter saudáveis as engrenagens do progresso?

O problema já começa a dar as caras em vinte dos 22 países mais prósperos, todos detentores de taxa de fecundidade inferior a 2,1 filhos por mulher, o necessário para garantir que a quantidade de habitantes fique pelo menos estável. Esse naco do globo vem buscando formas de convencer os casais a se aventurar pelas turbulentas águas da paternidade, oferecendo incentivos em dinheiro e benesses sociais. Sabem que, sem novos cidadãos economicamente ativos e pagadores de impostos, será cada vez mais difícil equilibrar um sistema de previdência em que há mais beneficiários do que contribuintes e ainda serviços de saúde sob crescente demanda em razão do envelhecimento da sociedade.

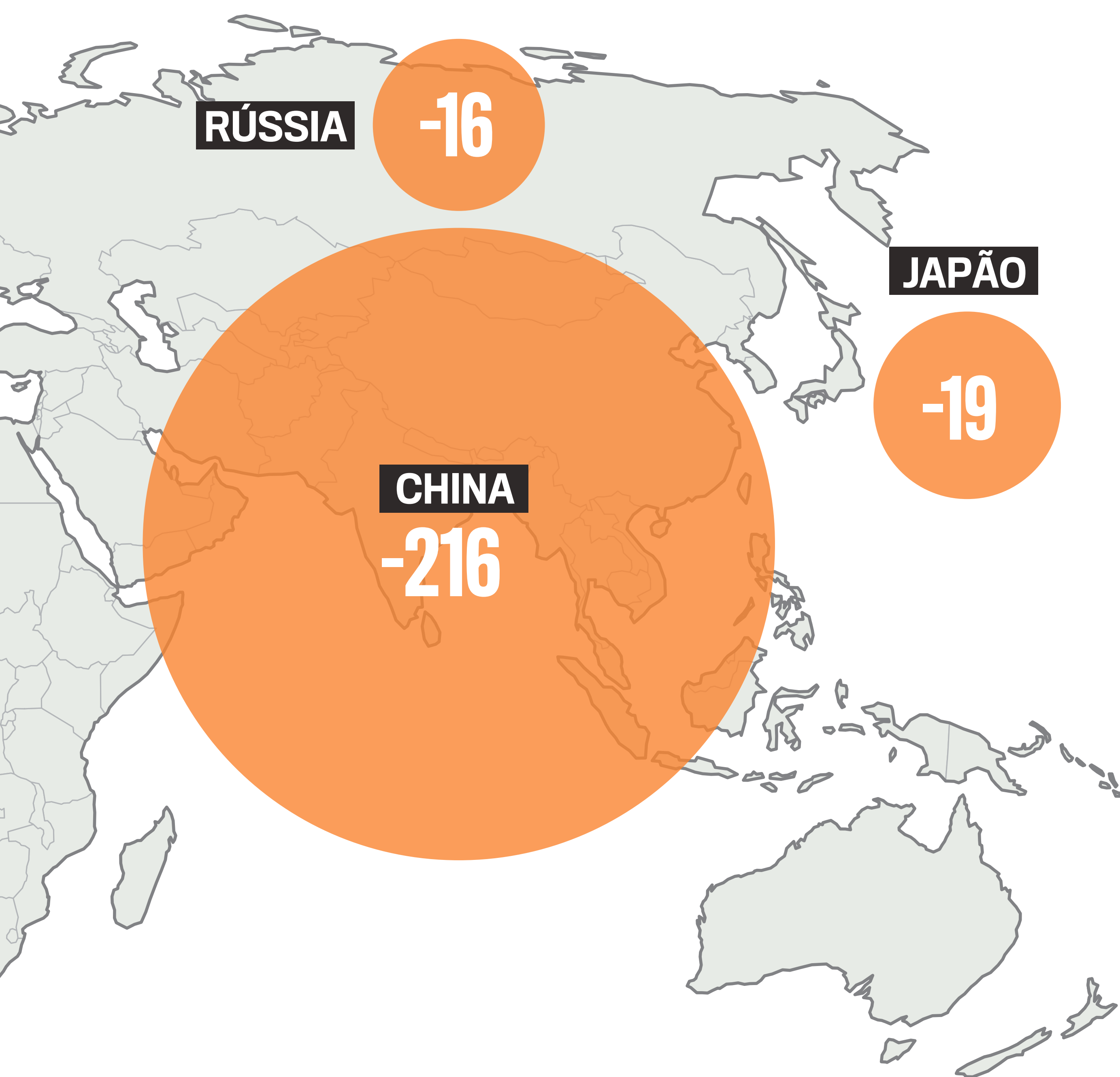
No Brasil, nasceram 2 542 298 bebês em 2022, o menor número já registrado, 11% menos do que a média anual entre 2010 e 2019, retrato da intensificação de um processo iniciado nos anos 1960 *(veja no quadro "Marco histórico).* O ponto crítico está agendado para 2035, quando ocorrerá o fim do festejado "bônus demográfico", período em que o ritmo de crescimento da parcela de pessoas em idade produtiva supera o de crianças e idosos. "A janela está se fechando. O país não conseguiu enriquecer antes de envelhecer e é mais difícil fazê-lo depois que isso acontecer", diz o demógrafo José Eustáquio Alves.

A decisão de ter menos filhos, ou de não ter nenhum, está diretamente relacionada a conhecidas mudanças de hábitos, como o aumento do custo de vida nas grandes cidades, a bem-vinda entrada da mulher no mercado de trabalho e a

UM MUNDO DIFERENTE

Um levantamento mostra em que medida a população ativa de vários países, inclusive o Brasil, vai encolher até 2050

(déficit de pessoas no mercado de trabalho, em milhões)

disseminação de técnicas contraceptivas. Para as novas gerações, soma-se a esses fatores uma grande dose de insegurança atrelada às mudanças climáticas. "Embora as últimas décadas tenham sido prósperas, estamos permanentemente conectados com todas as instabilidades do mundo", afirma Martin Bujard, vice-diretor do Instituto Federal de Pesquisa

Fonte: *UNFPA/ONU*

Populacional (BiB), da Alemanha. “A insegurança não é necessariamente maior do que em outras épocas, mas a percepção dela certamente é.” A ceramista Clara Jardim, de 25 anos, não pensa em trazer ao mundo um bebê sujeito aos desastres naturais acelerados pelo aquecimento global. “Não é justo nem com a criança nem com o planeta”, diz. “Minha melhor ação como mãe é não ter filho nenhum.”

Em alguns países, a receita mais disseminada para incentivar os casais a se multiplicar tem sido a da ajuda financeira: a chegada de cada rebento é premiada pelo governo com uma contribuição em dinheiro, em parcela única ou mensal, dependendo do país. A política se disseminou pela Europa e pela Ásia, mas até agora não reverteu significativamente a curva da fertilidade porque, segundo especialistas, outras áreas, além da remuneração financeira, precisam ser abordadas. “Taxas de fecundidade estão vinculadas ao equilíbrio entre vida pessoal e trabalho, entre renda e custo de vida e também à igualdade de gênero”, diz Michael Herrmann, gerente do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). “Essas três condições precisam ser garantidas. Caso contrário, é difícil reverter o cenário.”

Na Espanha, os pais recebem 1 000 euros por filho e recentemente os homens tiveram a licença-paternidade ampliada de duas para dezesseis semanas, igual à das mulheres. Mesmo assim, o país segue na rabeira da taxa de fecundidade do continente, atrás apenas da pequena ilha de Malta. Na União Europeia, também envelhecem rápido e produ-

AMANDA PÉCHY

SEM AMARRAS

A ceramista **Clara Jardim,** de 25 anos, decidiu não ser mãe: "A maternidade é complicada. As redes sociais estão lotadas de regras sobre como criar crianças. As expectativas são altas demais", diz.

zem muito menos filhos a Itália, a Grécia e a Alemanha. Bebês estão se tornando raros até em regiões dotadas de amplo colchão social, como a Escandinávia. Na Suécia, pioneira na implementação da licença-paternidade com uma lei, em 1974, que dá ao casal 480 dias de afastamento remunerado do trabalho, a fertilidade encolheu de 2 para 1,67 em duas décadas e segue tendência de queda. Movimento mais agudo se observa na Finlândia — 1,46 —, apesar de oferecer um sistema educacional de excelência desde os primeiros anos de vida da criança.

Tanto na Europa como nas demais nações que tentam reverter a curva da natalidade, a maior barreira está em uma mudança intangível e intransponível na cabeça das

IMAGINECHINA/AFP

PASSADO E PRESENTE Cartaz de planejamento familiar *(acima)* e crianças brincando na China: controle de natalidade radical agora cobra sua fatura

mulheres: mesmo dispondo de boa situação financeira, elas simplesmente não têm mais a maternidade como meta. “As prioridades de vida mudaram”, diz Jessica Nisén, professora de sociologia da Universidade de Turku, na Finlândia. Com tantos outros estímulos disponíveis no mundo atual, gerar e criar descendentes ficaram para quando der, se der. “Filhos são uma restrição para os rumos que posso tomar”, diz a britânica Chloe Hobart, de 27 anos, que optou por trabalhar com marketing em Lisboa. “Não teria conseguido me mudar de país e avançar na carreira se já fosse mãe.” Nesse ritmo, a força de trabalho tende a minguar nos próximos anos em algumas das principais economias do mundo. Projeções da ONU dão conta de que, até 2050, milhões de pessoas vão

STR/AFP

completar 65 anos e cruzar a linha da vida ativa, tornando-se aptas, portanto, a se aposentar. Sem bebês à vista para repor essa mão de obra, calcula-se que o Japão perca 19 milhões de trabalhadores; a Rússia, 16 milhões; a Itália, 10 milhões; e o Brasil, 2,8 milhões *(veja o mapa "Um mundo diferente")*. Na Coreia do Sul, país altamente industrializado que registra a menor taxa de fecundidade do mundo (0,72, menos da metade dos almejados 2,1 filhos por mulher em idade reprodutiva), a perda deve chegar a 17 milhões.

Em nenhum lugar, porém, a situação é mais dramática do que na China, onde se prevê, até a metade deste século, um déficit de 216 milhões de trabalhadores — resultado inexorável da política do filho único, a mais radical medida de

controle de natalidade implantada por uma nação. No fim da década de 1970, quando o país estava prestes a atingir a marca de 1 bilhão de habitantes e alimentar essa superpopulação era uma tarefa hercúlea, o então presidente Deng Xiaoping praticamente proibiu que casais tivessem mais de um filho, impondo multas pesadas para quem desobedecesse à regra e até promovendo abortos forçados. O Partido Comunista chegou a anunciar, com orgulho, que 400 milhões de chineses deixaram de nascer no meio século seguinte, o que facilitou um vigoroso processo de enriquecimento. A fatura chegou em 2015, quando a curva se inverteu e a medida foi revogada. Hoje a população chinesa está em franco declínio e os esforços do governo para promover mais nascimentos têm se mostrado insuficientes para mudar uma cultura que fincou garras na sociedade.

A saída mais imediata para uma crise desse tipo é buscar braços onde eles estão disponíveis por meio da imigração, mas essa receita, aplicada em outros momentos da história, esbarra na qualificação da mão de obra disposta a tentar a vida em outro país. Bebês em abundância, hoje e no futuro, só mesmo, reafirme-se, na parte mais carente do planeta. Até 2100, o crescimento populacional deverá se concentrar na África Subsaariana, onde a atividade rural predomina e ter filhos é sinônimo justamente de intensificar a força de trabalho. Trata-se de um contingente que não é bem-vindo nos países ricos — pelo contrário, ondas de imigrantes ilegais alimentaram a estupidez da xenofobia, obstáculo para a

CENA RARA Pai e filho na Espanha: eles ganharam licença igual à das mulheres

MOMENT/GETTY IMAGES

implantação de qualquer política pró-imigração. O Reino Unido recebeu 1,2 milhão de imigrantes no ano passado, um número recorde, mas só obtiveram autorização para trabalhar no país as pessoas capazes de desempenhar as tarefas que o mundo moderno exige.

Por um caminho distinto, o Japão, a nação mais envelhecida do mundo, onde quase um terço da população tem mais de 60 anos, apostou em prolongar a permanência de seus cidadãos no mercado de trabalho e, no ano passado, elevou a idade mínima de aposentadoria de 60 para 65 anos, com garantia de emprego e ambiente de trabalho adaptado a idosos. Deu resultado: quase 15% dos trabalhadores ali já sopraram setenta velinhas ou mais. Mesmo assim, o governo cogita abrir as portas a imigrantes, o que seria uma notável mudança numa sociedade historicamente avessa a acolher estrangeiros.

Outra aposta viável, e não se deve desdenhá-la, é a tecnologia. A escassez de recursos humanos pode ser suprida

ARQUIVO PESSOAL

OUTROS SONHOS

Nos próximos anos, a britânica **Chloe Hobart,** de 27 anos, pretende viajar pelo mundo, conhecer pessoas e culturas novas e voltar a estudar. Filhos, por enquanto, estão fora dos planos. “Ser mãe é um peso enorme, exige uma dedicação que não posso dar”, reconhece Chloe, profissional de marketing que se mudou para Lisboa.

com inteligência artificial e robotização, um caminho cada vez mais trilhado e que traz novos e surpreendentes resultados, na troca sensata de seres humanos por máquinas. “Ter uma geração reduzida pode ser benéfico do ponto de vista econômico”, diz o economista David Miles, da Imperial College London. “Podemos esperar aumento da qualidade de vida e inserção ainda maior das mulheres no mercado de trabalho.” A tendência é irreversível e as lições estão aí, prontas para serem estudadas e aperfeiçoadas. É imprescindível que o Brasil aprenda com elas e se prepare, quanto antes, para tirar melhor partido de uma população inevitavelmente mais envelhecida, com menos bebês alegres e fofinhos à sua volta. ■

AÇÃO E REAÇÃO

O número de pessoas com alergias no mundo está em disparada. E o maior motivo são as mudanças nos hábitos e no ambiente deflagradas pela própria humanidade **DIOGO SPONCHIATO**

EPIDEMIA Rinite: ao menos 400 milhões de vítimas no mundo

GUIDO MIETH/MOMENT/GETTY IMAGES

UMA TRAGÉDIA particular instigou a pesquisadora americana Theresa MacPhail a fazer um mergulho investigativo em um drama que, segundo estimativas, afeta cerca de um terço da população global. O pai da antropóloga médica morreu abruptamente após um choque anafilático — reação do organismo marcada pela obstrução das vias respiratórias — desencadeado por uma picada de abelha. Também alérgica, Theresa decidiu buscar respostas sobre como o corpo humano pode reagir de modo tão intempestivo a elementos aparentemente inofensivos como um alimento ou pó doméstico. Mas seu trabalho de detetive junto a médicos, cientistas e pacientes a levou a uma segunda questão: por que o número de gente com rinite, dermatite e outras doenças caracterizadas pela hipersensibilidade do sistema imunológico não para de crescer?

As explicações para esse quebra-cabeça estão no livro ***Alérgicos*** (Editora BestSeller), recém-lançado no Brasil. Alergias são uma reação exacerbada das nossas células de defesa a partículas que, no geral, não deveriam nos fazer mal — uma lista extensa que envolve de proteínas da comida (leite, ovos, frutos do mar...) a ácaro e pólen. Na ânsia de atacar o "invasor", as forças de segurança interna provocam um tumulto inflamatório, resultando em sintomas diversos. Algumas pessoas desenvolvem rinite, outras asma. Há quem tenha alergia alimentar e quem sofra de dermatite atópica. São quadros que, em comum, sabotam a qualidade de vida e tornaram-se bem mais frequentes nas últimas déca-

KRISANAPONG DETRAPHIPHAT/MOMENT/GETTY IMAGES

ATENÇÃO À MESA Alergia ao leite: aumento no diagnóstico entre crianças

das. As alergias são a doença do mundo moderno por excelência — e, com as mudanças climáticas, tudo indica que persistirão nos atormentando.

Há uma série de desafios em torno delas, um assunto que continua intrigando os especialistas pela sua complexidade e pelas constantes exceções às regras. Primeiro, dificilmente conseguimos prevenir o problema, uma vez que ele é fruto de um mosaico de influências genéticas, ambientais e comportamentais. Segundo, ainda que existam exames para apurar o tipo de alergia, nem sempre os testes são precisos e acessíveis. Terceiro, embora casos mais leves sejam doma-

dos com os recursos disponíveis, os tratamentos clássicos para os quadros mais severos não raro falham depois de um tempo. E, o pior, são condições que, no geral, começam a se manifestar na infância ou na juventude e seguem em ascensão, podendo se tornar ainda mais penosas quando se mora numa cidade imersa em ar sujo. "O que mais me surpreendeu na pesquisa para o livro foram as descobertas sobre os efeitos de longo prazo da poluição atmosférica", diz Theresa. "O material particulado ultrafino dos poluentes tem a capacidade de ajudar alérgenos como o pólen a entrar mais profundamente nos pulmões."

A principal hipótese que tenta esclarecer o boom alérgico é a teoria da higiene. Em resumo, devido a vacinas, antibióticos e antissépticos, conseguimos eliminar tantos germes que, sem esse contato antes corriqueiro quando crianças, nosso sistema imune passa a encarar qualquer bobeira como um inimigo. É o que tem ocorrido quando algumas proteínas da comida embarcam goela adentro. "Acompanho as alergias alimentares há 25

ALÉRGICOS
de Theresa MacPhail (tradução de Livia Almeida; Editora BestSeller; 364 páginas, 79,90 reais e 49,90 reais em e-book)

anos e observo que estamos vivendo uma espécie de epidemia: há aumento de casos, novos alimentos causando reações, manifestações ainda mais heterogêneas e quadros mais persistentes", diz a alergista Renata Cocco, da Faculdade de Medicina Albert Einstein, em São Paulo.

DIVULGAÇÃO

VIVÊNCIA A autora: pesquisa movida por caso pessoal

Diante dessa avalanche de diagnósticos — são 250 milhões de pessoas com alergia alimentar no planeta, outros 300 milhões com asma e mais 400 milhões com rinite, segundo a OMS —, a medicina persegue soluções. Um divisor de águas são os medicamentos imunobiológicos, já aprovados para dermatite atópica, por exemplo. Em novo estudo, cientistas demonstraram que um anticorpo monoclonal, o omalizumabe, foi bem-sucedido na contenção de múltiplas alergias disparadas por alimentos. Confiante na ciência, Theresa acredita, contudo, que o maior dilema atual resida na prevenção. "Precisamos descobrir um modo de intervir na infância para encorajar nossas células a desenvolver tolerância a uma grande variedade de coisas com as quais temos contato", diz. Que a resposta a esse mistério não demore a chegar. ■

PRIMEIRA PESSOA

MASSACHUSETTS GENERAL HOSPITAL

FOI UM QUEBRA-CABEÇA DE 500 PEÇAS

O brasileiro Leonardo Riella fez história ao comandar o primeiro transplante de rim de porco para um humano vivo

CRESCI CONVERSANDO sobre medicina. Sempre tive vontade de trabalhar na área. Meu pai também é nefrologista — e um apaixonado por inovação e pesquisa. Então, depois de me formar na Universidade Federal do Paraná, vim para os Estados Unidos fazer a minha especialização. Estava considerando nefrologia mesmo, mas passei pelo transplante e fiquei maravilhado. Era uma especialidade em que você via, da noite para o dia, os pacientes que estavam sofrendo em diálise recebendo um rim novo e, depois, indo para casa. Uma melhora inigualável. Nessas subáreas da medicina, também adorei conhecer a imunologia, porque, com o conhecimento sobre o sistema imune, é possível revolucionar alguns tratamentos, como o do câncer.

Bom, eu estava muito exposto à pesquisa e fiquei interessado em saber como manipular a imunidade para aprimorar o campo dos transplantes. Primeiro, a ideia era desenvolver melhores drogas para evitar a rejeição de órgãos. Segundo, trabalhar para diminuir ou criar maneiras de superar a escassez de órgãos para transplante. Estava envolvido em mais de vinte projetos no laboratório e trabalhando com mais de dezoito pessoas. Metade brasileiros, estudantes e médicos que estão fazendo residência aqui.

Nos últimos três anos, os resultados de xenotransplantes, os transplantes entre espécies diferentes, começaram a ter bons resultados em primatas não humanos devido à combinação entre novas drogas imunossupressoras e o acesso aos porquinhos corretos. Mas a grandiosidade de ter sucesso nesse procedimento em um humano não era algo em que eu e a equipe estávamos pensando. Foi feito um trabalho similar a outros estudos e avisamos ao Massachusetts General Hospital que não queríamos cobertura da mídia, para não estragar a concentração do time.

Foi um processo muito longo, mais de um ano para a seleção do paciente, até receber o consentimento da agência reguladora americana, a FDA. Eram mais de vinte páginas de riscos conhecidos e desconhecidos ao transplantar o rim de um porco para um ser humano. Foi bem intenso no último mês. Uma vez que o paciente foi identificado, mandamos um protocolo para a FDA e, durante quatro semanas, dedicamos 90% do nosso tempo ao projeto.

O dia da cirurgia, 16 de março, foi escolhido em um fim de semana para não ter pessoas ao redor. A retirada do órgão ocorreu em outra localidade e a cirurgia se passou como a gente tinha imaginado. Quando o rim do porco é preparado para o transplante, ele fica pálido, amarelo, e o órgão tem que apresentar um tom de vinho. Ao conectá-lo à artéria e à veia do paciente, o sangue começou a entrar e ele mudou de cor. Imediatamente, começamos a ver urina sendo produzida pelo rim. Todo mundo começou a bater palmas. Foi um momento emocionante.

Era uma cirurgia complicada, porque o paciente tem diabetes e doença vascular. Foi como montar um quebra-cabeça de 500 peças. Ele voltou para casa e já passou a parte mais difícil, mas, claro, há incertezas. Mesmo assim, vamos monitorá-lo com atenção para obter o maior conhecimento possível e fazer um estudo com mais pacientes.

No fundo, gostaria que a notícia do transplante ajudasse a aumentar a prevenção da doença renal. Ela costuma ser diagnosticada tardiamente e o transplante é o tratamento terminal, quando o órgão não funciona mais. O que aconteceu foi uma explosão. Sabia que o que estava fazendo era significativo, porque pode revolucionar o tratamento das pessoas com insuficiência renal. Estou cauteloso, mas espero que se torne um tratamento aceito no futuro como uma alternativa aos pacientes que não encontram um doador humano. ■

Depoimento dado a Paula Felix

A UNIÃO DE DOIS MUNDOS

Sob o estímulo da Olimpíada, Paris investe em obras que podem ajudar a dissolver a fronteira entre seu vasto subúrbio e o belo Centro — desafio que mobiliza outras cidades **ERNESTO NEVES**

INJEÇÃO DE ÂNIMO Stade de France, em Saint-Denis: a vizinhança parisiense com piores indicadores sociais está sendo repaginada

DIVULGAÇÃO

O PERÍODO conhecido como *gran siècle* foi marcado pela megalomania de Luís XIV, o monarca francês que se apresentava como Rei Sol e acabaria por canalizar uma montanha de moedas para obras envoltas na ambição de que fossem um reflexo de sua própria grandeza. Em meio a esse impulso, ele mandou erguer, em 1670, uma muralha no entorno de Paris, para facilitar a coleta de impostos dos que para ali afluíam para vender suas mercadorias, e, assim, criou um paredão que isolava a imensa área fora dele. No século XIX, Victor Hugo, o escritor com um aguçado olhar para o frenesi urbano à sua volta, notou que aquela zona que viria a ganhar o nome de *banlieue*, o subúrbio parisiense, vivia vazia, sem se avistar por lá vivalma, sobretudo à noite, quando parecia "mais selvagem que uma floresta". Aí vieram a industrialização e, depois da Segunda Guerra, as grandes torres de apartamentos, erguidas na periferia para alojar trabalhadores vindos da África. Essa paisagem sempre contrastou com a dos predinhos e cartões-postais que enfeitam a Cidade Luz, compondo uma zona de índices socioeconômicos mais baixos e pouco investimento — o mesmo mal que castiga grandes centros mundo afora, inclusive no Brasil.

Um dos desafios do urbanismo moderno é justamente dissolver a fronteira que separa os efervescentes centros dos subúrbios mais empobrecidos — um salto necessário para melhorar a vida das pessoas e destravar as engrenagens da economia nos vastos territórios que formam as regiões metropolitanas. É o que tenta fazer agora Paris, apro-

MIKE KEMP/IN PICTURES/GETTY IMAGES

CARA NOVA East End, em Londres: a área ociosa ganhou moradias populares

veitando o ensejo da Olimpíada, em julho, para dar uma inédita injeção de recursos nas bandas do distrito de Saint-Denis, ao norte, onde o Stade de France abrigará as provas de atletismo e novas instalações receberão a natação. É lá ainda que fica a Vila Olímpica, que se converterá em moradia a valores razoáveis. Escolas e condomínios degradados estão sendo repaginados, ao mesmo tempo que os tratores derrubam galpões industriais há meio século ociosos para ceder lugar ao verde e abrir caminho para que as pessoas, também lá, alcancem o Rio Sena a pé. “Os Jogos são uma oportunidade única para dar um incentivo às áreas

mais abandonadas da Grande Paris", disse a VEJA a prefeita Anne Hidalgo, que canalizou 80% dos gastos olímpicos para as franjas da metrópole.

O projeto parisiense contém um elemento que, no olhar dos especialistas, é vital para derrubar a barreira invisível que separa centro e periferia — a ampliação da rede de transportes. Neste caso, ela está centrada no metrô (que nasceu em 1900 com o objetivo de ombrear com o de Londres, nos trilhos desde 1863), cuja expansão pretende adicionar 68 estações que interligarão os subúrbios e tornarão bem mais ligeira a esticada viagem que os separa das áreas nobres. Batizado de Grand Paris Express, o plano, previsto para deixar 100% das pranchetas até 2030, é tocado com uma bolada de 45 bilhões de dólares — aporte que, conforme estudos, tende a se reverter em prol da economia. Afinal, isoladas numa terra de escassa oportunidade, as pessoas acabam tendo menos acesso a educação, saúde, emprego, e ficam alijadas das atividades criativas.

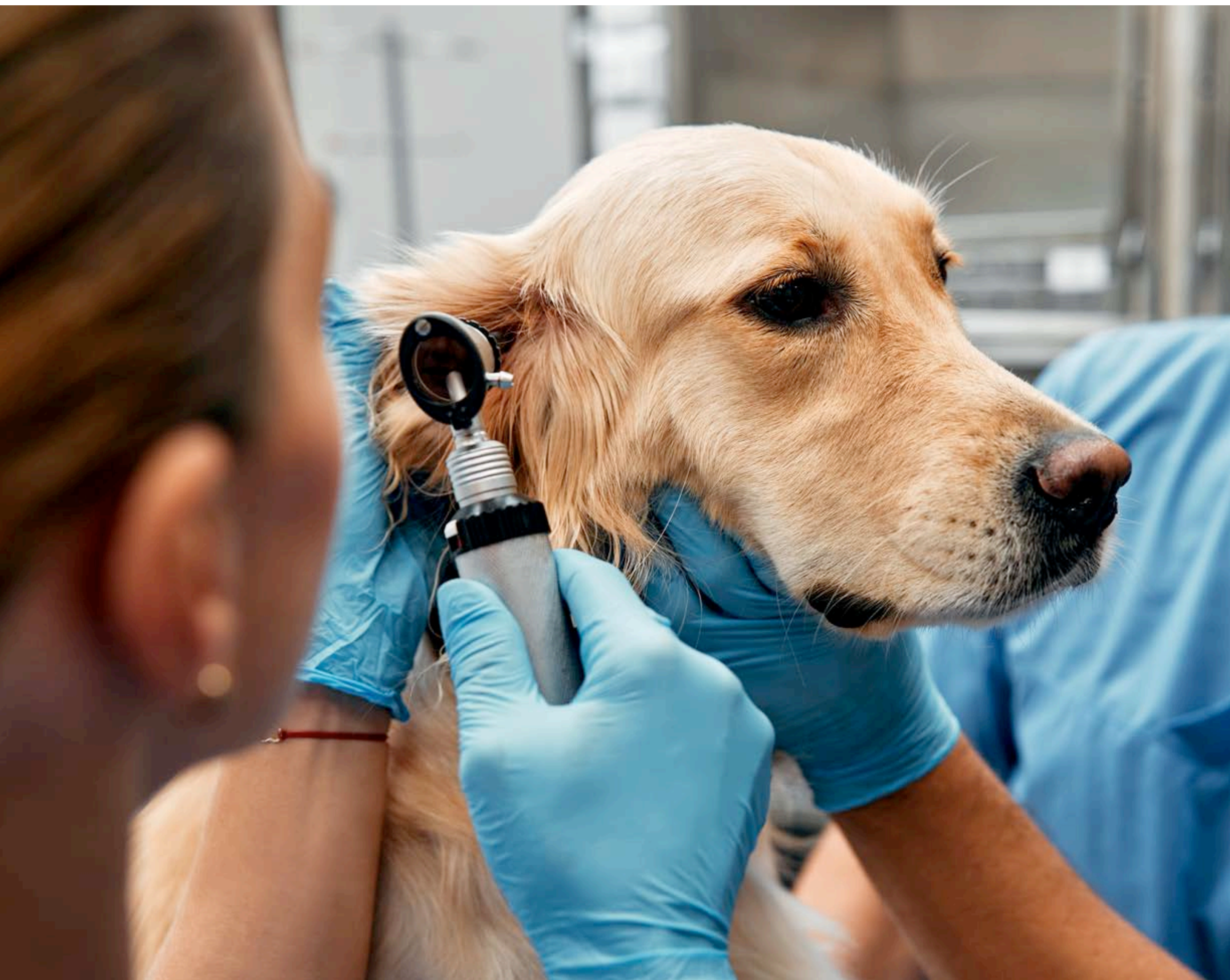
Em paralelo, Paris recém criou um regime fiscal vantajoso para atrair empresas aos subúrbios. O resultado mais concreto até agora é a decisão da Tesla, de Elon Musk, de fincar sua base francesa em outro desses distritos, Saint-Ouen, o que certamente trará gás a uma área onde, salvo exceções, quem mora no Centro não pisa. "Paris e sua periferia são dois mundos muito diferentes. A ideia é acabar com essa divisão", diz a historiadora Isabelle Backouche, da École des Hautes Études en Sciences Sociales.

A tentativa francesa pode se desdobrar no que tantos centros urbanos que seguem trilha semelhante buscam, com resultados ainda pontuais — todos estão de olho no fomento de mais polos de desenvolvimento. Foi ao longo do século XX que o fenômeno das periferias se consolidou na Europa, na Ásia e na América Latina. Enquanto as zonas centrais ofereciam bons empregos, escolas e opções de entretenimento, o custo de vida disparava, e os mais pobres se viam obrigados a procurar uma moradia que coubesse no bolso — daí o inchaço dos subúrbios. Como um princípio geral, já se provou acertado apostar as fichas no investimento público em infraestrutura nessas zonas, o que costuma vir seguido do interesse privado. "Verbas de governos têm sido bons indutores de progresso nas periferias quando aplicadas de forma transparente", afirma Nils Scheffler, do Urban Innovative Actions, de Berlim.

Implantar um ciclo virtuoso de ocupação dessas áreas esvaziadas pelo marasmo econômico exige estratégias para torná-las convidativas. Em Hamburgo, na Alemanha, o governo flexibilizou leis de construção no antigo distrito portuário às margens do Rio Elba e conseguiu atrair para lá projetos arquitetônicos arrojados. Sede da Olimpíada de 2012, Londres concentrou esforços em impulsionar o East End, vizinhança antes lembrada pela ausência de incentivos. Fizeram ali uma série de parques e residências sociais, mas, prova de que não é trivial resgatar essas bandas esquecidas, as construtoras não conseguiram manter os preços baixos

como o planejado. No Brasil, país com expressiva população nas periferias, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, defendeu uma recente lei da qual derivou a Zona Franca Urbanística, que fornece incentivos fiscais e relaxa as regras para novos empreendimentos na beira da violenta e depredada Avenida Brasil — a principal conexão dos subúrbios ao Centro. Diante do descaso de décadas, será duro reabilitar a via carioca. O desafio de virar a página do abandono e demolir muros históricos não é nada trivial, mas disso depende a existência de cidades mais justas e boas para viver. ■

CUIDADOS ESPECIAIS

Com o aumento expressivo da quantidade de bichos de estimação nos lares brasileiros, os planos de saúde veterinários viraram uma boa alternativa **ANDRÉ SOLLITTO**

PREVENÇÃO Check-up canino: com os planos, os cuidados preliminares são cada vez mais comuns

VALERII APETROAIEI/ISTOCK/GETTY IMAGES

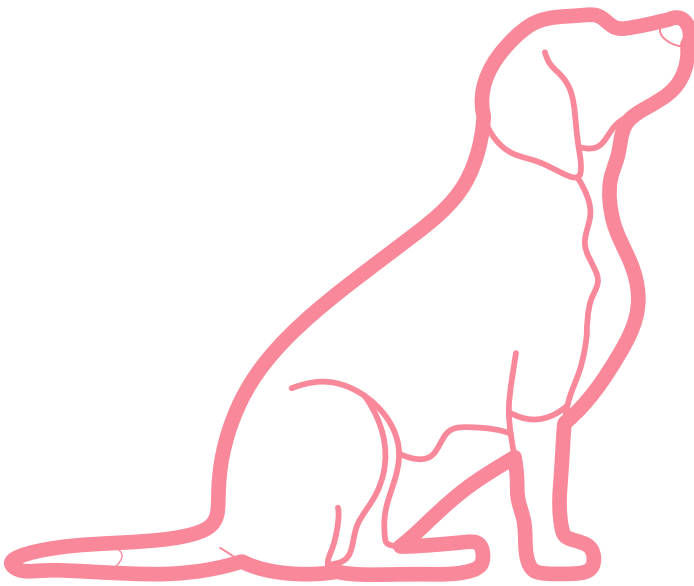
A ESTATÍSTICA é forte como um latido ou um miado prolongados: mais da metade das casas brasileiras têm ao menos um animalzinho de estimação. São aproximadamente 100 milhões de cães e gatos, quase um para cada duas pessoas, de acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet). Isso faz com que o Brasil ocupe hoje a terceira posição entre os maiores mercados pet do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. No ano passado, a indústria de produtos voltados para os bichos domésticos arrecadou quase 47 bilhões de reais, um crescimento de mais de 10% em relação a 2022. É fenômeno que vem ganhando força há alguns anos e acelerou-se com a pandemia. Por enquanto, não dá indícios de que vá perder fôlego, ao contrário.

A novidade, que veio a galope: a expansão dos planos de saúde veterinários, em tendência irrefreável. A exemplo das coberturas contratadas para humanos, as versões para animais cobram uma mensalidade, que parte de 50 reais e pode chegar a quase 300 reais, de acordo com o limite dos reembolsos *(veja no quadro)*. Os pacotes mais simples incluem cuidados básicos, como consultas, vacinas e exames corriqueiros, como o hemograma. Nos mais caros, são contemplados internações, exames de imagem e consultas com especialistas, como nefrologistas, requisitados especialmente por tutores de gatos, já que os felinos têm maior predisposição a desenvolver doenças renais crônicas. Na maior parte dos modelos há um período de carência e, em

NA PONTA DO LÁPIS

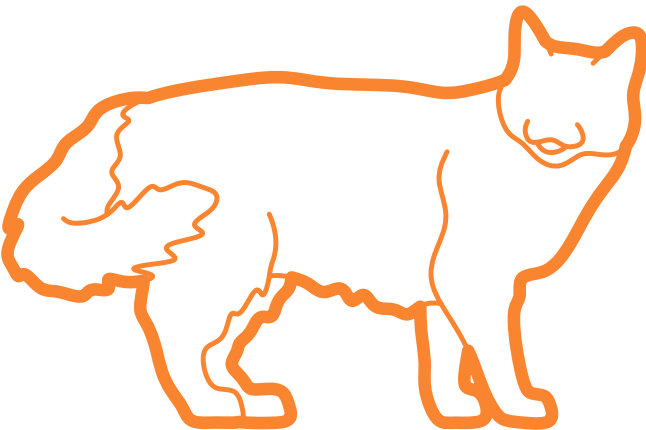
Vale a pena pagar por um plano de saúde para animais?

COM COBERTURA

VALOR ANUAL DE PLANO VETERINÁRIO SIMPLES

600 reais*

VALOR ANUAL DE PLANO VETERINÁRIO INTERMEDIÁRIO

SEM COBERTURA

CUIDADOS BÁSICOS, COM DUAS CONSULTAS ANUAIS, VACINAS E UM HEMOGRAMA

630 reais

CUIDADOS BÁSICOS, COM QUATRO CONSULTAS ANUAIS, VACINAS OBRIGATÓRIAS, HEMOGRAMA, ULTRASSOM E UMA DIÁRIA DE INTERNAÇÃO

* Alguns serviços podem ser cobrados à parte

geral, é preciso pagar uma coparticipação em cada serviço. Uma consulta particular em São Paulo, por exemplo, custa entre 150 e 200 reais. Pelo plano, pode custar apenas 20 reais.

Nesse cenário, uma das companhias de maior destaque é a Petlove, marca que surgiu no ambiente digital, mas vem expandindo sua atuação. Além da comercialização de produtos na internet e em nove lojas físicas, com mais uma a caminho, a empresa tem o mais popular plano de saúde pet. Hoje, atende mais de 338 000 pessoas... ops, bichos. A rede credenciada tem 5 000 parceiros, entre veterinários, centros de diagnóstico e hospitais. A Petlove tem oferecido descontos para múltiplos animais e planos com carência zero para alguns procedimentos. Com seu modelo de negócios, já atraiu investimentos de grandes fundos, como SoftBank e Monashees, entre outros, e comprou a operação de concorrentes, a exemplo do braço pet da Porto Seguro e do Nofaro. Há, claro, outras empresas. A ComVet aposta em planos sem coparticipação, mas há carência em todos, e ela cobre apenas 50% do valor em procedimentos relacionados a doenças preexistentes. O PlanVet oferece reembolso e descontos em clínicas credenciadas. O Pet Health tem uma variedade maior de planos, todos sem carência, mas os valores mensais são um pouco mais elevados. Virá mais por aí, porque apenas 0,5% dos animais de estimação tem plano.

Há quem faça muxoxo ante a ideia de tratar bicho como gente, mas o bolso não reclama. “Tenho um pet de alta manu-

tenção", brinca a publicitária Marla Tavares, tutora do yorkshire Loki, de 2 anos. Apesar da pouca idade, ele já deu alguns sustos. "Fiz raio X, ultrassonografia, exame para detectar colapso da traqueia e procedimento para desobstruir o canal da uretra quando ele estava com pedras na bexiga, tudo pelo plano." Além de cobrir visitas emergenciais ao veterinário, os contratos estimulam os cuidados preventivos, que ajudam a detectar doenças precocemente e reduzir os custos a longo prazo. Contudo, já despontou uma estrada paralela: os tutores têm agendado consultas para check-up dos companheiros de quatro patas, e desse modo acabam usando os planos mesmo sem doença detectada. Logo os donos das companhias seguradoras criarão algum obstáculo, em movimento óbvio e natural.

GK HART/VIKKI HART/STONE/GETTY IMAGES

NA FAMÍLIA População de pets vem crescendo: há um gato ou cachorro para cada duas pessoas

E, claro, como acontece com os serviços voltados para humanos, é preciso ficar atento. Vários planos têm prazos de carência diferentes para cada tipo de serviço. Consultas podem ser realizadas rapidamente, mas internações, não. Alguns exames mais específicos podem não ser contemplados. E dá-lhe mais uma preocupação para nossa vida de cão. ■

O ESPANTO COM O NOVO

Uma mostra no MoMA de Nova York celebra o desenho das cadeiras modernistas dos anos 1940 a 1980, símbolo de mudanças no Brasil e em toda a América Latina

SIMONE BLANES

CORES E FORMAS O modelo *Bowl*, da italiana radicada no Brasil Lina Bo Bardi, de 1951: plástico e espuma

DIVULGAÇÃO

SENTE-SE E LEIA com calma o que vem a seguir, porque as cadeiras são um modo de entender o caminhar da civilização — servem de gatilho para traduzir a explosão do novo, o ritmo das escolas de arquitetura, o permanente atrito entre o que parece ter ficado no passado e o que se desenha para o futuro. Uma extraordinária exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMA — *Crafting Modernity: Design in Latin America, 1940-1980* —, é um convite, até meados de setembro, para conhecer o cotidiano doméstico, como quem se aboleta em cima de quatro pés, de lares de famílias da Argentina, Chile, Colômbia, México, Venezuela e Brasil, é claro. É o recorte histórico de um tempo fascinante, de grandes transformações. Um período, no pós-guerra, de industrialização, de troca dos importados pelos produtos locais, de descoberta de materiais inovadores. Nas salas da mostra há também mesas, camas, armários, pôsteres e fotografias, a vida como ela era, e cujos ecos ainda nos assombram com elegância — mas nada tira o centro das atenções das cadeiras e poltronas, insista-se. E os outros objetos que se virem para conquistar alguma relevância.

Mas por que as cadeiras? O filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007) tinha uma pista. Para ele, os assentos são as peças que mais retratam as relações humanas, a conversa, a sociabilidade, o ambiente. “A configuração do mobiliário é uma imagem fiel das estruturas familiares e sociais de uma época”, escreveu. As cadeiras servem para tudo — inclusive para sentar, em casamento de forma e

função, na celebrada fórmula intuída pelo arquiteto americano Louis Sullivan (1856-1924). Já não bastava postar-se ereto, como sugeriam os tradicionais e formais modelos de influência europeia — o moderno pedia leveza, beleza e produção em grande escala. Os exemplares do MoMA são como um manifesto cultural — e, por que não, político. Ninguém melhor do que a arquiteta italiana radicada no Brasil, Lina Bo Bardi (1914-1992), para costurar a prosa.

VIRADA Os assentos de Sérgio Rodrigues *(abaixo),* Paulo Mendes da Rocha *(à dir.)* e Martin Eisler: adeus ao antigo rococó

FOTOS DIVULGAÇÃO

Ela é um dos destaques do evento — tido como um dos mais interessantes de Nova York, agora.

Lina aparece com duas peças — a *Bowl*, de 1951, tigela de plástico e espuma, e o *Tripé de Ferro*, de 1958, além de imagens da Casa de Vidro, sua residência em São Paulo (dá para visitá-la). Não é preciso esforço para perceber o espanto provocado por aqueles desenhos nos idos dos anos 1950, de rompimento com o classicismo rococó que vigorava, como quem transformava Ouro Preto em Brasília enquanto João Gilberto dedilhava no violão, dizendo "chega de saudade" de mãos dadas com Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Uma frase de Lina resume a ideia: "Temos essa convicção, e estamos persuadidos, de que uma cadeira caipira de grumixaba e tábua é mais moral e importante do que um divã de babados de estilo francês". É.

Para um brasileiro, a *Crafting Modernity* é passeio histórico e nostálgico. Há Lina, para quem "inventamos a arquitetura apenas subindo uma escada, atravessando uma sala, abrindo uma porta ou sentando numa cadeira", mas há muito mais. O arquiteto Paulo Mendes da Rocha (1918-2021) tem lá a icônica *Paulistano*. Sérgio Rodrigues (1927-2014) desponta com a *Cadeira Mole* e a *Niemeyer*, homenagem às curvas sensuais e elegantes do criador de Brasília ao lado de Lúcio Costa. Martin Eisler (1913-1977), austríaco radicado no Brasil, é representado pela *Costela de Adão*. Não poderia faltar a namoradeira de Zanine Caldas (1919-2001), esculpida em um tronco de árvore, incentivo

ao bate-papo “apertado assim, colado assim, calado assim / abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim”.

É interessante perceber agora, olhando para a coleção, um capítulo da civilização que nos trouxe até aqui. “O design era a arte do futuro porque trazia elementos artísticos aliados a uma fabricação em maior escala” diz o historiador Jayme Vargas, coautor do livro *Horizonte Ampliado* (Editora Olhares). Não por acaso, muitas das cadeiras podem ainda hoje ser vistas em casas e consultórios. “Era a arte mais acessível e democratizada para um número maior de pessoas”, afirma Vargas. Na imprensa americana, o contato com os móveis latino-americanos tem o dom de uma descoberta. Há quem a compare ao susto dos anos 1960, quando os americanos foram apresentados aos desenhos do dinamarquês Arne Jacobsen (1902-1971) e do americano Charles Eames (1907-1978), criadores de assentos que brotam hoje em qualquer botequim pé- sujo, mas que representaram uma revolução. “Não consigo me lembrar da última vez que cobicei tantas cadeiras lindas”, escreveu Michael Kimmelman, crítico de arquitetura, para o *The New York Times*.

As descobertas tardias — para quem não cresceu pelas bandas de cá — merecem celebração. “As cadeiras produzem memórias afetivas e contam frações de um tempo para as futuras gerações”, diz Jader Almeida, premiado designer e arquiteto brasileiro. Ah, como sentávamos bonito, e assim traduzíamos o Brasil. ■

DIVULGAÇÃO

MELHORES AMIGOS Joias com pedras cultivadas: preço e sustentabilidade atraem os jovens

ETERNIDADE SINTÉTICA

Diamantes continuam sendo raros e caros, mas a indústria das pedras preciosas aperfeiçoou o método de produção de gemas artificiais, que surgem como boas opções

MARÍLIA MONITCHELE

PARA MARILYN MONROE, eles eram “os melhores amigos das mulheres”, além daquela gotinha de Chanel Nº5. No vozeirão da cantora galesa Shirley Bassey, na trilha sonora de um clássico do *007* com Sean Connery, de 1971, são “eternos”. Os diamantes, as pedras preciosas mais populares do mundo, encantam pela raridade e por suas qualidades: a dureza, o brilho e o cintilar que os tornam insuperáveis quando lapidados. Há, agora, um forte desafiante a fazer frente às míticas e caras gemas naturais: a versão de laboratório.

Trata-se de reproduzir artificialmente uma linda equação da natureza, promovida ao longo de bilhões de anos por meio do depósito de magma sob a crosta terrestre, a profundidades de até 120 quilômetros. Entre pipetas e buretas, em salas assépticas, o grafite de carbono é submetido às mesmas condições das rochas naturais. E, mágica: de uma perspectiva química, são praticamente idênticos, ainda que feitos com a ajuda de equipamentos especializados, e, a olho nu, será muito difícil identificar as diferenças *(veja no quadro ao lado).*

A peça de brilho intenso produzida em laboratório remonta aos anos 1950. Nos primórdios, as pedras resultantes eram imperfeitas e utilizadas principalmente para finalidades industriais, como corte de pedras, mineração e ferramentas odontológicas. A tecnologia avançou, é natural, os custos da produção diminuíram e a qualidade das gemas melhorou, criando o cenário perfeito para o atual uso na indústria joalheira.

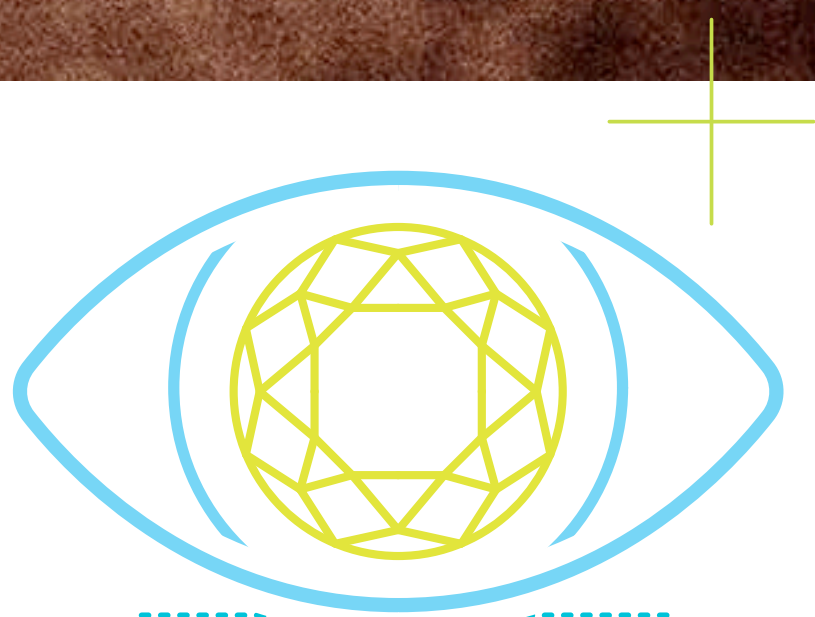
Há, por óbvio, uma pergunta que não quer calar: qual é a diferença do preço final entre o original e a cópia? Algo em torno de 70%, mas nada de sair pulando de alegria. Basta saber que, no mercado internacional, os diamantes naturais sem cor e translúcidos valem ouro. O diamante Cullinan, por exemplo, com 3 160 quilates, extraído em 1905 na África do Sul, tem valor estimado, embora inalcançável, de 2 bilhões de dólares. No mundo das coisas reais, uma peça de 1 quilate pode custar de 2 300 a 14 500 dólares.

DISPUTA ACIRRADA

Saber as diferenças entre uma pedra natural e uma cultivada em laboratório é muito difícil, mas há algumas formas de identificá-las

FERRAMENTAS

GEMOLOGISTAS TREINADOS PODEM UTILIZAR EQUIPAMENTOS ESPECIALIZADOS COMO ESPECTROSCÓPIOS PARA ANALISAR A COMPOSIÇÃO E IDENTIFICAR A ORIGEM

PIXABAY

FORMA

OS DIAMANTES **NATURAIS** APRESENTAM PEQUENAS IMPERFEIÇÕES, CHAMADAS INCLUSÕES. OS CULTIVADOS PODEM CONTER VESTÍGIOS METÁLICOS, DEPENDENDO DO PROCESSO USADO

Paga-se, portanto, menos por um produto de qualidade próxima, possibilidade que despertou o interesse dos consumidores. “Com os diamantes criados em laboratório é possível ter uma joia que você nunca poderia ter antes, com a mesma beleza e durabilidade das feitas com pedras naturais”, diz Daniel Berringer, gemólogo do Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos. “Se juntarmos os diamantes com outras pedras criadas em laboratório, como safiras e rubis, é possível ter uma peça que até a rainha da Inglaterra pagaria parcelado”, brinca.

Os diamantes sintetizados já abocanham 6% das vendas, procurados sobretudo por jovens adultos, em consonância com as novas exigências de um mundo sustentável. “Em breve, será tão estranho usar diamantes minerais quanto se tornou usar pele de animais”, arrisca Luiz Antônio Barboza, gemólogo do Instituto Gemológico do Brasil. É possível. “A grande maioria dos nossos clientes tem entre 28 e 45 anos”, diz Julia Blini, cofundadora da Gaem, primeira joalheria brasileira a trabalhar unicamente com diamantes de laboratório. “Já tivemos casais que nos buscaram para fazer anéis de noivado, por exemplo, porque queriam ter certeza de que aquele diamante não tinha impactos humanos ou ambientais”, diz a coproprietária Luna Nigro. A Gaem utiliza essas pedras preciosas combinando-as com ouro 18 quilates reciclado e rastreado.

Atenta ao crescimento, a dinamarquesa Pandora, gigante do mercado joalheiro mundial, também aderiu ao

movimento com pompa e circunstância. "Os jovens querem marcas comprometidas, não compram *greenwashing*", diz Martin Pereyra Rozas, vice-presidente da empresa. A marca lançou em março uma coleção feita exclusivamente com diamantes cultivados e anunciou trabalhar apenas com metais reciclados em toda sua linha de produção. Para o executivo Rozas, a linha de diamantes recriados tem o bom efeito colateral de fazer da pedra preciosa um item razoavelmente acessível e competitivo. "Queremos substituir a ideia de diamante apenas no dedo anelar para diamantes em todos os dedos", diz, referindo-se ao hábito de se usarem diamantes apenas em anéis de noivado. Vale então, com o apoio da ciência a mimetizar o que brotou depois do Big Bang, lembrar da canção entoada por Shirley Bassey, com melodia e letra de John Barry: "Diamantes nunca mentem para mim, pois quando o amor acabar eles continuarão brilhando". Que assim seja, mesmo sinteticamente. ■

O QUINTO ELEMENTO

O *umami*, paladar descoberto por um cientista japonês no início do século XX, começa a ganhar espaço também na coquetelaria, para além dos pratos, onde já é adotado **VALÉRIA FRANÇA**

TALES HIDEQUI/DIVULGAÇÃO

MISTURA Um dos drinques do bar Caledonia, de São Paulo: queijo grana padano, jamón ibérico e manteiga de garrafa

A BELEZA da gastronomia é feita de fascinantes descobertas. Em 1907, um cientista japonês, Kikunae Ikeda, professor de química da Universidade Imperial de Tóquio, entusiasmado pelo caldo de algas feito pela mulher, decidiu entender de onde vinha a pegada levemente salgada e adorável da comida. Em laboratório, ele o reduziu a dois aminoácidos, o glutamato e o aspartato, e batizou a descoberta de *umami* — saboroso, em japonês. E então o mundo passou a expressar um quinto gosto, para além do doce, do salgado, do amargo e do azedo. Não é nova, portanto, a aventura de uma percepção gustativa presente inclusive em alimentos como o queijo, o leite e o tomate. O extraordinário, agora, é vê-lo se expandir em menus badalados no mundo inteiro, e com avanço na coquetelaria. As bebidas extraem dos alimentos naturais o *umami* — e dá-se um movimento que merece atenção, o dos profissionais do drinque reinventando taças clássicas.

A prática é trabalhosa e, embora soe um tantinho ortodoxa, tem atraído atenção. “Os bartenders olham para o coquetel como prato”, diz Rodolfo Bob, consultor de bares. Entre os clientes dele já esteve o Caledonia, em São Paulo, onde desenvolveu o King James, drinque que continua na carta e tem queijo grana padano, jamón ibérico curado e manteiga de garrafa (todos, ressalte-se, com o glutamato do *umami* na composição). Os ingredientes levam dois dias para serem finalizados. Na largada, a manteiga de garrafa líquida passa por um processo de infusão no uís-

INSTAGRAM @UMAMI_BR

ORIGEM Alimentos com tomate: eles também têm glutamato

que irlandês. A mistura é congelada. Passadas 24 horas, a manteiga se solidifica e então pode ser separada do destilado, que a essa altura está aromatizado. Em seguida, a bebida vai para dentro de um sifão, junto com o queijo, que é pressionado com dióxido de nitrogênio. O presunto curado é servido separadamente, em um garfinho na base da taça, para realçar ainda mais o sabor do líquido.

O tom de laboratório, com um quê de alquimia, é atalho para invenções de todo tipo, algumas um pouco estranhas, verdadeiramente estranhas, mas interessantes demais para serem desdenhadas. A pizzaria paulistana Picco, por exemplo, levou para dentro do copo a mais tradicional das pizzas, a margherita. Como é possível? “Clarificamos o

molho de tomate, que depois é misturado ao caldo da muçarela de búfala e à tequila", diz Lula Mascella, sócio da casa. O resultado: um drinque cítrico, com toque de ervas e minerais, com gosto intrigante de pizza — banhado, é claro, de *umami.* Virou a estrela do lugar.

Herdeiros do genuíno interesse dos Ikeda, lá no início do século XX, os restaurantes japoneses, ou de inspiração oriental, navegam na onda com fervor. Bebem, por assim dizer, da onipresença do saquê, que ocupa o topo do ranking em concentração de glutamato. No Rio de Janeiro, a dica é o bar do restaurante Elena, que turbinou o *umami* do coquetel de tomate, ao trocar o tradicional molho inglês por outros elaborados na casa à base de shoyu: o ponzu (com cítricos e infusionados com kombu, uma alga marinha) e o tonkatsu (de ostras e saquê). "Levei quase um mês para desenvolver os novos ingredientes do Bloody Elena", diz a chef do bar, Taynah de Paula. Ah, e tem mais: no drinque ainda vai vodca infusionada com endro e Jerez.

Dada a força da onda, a indústria se rendeu à tendência. Acaba de chegar ao mercado brasileiro o Johnnie Walker Blue Label Elusive Umami, elaborado pelo chef Kei Kobayashi, proprietário do parisiense Kei, restaurante com três estrelas Michelin, e pela mestre em mixologia Emma Walker. Não há dúvida: quando as vendas ultrapassam o modo artesanal, é indício de que virou bom negócio. E logo, logo o quinto elemento pode vir a se tornar tão conhecido e identificável quanto seus pares. Saúde! ■

LUCILIA DINIZ

SABOR DE TODAS AS MESAS

Botecos disputam prêmio culinário, mas neles a pimenta é rainha

LI NOS JORNAIS que, ao longo deste mês, frequentadores de bares em várias cidades do país vão escolher seus petiscos favoritos. No concurso, cada estabelecimento participante cria uma receita nova e quem a pede ao garçom tem o direito de votar. Nossa culinária de bar é muito inventiva, então podemos ter certeza: a disputa do prêmio, existente desde 2000, será acirrada.

Também me rendo, de vez em quando, a um tira-gosto. Meu marido e eu temos o costume de, voltando de nossas caminhadas pela cidade, fazer uma pausa para um aperitivo.

Cultivamos esse prazer do mesmo modo nas viagens, como em anos passados, provando as delícias do festival gastronômico de Tiradentes. Ou, de forma muito especial, em passeios por Portugal e Espanha, onde recordamos não ser um acaso termos aqui essa cultura de botequim. As “tapas” e “acepipes” da Península Ibérica se mesclaram em nossas terras a ingredientes locais, derivando em gulosei-

mas cultuadas. E, deste lado do oceano, encontraram ainda a rainha absoluta de toda mesa de bar: a pimenta.

Originária das Américas e levada para a Europa nas naus e caravelas, foi melhorar além-mar os bolinhos de bacalhau e semelhantes. De lá, com o comércio de especiarias, ganhou o mundo. Do outro lado do globo, tornou-se um ingrediente imprescindível. Impossível pensar na comida asiática sem ela.

Metaforicamente, espalhou-se no imaginário cultural. Alguém pode ser "ardido feito pimenta". Mas "apimentar" é o que fazemos para melhorar um relacionamento meio morno. Essa pluralidade de sentidos, que ora a faz boa, ora ruim, espelha, no idioma, um fato indiscutível: a pimenta é controversa.

A constatação faz minha mente dar um salto transatlântico e ir buscar, em versos cheios de contradições da poesia portuguesa, a explicação para o fascínio que ela causa mundo afora. Defino assim o que a pimenta faz: ela

" 'Apimentar' é o que fazemos para melhorar um relacionamento meio morno"

é um “fogo que arde sem se ver”, exatamente como o amor cantado por Camões.

A maioria das pessoas não aprecia sofrer as agruras do coração. Porém, mais cedo ou mais tarde, vai experimentar seus ardores — e percalços. A rima de amor com dor domina o cancioneiro popular porque, muitas vezes, essas emoções andam juntas. Com a pimenta se dá contraste semelhante. Assim como o sentimento cantado nos versos do poeta português, ela causa um “contentamento descontente”.

O que acontece em nosso corpo quando a consumimos ilustra isso. Os compostos da pimenta entram em ação assim que a provamos. Ainda na língua, uma substância chamada capsaicina gera uma espécie de alerta de perigo no cérebro, daí a sensação de calor e dor. Mas é também o composto que, com o tempo, faz o incômodo abrandar. “Tão contrário a si é o mesmo amor”, já dizia o soneto.

É certo que existem sempre apaixonados mais entregues do que outros. É o caso do agricultor americano que desenvolveu as variedades de pimenta mais fortes dos últimos anos, segundo o *Guinness Book*. Ed Currie contou em entrevistas que, ao experimentar crua a atual recordista, a Pepper X (que desbancou a Carolina Reaper, sua criação anterior), demorou seis horas para se recompor. Mas, no jantar, a comeu de novo. Gostar de pimenta é mesmo um “nunca contentar-se de contente”. ■

PESADELO AMERICANO

No filme *Guerra Civil*, Alex Garland leva o drama da polarização nos Estados Unidos ao extremo e imagina um conflito violento entre cidadãos – um alerta assustador para um mundo em crise

RAQUEL CARNEIRO

FÚRIA
Wagner Moura no filme: jornalistas entre a tensão e a adrenalina do ofício

DIAMOND FILMS

Em um comunicado televisionado, o presidente dos Estados Unidos garante aos ditos "verdadeiros americanos" que o Exército está perto da vitória contra os rebeldes separatistas da Flórida e da coalizão formada entre a Califórnia e o Texas — trio poderoso de estados que se opõem ao mandatário. De um quarto de hotel em Nova York, a repórter fotográfica Lee (Kirsten Dunst) assiste ao pronunciamento indiferente, enquanto avista ao longe, de sua janela, explosões que apontam para uma estranha realidade: em um país em guerra, aprende-se a conviver com os rastros de destruição e violência. A cena desoladora abre o filme ***Guerra Civil*** *(Civil War,* Estados Unidos/Reino Unido, 2024), do diretor Alex Garland, que estreia nos cinemas na quinta-feira, 18, e traz o brasileiro Wagner Moura no grupo de jornalistas que protagoniza a trama.

Escritor e cineasta com um quê de pensador, Garland se impôs como uma relevante mente criativa em Hollywood ao usar o entretenimento como alerta político e social. No acachapante filme *Ex_Machina: Instinto Artificial* (2014), ele expôs o perigo da inteligência artificial por meio de uma androide manipuladora. Na série *Devs* (2020), sobre computação quântica, criticou o poder ilimitado dos bilionários da tecnologia. Agora, Garland troca a ficção científica pela distopia e imagina o pior dos cenários: e se, com a crescente tensão e polarização política alimentadas por líderes de falas totalitárias, cidadãos se

DIAMOND FILMS

DILEMA Cailee e Kirsten: ilusão de registrar a violência sem se envolver

voltassem uns contra os outros em uma feroz guerra civil? O resultado proposto pelo filme é estarrecedor.

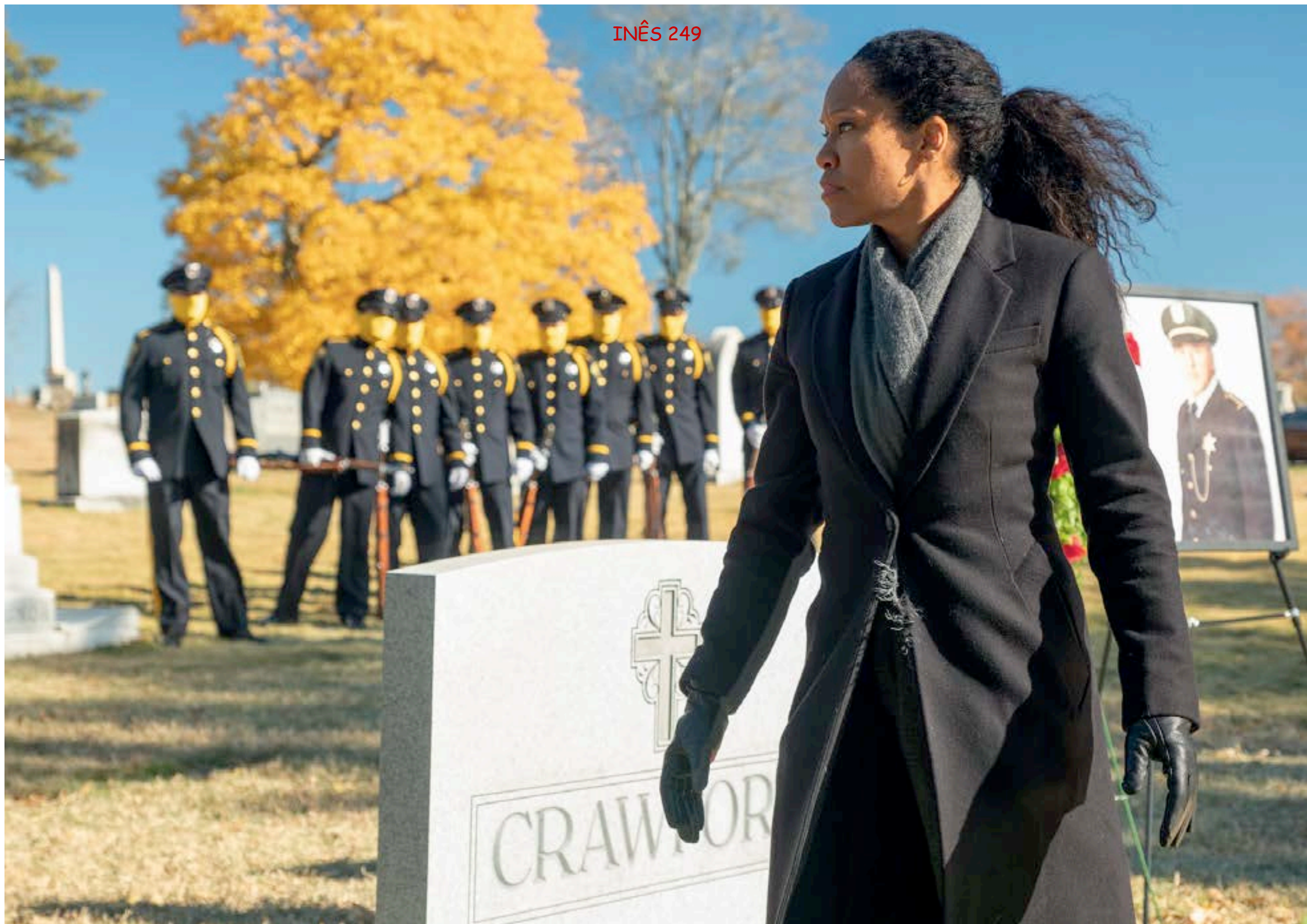
Nascido em Londres, Garland afirmou que a trama poderia se passar em diversos países democráticos dos dias de hoje — a começar pelo dele, a Inglaterra. Mas a escolha dos Estados Unidos como cenário é calculada. Colocar em xeque a democracia e a paz da nação mais poderosa do mundo é também imaginar um planeta assolado por crises morais e econômicas. Trata-se ainda de uma janela para o passado: no século XIX, o conflito entre o Norte e o Sul americanos, motivado pela discordância sobre o uso de trabalho escravo negro, deixou 1,5 milhão de mortos, entre militares e civis.

Ao esticar a realidade ao máximo, próximo do ponto de arrebentar, *Guerra Civil* reforça um time de produções notáveis que se arriscam a retratar uma versão futu-

GEORGE KRAYCHYK/HULU

DISTOPIA *The Handmaid's Tale:* fundamentalismo

ra sombria da sociedade americana — a qual serve de espelho para o resto do mundo. É o caso da série *The Handmaid's Tale,* baseada na obra de Margaret Atwood, na qual um governo cristão fundamentalista dá um golpe de Estado, escraviza mulheres férteis e reprime com pena de morte opositores e "pecadores", de homossexuais a médicos que tenham realizado aborto. Na mesma toada, a minissérie *Watchmen* (2019) imaginou um país onde os negros foram indenizados por uma lei de reparação, o que atiça neonazistas.

Ao contrário desses títulos, *Guerra Civil* se abstém de entregar de bandeja a razão inicial do conflito ou de escolher um lado de forma óbvia. A improvável aliança entre Califórnia e Texas, estados opostos na vida real, é exemplo disso: o primeiro é democrata e progressista; o outro, republicano e conservador. Mesmo delineando um am-

MARK HILL/HBO

PRECONCEITOS *Watchmen:* feridas raciais expostas na tela

biente neutro, *Guerra Civil* traz óbvias alfinetadas ao ex-presidente Donald Trump — em vias de disputar a eleição deste ano com Joe Biden. Garland escreveu o filme em 2020, quando a polícia americana dispersou de forma violenta manifestantes antirracistas do Black Lives Matter ao redor da Casa Branca, com o estranho intuito de abrir caminho para Trump caminhar até uma igreja na região, onde ele tirou uma foto segurando uma *Bíblia* — ato tido como simbólico sobre o lado dele naquele momento. Se já era controverso, na atual campanha o ex-presidente vem elevando o tom de seu discurso contra os direitos individuais, como o aborto e a transição de gênero — e chegou a ameaçar instituições que não o apoiam totalmente, entre elas o respeitado FBI.

Não à toa, em *Guerra Civil,* a agência federal é extinta pelo presidente fictício, junto com a Constituição.

MURRAY CLOSE/DIAMOND FILMS

PENSADOR Garland: cineasta buscou neutralidade ideológica

O filme é narrado pela ótica de jornalistas que fazem uma viagem de Nova York até a Casa Branca em busca de uma entrevista com o presidente. Lee é uma experiente fotógrafa de guerra, que aprendeu a não se envolver com as tragédias que registra. Joel, personagem de Wagner Moura, é um viciado na adrenalina da caça à notícia, enquanto a novata Jessie (Cailee Spaeny) representa o olhar de quem ainda não está calejado diante da barbárie. No caminho, eles encontram desde pessoas que, em lugares isolados, fingem não haver uma guerra, até extremistas que se valem da terra de ninguém para agir como querem. Apesar de ser claramente o catalisador da batalha, o presidente e seus seguidores não são vilões sozinhos. Ambos os lados demonstram sede de sangue — e o propalado sonho americano vira, assim, um tenebroso pesadelo. ■

CANAL DE HORRORES

Prestes a estrear no Brasil pelo Max, série documental mergulha nos bastidores da Nickelodeon para revelar ambiente de traumas e abusos sexuais nas produções infantis

JOVEM VÍTIMA Drake Bell *(à esq.)* com Josh Peck, na época do sucesso *Drake & Josh:* "Preciso pagar pela minha terapia"

FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES

VINTE ANOS ATRÁS, o treinador de diálogos e atuação Brian Peck, então parte da equipe do canal infantil Nickelodeon, foi condenado a dezesseis meses de prisão e registrado como agressor sexual por uma série de abusos contra um menor de idade. Na época, em 2004, o jovem de 15 anos teve a identidade protegida. Mas o mistério se dissipou semanas atrás, quando Drake Bell, estrela da série *Drake & Josh*, revelou no documentário ***O Lado Sombrio da TV*** ser a vítima que pôs Peck atrás das grades. “Não sei como explicar isso diante das câmeras. Pense nas piores coisas que alguém pode fazer a uma pessoa numa agressão sexual e terá sua resposta”, disse sobre a brutalidade e extensão dos estupros.

Transmitida originalmente pelo canal ID, nos Estados Unidos, a série documental chega ao Brasil na terça-feira 16, pelo Max, e lança luz sobre um tópico infelizmente recorrente no entretenimento: o ambiente altamente tóxico ao qual crianças são submetidas por vezes nos bastidores do mundo mágico das produções infantojuvenis. Dividida em quatro episódios, a série foca a Nickelodeon, canal que fez sucesso nos anos 1990 e 2000 com tramas como *O Show da Amanda*, *All That* e *Zoey 101*, antes mesmo do estouro do Disney Channel.

É um caso extremo: os responsáveis pela engrenagem, mostra a série, não só deixaram de proteger as crianças como criaram um ambiente favorável a predadores sexuais. Além de Peck, outros dois funcionários foram condenados por abusos a adolescentes do canal, e o chefão Dan Schnei-

der, demitido em 2018, é acusado de assediar e humilhar funcionárias e sexualizar os menores nas telas com piadas de conotação sexual — numa cena de *Sam & Cat,* Ariana Grande acaricia uma batata para tentar espremer "suco" do legume, enquanto Alexa Nikolas lança um jato sugestivo de gosma no rosto de Jamie Lynn Spears em *Zoey 101.* Com a repercussão, Schneider, apontado por Bell como único do canal a apoiá-lo na época do abuso, veio a público admitir que errou em sua carreira. "Estou enfrentando meus comportamentos do passado, alguns dos quais são constrangedores e me arrependo. Devo as mais profundas desculpas a algumas pessoas", disse após assistir à produção.

Fato é que desculpas não curam traumas: nos relatos das estrelas infantis, são comuns as menções a problemas como alcoolismo, abuso de drogas e transtornos. Em resposta às acusações, a Nickelodeon — que hoje, na era do streaming e do YouTube, já não tem a popularidade de outrora entre os jovens — disse que adotou medidas de segurança ao longo dos anos e lamentou os males causados a Drake Bell. O ator chamou a resposta de "vazia". "Eles ainda transmitem nossos programas, e eu preciso pagar pela minha terapia", disparou. Havia horror por trás da magia. ■

Amanda Capuano

TALENTO INCANSÁVEL

Estrela surgida na TV, a atriz Leandra Leal expande a carreira rumo à direção, volta a brilhar na série *Justiça 2*, do Globoplay, e, aos 41, aguarda a chegada de um filho **KELLY MIYASHIRO**

ENGAJADA
A artista: "Uso minha voz para alavancar causas em que acredito"

GUILHERME BURGOS

AOS 8 ANOS, Leandra já acompanhava a mãe, Ângela Leal, nas gravações de filmes, novelas e até em ensaios de peças de teatro. Durante a finalização de *Pantanal* (1990), da extinta Rede Manchete, Ângela, intérprete de Maria Bruaca, sugeriu que usassem a filha em cena. Assim, Leandra Leal estreou na TV como Maria Marruá Inocêncio, a herdeira do casal de mocinhos Jove (Marcos Winter) e Juma (Cristiana Oliveira), da trama escrita por Benedito Ruy Barbosa. "Me lembro de já ter uma noção de que aquilo era uma novela, porque fazia muito sucesso na época, mas não era como se fosse algo sério: parecia uma brincadeira", contou Leandra em entrevista a VEJA. Aos 11 anos, a menina perdeu o pai, o advogado Júlio Braz, vítima de um infarto. Antes da tragédia, ele a levava a um curso de teatro na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, local onde sua mãe pôde ver o nascimento de uma estrelinha. "Na sua primeira apresentação, ela estava no centro de um palco escuro. Quando acenderam as luzes, olhou fixamente para a plateia com uma intensidade que eu me arrepiei toda", relata Ângela. "Ali eu entendi que ela era uma atriz. E que bom que seguiu carreira, porque Leandra não buscou a fama, e sim as histórias e a arte", completa a veterana, orgulhosa da rebenta.

Hoje, aos 41, Leandra Leal é um rosto familiar (e querido) do público brasileiro. Com papéis que vão da comédia ao drama, como a "empreguete" Rosário de *Cheias de Charme* (2012) ou a ativista ambiental de *Aruanas,* a atriz de presença marcante agora celebra a volta de Kellen, ge-

DIVULGAÇÃO

PRODUÇÃO Em *A Vida pela Frente:* série sobre jovens na virada do milênio trata de temas sensíveis, como o suicídio

rente de sauna promovida a cafetina que movimenta a trama de *Justiça 2,* série de Manuela Dias no Globoplay que disseca as mazelas da sociedade e as falhas do sistema judicial brasileiro. As histórias da nova temporada são diferentes da primeira, exibida em 2016, e Leandra é a única a reprisar sua personagem, que ganha tons maternais ao cuidar de suas funcionárias — prostitutas que atuam sob uma agência de viagens de fachada. "A série discute o sentido de justiça, mas principalmente como as pessoas reagem diante de uma injustiça. O curioso para mim é como o público abraça minha personagem, que é tão imoral", divaga a atriz. "A Kellen tem uma espécie de senso prático sobre as coisas que eu adoro. Foi um charme tê-la na história anos depois do lançamento de *Justiça,* com uma parceria de longa data", enaltece a autora Manuela Dias.

Forjada nos palcos do Rio, Leandra passa longe do tipo de artista que se contenta em estar apenas na frente das câ-

ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO

AMOR PILANTRA Como a cafetina Kellen, ao lado do novo marido (Fábio Lago), em *Justiça 2*: papel que pede bis

meras. Em 2010, ela se juntou às amigas Carol Benjamin e Rita Toledo para fundar sua própria produtora audiovisual, a Daza Filmes, focada em projetos provocativos, como o documentário sobre transformistas *Divinas Divas,* produção que marcou a estreia da atriz na direção. Empreitada mais recente da produtora e com um tanto de inspiração pessoal, *A Vida pela Frente,* outra série do Globoplay, discutiu temas sensíveis à juventude da virada do século XXI. Ambientada em 1999, a trama fala dos problemas de saúde mental num período de expectativa pela virada do milênio, quando a internet ainda engatinhava. "Minha geração passou por muitas questões que não entendia bem. Daí surgiu a vontade de falar daquele período", afirma Leandra.

Nos bastidores, a estrela é conhecida por outra forma de atuação: o engajamento em pautas ligadas à esquerda, como a defesa do setor cultural, tendo sido uma das vozes mais ativas contra os ataques à classe no governo Bolsona-

IVAN LUNA

ARTE DE BERÇO Com a mãe, Ângela Leal: a atriz levava a filha às gravações de novelas

ro. Uma militância firme, mas que Leandra pontua de um jeito leve, sem cobrar quem não o faz. “Eu procuro me informar e dialogar, porque a democracia é importante, então eu defendo o direito de cada um fazer o que quer. Inclusive, não opinar”, diz. “Creio que agora estamos vendo a cultura de um ponto de vista estratégico, como fomentadora do desenvolvimento e da economia”, prega.

Grávida de cinco meses de seu segundo filho, fruto do relacionamento com o fotógrafo Guilherme Burgos, Leandra também é mãe de Julia, 9, a quem adotou com o ex-marido Alê Youssef. Filha única de Ângela, ela ainda quer adotar mais uma criança, pois sempre desejou ter irmãos. Em breve, estrelará um filme em que contracena com a mãe, projeto nascido na pandemia. “Quero eternizar a relação com ela no cinema. Sinto que me alimento dos trabalhos autorais que posso fazer”, diz. Eis um talento incansável — e que esbanja conteúdo. ■

O *HERMANO* EXCÊNTRICO

Lançamentos iluminam a obra afiada e a figura peculiar de César Aira, escritor argentino sempre cotado para o Nobel – e fã declarado da literatura brasileira

DIEGO BRAGA NORTE

ALEJANDRA LÓPEZ/EDITORA FÓSFORO

CRAQUE DAS LETRAS O autor portenho: obras curtas produzidas em ritmo insano e método peculiar de autopromoção

DESCONHECIDO do grande público até pouco tempo atrás, o escritor argentino César Aira vive, aos 75 anos, sua fase mais estelar. Seus livros foram traduzidos para 37 idiomas e são estudados mundo afora. Além disso, ele vê seu nome subir anualmente nas bolsas de apostas ao Nobel de Literatura, disputando a liderança em sites especializados com nomes como Haruki Murakami e Salman Rushdie. Na esteira do sucesso, a editora Fósforo lança agora em abril quatro títulos de Aira, ***O Vestido Rosa, Atos de Caridade, O Congresso de Literatura*** e ***A Prova*** — todos inéditos no Brasil. A trajetória do autor ganha mais interesse quando analisada em que contexto acontece. Não é fácil ser um escritor de sucesso global. Na sua Argentina de origem, destacar-se em meio à nobre concorrência é ainda mais difícil. Pátria de Jorge Luis Borges, Júlio Cortázar, Silvina Ocampo, Ernesto Sabato e Adolfo Bioy Casares — só para citar alguns entre tantos —, a nação tem uma tradição literária muito forte.

Há quem considere que o país produziu a melhor literatura da América Latina até hoje. Aira discorda. Para ele, Brasil e México, nesta ordem, têm históricos mais robustos. As idiossincrasias não param por aí. Desde seu primeiro livro, de 1975, ele escreve praticamente todos os dias. Com isso, produz, em média, 300 páginas por ano. Como seus livros são deliciosamente curtos, Aira já publicou 103 romances, quinze títulos de ensaios e duas peças. Mesmo com obra tão vasta, ele confessou recentemente ter mais de quarenta livros prontos para serem editados.

O VESTIDO ROSA, A PROVA E OUTROS,
de César Aira (tradução de Joca Wolff
e Paloma Vidal; Fósforo; 88 a 168 páginas;
39,90 a 49,90 reais e 27,90 a 31,40 reais em e-book)

Natural de uma minúscula cidade chamada Coronel Pringles, ele se mudou para Buenos Aires no final da década de 1960. Desde então, reside em Flores, um bairro portenho raiz, morada de trabalhadores da baixa classe média local. Outro fato curioso é a forma como cuida de sua obra. Ao longo de décadas, Aira vem cultivando sua carreira em diferentes casas editoriais. A maioria delas, pequenas e independentes. Reserva alguns inéditos que considera melhores para as grandes editoras, presentes em todos os países de língua espanhola.

Como muitas das tiragens de suas publicações são exíguas, Aira está ao mesmo tempo em diferentes locais e em lugar nenhum. Há método nessa loucura. Alguns de seus livros tiveram menos de 100 exemplares numerados e assinados. Hoje, as primeiras edições são cobiçadas por colecionadores e valem pequenas fortunas. O processo se repete no Brasil. Desde meados da década de 2000, suas obras já saíram por seis editoras nacionais, três delas bem pequenas — com tiragens esgotadas e preços em alta em sebos virtuais.

Aira bebe de diversas fontes para criar sua literatura concisa, mas impactante. Crítico da atual onda de autoficção, ele se mantém fiel à invenção, gosta de criar histórias que dialogam tanto com a erudição de Borges como com o realismo ensaístico de Ricardo Piglia, passando ainda pelo fantástico do Cortázar. Entre os lançamentos, *Congresso de Literatura* é o título mais famoso, por trazer o próprio autor como protagonista. Em *A Prova,* niilismo punk e referências pop culminam num final inesperado. *Atos de Caridade* é uma fábula mordaz sobre as contradições da caridade no cristianismo. Mas o melhor é *O Vestido Rosa,* pequena saga inspirada num conto de Guimarães Rosa. Os quatro livros são uma boa amostra dos “brinquedos literários para adultos” que o autor produz, em sua definição. O *hermano* diferentão é, sem dúvida, um craque. ■

WALCYR CARRASCO

ROUPA DE DOMINGO

Relação com vestuário hoje é informal, mas ainda há regras

QUANDO EU ERA criança, o traje de domingo era especial. Para as mulheres, o dia de usar o melhor vestido, ver e ser vista na missa. Os homens botavam terno — os mais elegantes, de linho branco. Todos se vestiam com o que tinham de melhor em seus guarda-roupas. Não só no domingo, aliás. Ninguém ia de chinelo ao cinema, de bermuda ao teatro, muito menos saía de Crocs para qualquer lugar. Não só pelo fato de eles não existirem naquela época, mas porque havia um ritual para se apresentar em público. Fosse numa situação social, ou ao chegar de uma viagem. A piada de que banho só aos sábados tem sua razão de ser. Inspirados em suas origens europeias, boa parte dos brasileiros tomava muito menos banho do que hoje. Mas um bom perfume não podia faltar. As pessoas se arrumavam para sair, com certa cerimônia. Homens não dispensavam gravatas, nem sapatos bem engraxados. Os salões de beleza lotavam às sextas, porque as mulheres exigiam penteados elegantes. A humanidade sempre usou

as vestimentas para pertencer a algum grupo. E também excluir. A roupa era um cartão de visitas. Mas havia uma certa beleza em ir ao cinema, por exemplo, e se encontrar com pessoas alinhadas. Até para enterros havia a roupa adequada: era muito feio as mulheres não botarem preto e os homens, no mínimo, uma fitinha negra na lapela. Para visitar os parentes, minha mãe botava seus sapatinhos vermelhos de salto, minhas tias chegavam com vestidos de renda, e bijuterias faiscantes. Meu cabelo e o de meu pai eram horrorosamente penteados com uma pasta grudenta, que me dava um aspecto de molhado e textura de capacete. Pobre mamãe! Não era vaidosa e só usava saltos nessas ocasiões especiais. Ao voltar para casa, a melhor parte... libertava seus pés gordinhos e andava descalça.

Hoje em dia, na maior parte do tempo, uso preto para não ter o trabalho de escolher a roupa. Abuso dos mole-

"A moda é mutante, e as pessoas gastam para se vestir. Mas o street wear substituiu saltos e ternos"

tons, tecidos molinhos. A regra é: conforto! Observo que a maior parte das pessoas pensa igual a mim. Até em restaurantes de luxo, vejo rapazes de camiseta regata e mulheres de sandália rasteirinha.

Vestir-se formalmente para uma ocasião deixou de ser importante para grande parte das pessoas. As poucas vezes em que ainda recebo um convite pedindo traje black-tie, oh céus! Gelo, penso e repenso. Dá preguiça. A formalidade ficou relegada às festas de debutantes, que também estão entrando em extinção. As garotas preferem viajar, fazer selfies e postar. Os looks? Cada vez mais ousados, menos formais e bons para reaproveitar. Ainda há advogados, professores, médicos e religiosos que preferem se vestir de maneira menos casual, apesar do calor. Mas aos domingos botam bermuda e tênis!

A moda é mutante, e as pessoas gastam caro para se vestir. Só que o street wear substituiu saltos e ternos. Mais fácil uma pessoa elegante botar um piercing que uma abotoadura. Antes todo mundo se uniformizava para sair de casa, com trajes semelhantes. Hoje, também. Mas ainda não se deram conta disso e se acham absolutamente originais. ■

PRIME VIDEO

JOGO RADICAL Os robôs de *Fallout:* trama de RPG dos anos 1990 convertida em série superproduzida

TELEVISÃO

FALLOUT **(disponível no Amazon Prime Video)**

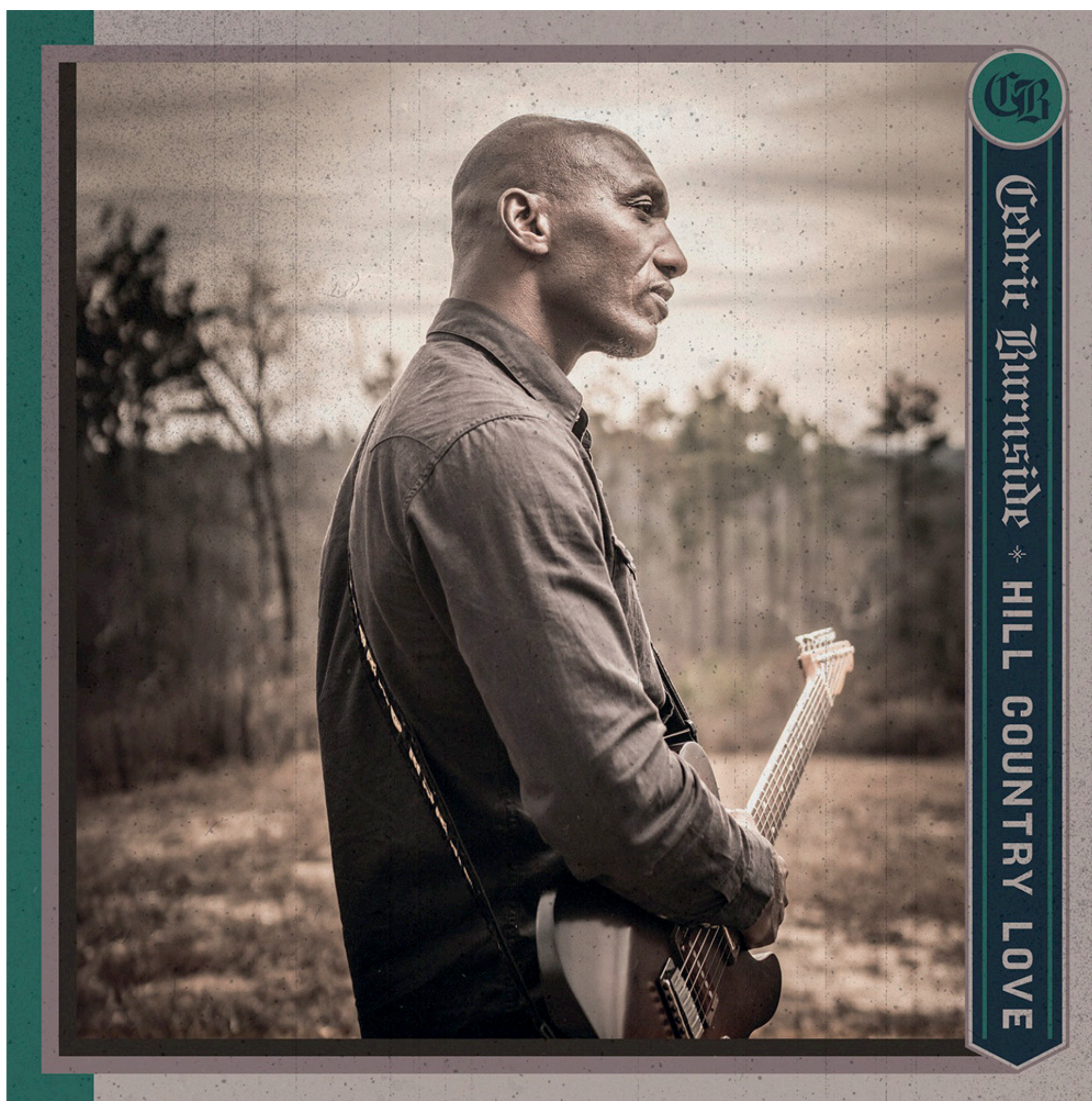
Em 1997, uma pequena produtora californiana lançou um jogo de RPG digital no qual a paranoia nuclear dos anos 1950 resulta em um apocalipse radioativo e uma sociedade dividida entre a vida na superfície da Terra e em bunkers. Engenhoso, o negócio se tornou um sucesso, resultou em três sequências — e agora dá origem a uma superproduzida série de ficção científica. Na trama, a obstinada Lucy (Ella Purnell) emerge de seu isolamento e descobre um mundo devastado pela tecnologia, pelo militarismo impiedoso e pelo cientificismo radical. Longe de drama cinzento, porém, a produção equilibra seus temas densos com a ação colorida e bem-humorada que marcou a ficção da década que homenageia — tom realçado pelo feliz encontro entre o diretor Jonathan Nolan, de *Westworld*, e o criador Graham Wagner, com passagem por *The Office*.

TELEVISÃO

FRANKLIN **(Disponível na Apple TV+)**

APPLE TV+

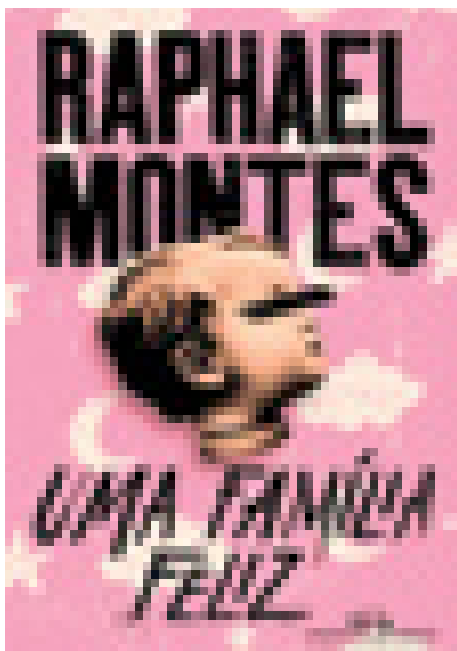
HISTÓRIA Michael Douglas como Benjamin Franklin: vida recontada em série

Em dezembro de 1776, meses depois da declaração de independência dos Estados Unidos, Benjamin Franklin (1706-1790) foi enviado à França como diplomata. Badalado pelos seus experimentos com eletricidade e pela atuação como um dos artífices da fundação americana, ele chegou ao país com pompa de celebridade, e não economizou na arte da persuasão para cumprir uma missão ambiciosa: convencer os franceses a apoiar as tropas americanas na guerra contra a Inglaterra. Com três episódios já disponíveis, a série traz uma trama envolvente protagonizada pelo veterano Michael Douglas, que adiciona um delicioso toque cômico ao figurão essencial da história.

DISCO

HILL COUNTRY LOVE,

de Cedric Burnside (nas plataformas de streaming)

Em seu terceiro álbum solo, o guitarrista e cantor Cedric Burnside declara seu amor pelo hill country blues, subgênero musical do norte do Mississippi que há gerações se entrelaça com a história de sua família. Cedric é neto do lendário R.L. Burnside, nome incensado do blues, e faz questão de carregar o legado do avô — sem copiá-lo. O resultado é um blues moderno e potente, que incorpora elementos de rock, R&B, funk americano e outros estilos. Bom exemplo é a faixa *Love You Music,* que busca inspiração em ritmos da África Ocidental. ■

FICÇÃO

1 **UMA FAMÍLIA FELIZ**
Raphael Montes [1 | 3] COMPANHIA DAS LETRAS

2 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [5 | 92#] BERTRAND BRASIL

3 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [6 | 80#] RECORD

4 **O AVESSO DA PELE**
Jeferson Tenório [3 | 6#] COMPANHIA DAS LETRAS

5 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [8 | 134#] GALERA RECORD

6 **EM AGOSTO NOS VEMOS**
Gabriel García Márquez [7 | 4#] RECORD

7 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [10 | 71#] GALERA RECORD

8 **VERITY**
Colleen Hoover [9 | 103#] GALERA RECORD

9 **O PROBLEMA DOS TRÊS CORPOS**
Cixin Liu [4 | 2] SUMA

10 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [0 | 13#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO

1 **O ANIMAL SOCIAL**
Joshua Aronson [0 | 3] GOYA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [3 | 37#] VESTÍGIO

3 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [1 | 192#] OBJETIVA

4 **A CADA PASSO**
Anderson Birman [10 | 5#] CITADEL

5 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [4 | 39#] VÁRIAS EDITORAS

6 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [7 | 54#] VOZES

7 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [5 | 74#] BEST SELLER

8 **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [8 | 35#] CAMELOT EDITORA

9 **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [6 | 15#] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [9 | 184#] ROCCO

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 CAFÉ COM DEUS PAI 2024
Junior Rostirola [1 | 16#] VÉLOS

2 O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA
George S. Clason [4 | 163#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 A PSICOLOGIA FINANCEIRA
Morgan Housel [2 | 29#] HARPERCOLLINS BRASIL

4 PASSOS PEQUENOS, SONHOS GRANDES
Luca Parente [0 | 1] GENTE

5 HÁBITOS ATÔMICOS
James Clear [5 | 43#] ALTA BOOKS

6 AS 48 LEIS DO PODER
Robert Greene [9 | 15#] ROCCO

7 MAIS ESPERTO QUE O DIABO
Napoleon Hill [7 | 243#] CITADEL

8 FORÇA, FORTALEZA!
Marcelo Facchini [0 | 6#] CITADEL

9 OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA
T. Harv Eker [0 | 453#] SEXTANTE

10 NEGÓCIOS COM PROPÓSITO: IMPACTO E LUCRO LADO A LADO Anderson Rodrigues [0 | 1] GENTE

INFANTOJUVENIL

1 O TRONO DO PRISIONEIRO (VOL. 2 – O HERDEIRO ROUBADO)
Holly Black [0 | 1] GALERA RECORD

2 O PEQUENO PRÍNCIPE
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 413#] VÁRIAS EDITORAS

3 O FABRICANTE DE LÁGRIMAS
Erin Doom [0 | 1] HARPERCOLLINS BRASIL

4 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL
J.K. Rowling [2 | 421#] ROCCO

5 DEPOIS DAQUELE VERÃO
Carley Fortune [0 | 1] BUZZ

6 O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO
Charlie Mackesy [0 | 20#] SEXTANTE

7 AS AVENTURAS DE MIKE
Gabriel Dearo, Manu Digilio [4 | 25#] OUTRO PLANETA

8 DIÁRIO DE UM BANANA
Jeff Kinney [3 | 25#] VR

9 AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON
Gabriel Dearo e Manu Digilio [5 | 12#] OUTRO PLANETA

10 MERGULHO NA ESCURIDÃO
Elley Cooper e Scott Cawthon [6 | 2] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

SINAL AMARELO

NO VERÃO de 2015, investigadores da Lava-Jato ainda tateavam o novelo da corrupção na Petrobras, quando bancos e corretoras de valores estrangeiros começaram a achar a situação preocupante.

O caso atraiu a atenção de Aswath Damodaran. Professor de finanças corporativas e avaliação de ações na Universidade de Nova York, ele se diverte no estudo dos jogos de poder empresariais. “Posso não ter o poder de mudar o *status quo* em nenhum negócio, mas posso mexer no pote”, costuma dizer. Pouco tempo depois, Damodaran publicou um artigo no blog da universidade. Sua conclusão: “A Petrobras se qualifica como uma calamidade”.

No desastre anunciado, encontrou lições que julgou úteis para levar à sala de aula. “A primeira”, destacou, “é reconhecer que há todas as razões para ser cético quando políticos reivindicam ‘interesse nacional’ e se intrometem incessantemente em corporações públicas.”

“Na maioria dos casos”, acrescentou, “o que você tem são interesses políticos, que podem ou não coincidir com interesses nacionais, em que políticos eleitos e funcionários do governo usam o dinheiro dos acionistas para avançar sua posição.”

Passaram-se nove anos. A Lava-Jato está sepultada em Curitiba, mas investigações seguem nos Estados Unidos e na meia dúzia de países onde se considera que as regras da disputa empresarial foram violadas.

A Petrobras confessou fraudes, fez alguns acordos (já custaram 4 bilhões de dólares) e negocia outros em tribunais no exterior. Conseguiu se reconstruir com mudanças nos padrões operacionais e redução do endividamento, e voltou a ser rentável para acionistas (o governo controla 29,7% das ações). Mas permanece sob a bruma do patrimonialismo, sem distinção da fronteira entre público e privado.

Cresceu o risco derivado de intervenções políticas indevidas na gestão entre os governos Jair Bolsonaro e Lula. As motivações variam, mas a justificativa é sempre a mesma: "Interesse nacional".

Há cinco meses, Lula mantém na frigideira o presidente da empresa, Jean Paul Prates. Ajudam a assoprar o fogo da fritura os ministros Rui Costa (Casa Civil) e Alexandre Silveira (Minas e Energia) e parte da cúpula do Partido dos Trabalhadores. Renova-se no governo a disputa de poder e influência sobre o destino dos recursos da companhia.

São 20 bilhões de dólares em caixa, o equivalente a 100 bilhões de reais, na estimativa do mês passado. É um volume de dinheiro relevante em qualquer lugar do planeta. Tem dimensão similar à soma dos investimentos anunciados por indústrias estrangeiras nas linhas de produção de automóveis nos próximos seis anos, amparados em isenções fiscais e subsídios estatais.

Aumenta o interesse político no caixa bilionário da Petrobras"

A cobiça sobre essa dinheirama está delineada na profusão de críticas à companhia difundidas no Palácio do Planalto, nos ministérios e em grupos parlamentares. Na semana passada, algumas foram listadas em documentos apócrifos. Um deles acabou homologado pela própria empresa, em resposta ao repórter Caio Junqueira. As intrigas permitem entrever o enredo de interesses políticos emaranhados nessa nova versão do jogo de poder na Petrobras.

Lula quer estatizar a Braskem, líder em petroquímica, onde a Petrobras é sócia do grupo Odebrecht (agora Novonor), nave-mãe da corrupção desvelada na Lava-Jato. Também quer contratos garantidos para estaleiros que naufragaram no "polo naval" da falida Sete Brasil, além de subsídios para "abrasileirar" preços dos combustíveis queimados nas ruas pelo eleitorado de classe média.

É grande a fila no balcão da Petrobras. Geraldo Alckmin, vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio, reclama engajamento financeiro na "neoindustrialização" e em insumos agroindustriais. Rui Costa (Casa Civil) partilha com Alexandre Silveira (Minas e Energia) ansiedades sobre usinas

térmicas a gás, refinarias e produção de fertilizantes. Celso Sabino (Turismo) e Silvio Costa Filho (Portos e Aeroportos) desejam combustível a preços reduzidos para empresas aéreas. A representação dos petroleiros (FUP) pretende manter o controle das áreas de segurança, saúde e meio ambiente da companhia. O PT e o MDB batalham por fábricas de fertilizantes no Paraná, na Bahia, em Sergipe e no Mato Grosso do Sul. Já os governadores da Amazônia pedem a abertura de poços de petróleo na bacia do Amazonas.

Todos reivindicam tudo em nome do "interesse nacional". Os sinais amarelos estão visíveis nessa disputa de poder e influência política sobre o caixa da empresa pública. Por isso, não é exagerada a receita de prudência do professor nova-iorquino. Sobram razões para ceticismo sobre o futuro da Petrobras. ■